

Esmeraldo de situ orbis

Duarte Pacheco Pereira

first public draft (v. 1.0)

RUTTER Project Edition

Title: Esmeraldo de situ orbis
Author: Duarte Pacheco Pereira
Editorial Supervision: Henrique Leitão
Coordination: Juan Acevedo and Silvana Munzi

Editorial Team:

Fabiano Bracht (Editor) . Henrique Leitão (Editor, General Supervision) .
José Maria Moreno Madrid (Editor) . Juan Acevedo (Coordinator, Editor) .
Luana Giurgevich (Editor) . Miguel Moço (Editor, Graphic Design, Coding) .
Nuno Vila-Santa (Editor) . Silvana Munzi (Coordinator, Editor)

Publisher: ERC RUTTER Project, University of Lisbon (Lisbon), 2022
Series: Rutter Project Digital Collection 1
DOI: 10.5281/zenodo.6498014
Licence: Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Project: ERC RUTTER Project

Principal: Henrique Leitão

Funder: ERC, European Research Council under the European Union's
Horizon 2020 research and innovation programme (grant agreement No.
833438).

Sponsors:

FCUL, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

CIUHCT, Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia

Índice

1. Princípio do Primeiro Livro e particular declaração de alguns círculos superiores e assento da terra.	18
1. Capítulo 1	18
2. Da quantidade e grandeza da terra, e da água qual destas é a maior parte.	19
3. De como Sem Cam e Jafé Filhos de Noé depois do dilúvio cada um habitou sua parte da terra e como lhe puseram nome Europa, Ásia e África, e os lugares por onde se dividem.	23
4. De como Sem Cam e Jafé Filhos de Noé depois do dilúvio cada um habitou sua parte da terra e como lhe puseram nome Europa, Ásia e África, e os lugares por onde se dividem.	24
5. Das quatro bocas que o Nilo faz e onde se mete no mar.	26
6. Como é coisa proveitosa saber-se donde se devem contar os graus de ladeza e da longura do orbe.	28
7. Da tábuca dos graus que se estes lugares apartam em ladeza da linha equinocial contra o pólo Ártico.	29
8. Do círculo da equinocial e donde se entendem os graus do orbe da longura e ladeza.	40
9. Do curso que o sol faz contra cada um dos trópicos.	41
10. De como se hão-de juntar os graus que o sol subir aos graus de sua declinação ou se hão-de tirar a declinação da altura que assim subir.	43
11. Do modo e conto que nos é necessário para se saber o encher e vaziar do mar na maior parte da Espanha e assim em outras partes onde houver marés.	45

12. Como para se tirar e saber a maré é necessário saber primeiro agulha de marear.	47
13. Como os cosmógrafos antigos começaram a escrever o circuito do orbe da boca do estreito para fora a qual ordem nós seguiremos.	51
14. Das rotas, conhecenças, sondas e marés e graus que o pólo Árctico se levanta sobre o círculo do hemisfério de Tânger para diante contra Guiné e Índia.	54
15. Das rotas, conhecenças, sondas e marés e alturas do polo ártico de Arzila para Larache e dali para baixo.	56
16. Das rotas, conhecenças, sondas, marés, alturas do polo de El Mansouria e Fedala para diante contra Guiné e Índia.	59
17. Das rotas, conhecenças, sondas e marés, alturas do pólo ártico de Anfa para Azamor e daí para adiante.	61
18. Das rotas, sondas, conhecenças de terras e alturas do polo ártico de Tyty em diante correndo pela segunda parte do reino de Fez.	64
19. Das rotas, sondas, conhecenças de terras e alturas do polo ártico de Tyty em diante correndo pela segunda parte do reino de Fez.	67
20. Das rotas e conhecenças das terras e graus que se o pólo ártico aparta da equinocial do Cabo de Gué em diante.	70
21. Dos Montes Claros e sua bondade assim do fabuloso Monte Atalante.	73
22. Como Deus revelou ao virtuoso Infante D. Henrique que descobrisse as Etiópias de Guiné por seu serviço e daqui por diante começa o seu descobrimento.	76

23. Como costumamos navegar estas Etiópias de Guiné da Cidade de Lisboa	82
24. Das rotas e conhecenças do Cabo Branco em diante para o Cabo Verde	86
25. Do Deserto de Arguim e dos lugares que estão além dele	87
26. Do caminho que se deve fazer de Arguim para diante até ao Rio de Sanagá e dali até Cabo Verde por dentro pela enseada.	90
27. Onde vem o Rio de Sanagá e das coisas que nele há, e das duas Etiópias.	92
28. Do caminho e rota que se deve tomar do Rio de Sanagá para o Cabo Verde e das ilhas que estão em mar cem léguas do dito cabo.	96
29. Das rotas e conhecenças da terra que vai do rio dos Barbacins para o Rio de Gâmbia.	100
30. Do caminho, rotas, e conhecenças do Rio de Gâmbia para o Cabo Roxo e Rio Grande.	103
31. Do Rio Grande e do que nele há	104
32. Dos rios que vão adiante do Rio Grande e alguns que são dentro dele e assim das rotas e conhecenças até à Serra Leoa.	106
33. Da Serra Leoa e das coisas que nela há, e como o virtuoso Infante Dom Henrique descobriu esta terra do Cabo de Não até aqui somente.	111
2. Princípio do Segundo Livro do Esmeraldo de Situ Orbis, do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom Afonso, o Quinto de Portugal. segue-se primeiramente o prólogo.	116

1. Prólogo	116
1. Do segundo livro do Esmeraldo de Situ Orbis	118
2. Do Rio das Galinhas	120
3. Do 2.º livro do Esmeraldo de Situ Orbis	123
4. Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis, das rotas e co- nhecenças do Cabo das Palmas até o castelo de São Jorge da Mina.	127
5. Do Esmeraldo de situ orbis, e do Castelo de São Jorge da Mina e do que nele há e o tempo em que foi edificado.	133
6. Do caminho e rotas e conhecenças do castelo de São Jorge da Mina em diante.	135
7. Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis do Castelo de São Jorge da Mina em diante.	137
8. Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis.	141
9. Das rotas, conhecenças e graus do Cabo Feroso adiante.	144
10. Do Segundo livro do Esmeraldo de situ orbis da terra de Fer- nãõ do Pó.	146
11. Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis das rotas e co- nhecenças da terra do Rio do Gabão até o Cabo de Catarina que por outro nome se chama o Cabo Primeiro	149
3. Princípio do Terceiro Livro do Esmeraldo de Situ Orbis do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom João o segundo de Portugal. Segue se primeiramente o prólogo.	153

1. Prólogo	153
1. Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do que descobriu o sereníssimo rei Dom João o segundo de Portugal.	155
2. Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do Reino do Congo e da terra dos anzicos onde comem os homens.	157
3. Das rotas, léguas e graus da ponta de São Lourenço em diante.	160
4. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis.	163
5. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis do Trópico de Capricórnio em diante	165
6. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis da Serra da Pena e sua lombada, rotas, conhecenças da terra até o Cabo da Boa Esperança.	168
7. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis e como se descobriu o Cabo da Boa Esperança onde África faz fim.	169
8. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis das rotas, conhecenças e graus até o Ilhéu da Cruz, onde o sereníssimo Rei Dom João o segundo acabou seu descobrimento.	172
9. Do terceiro livro do esmeraldo de situ orbis da Angra de São Brás até o Ilhéu da Cruz e daí até o Rio do Infante, das rotas e alturas dos graus	175
4. Princípio do Quarto Livro do Esmeraldo de Situ Orbis do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom Manuel Nosso Senhor o primeiro deste nome que reinou em Portugal. Segue-se primeiro o prólogo.	179

1. Prólogo	179
1. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis do que disseram alguns escritores antigos como a linha equinocial e a terra que jaz debaixo dela era inabitável.	181
2. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis, das quatro naus que El-Rei nosso senhor mandou descobrir a Índia	183
3. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis, das armadas que El-Rei nosso senhor cada ano manda fazer para a Índia depois que foi descoberta.	184
4. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis, do caminho e navegação que as naus que houverem de ir para a Índia devem fazer.	186
5. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis, como se deve fazer o caminho de Cabo Verde para a Índia pelo golfo.	188
6. Do quarto livro do esmeraldo de situ orbis, do que descobriram El-Rei nosso senhor do Rio Infante em diante.	190

Preface to v.1.0 of the Digital Edition

The *Esmeraldo de situ orbis*, by Duarte Pacheco Pereira, was composed in the early years of the sixteenth century, when the Portuguese had already completed their systematic, decades-long reconnaissance of the West African coasts, they had already turned the Cape of Good Hope, and were in the first years of their Indian Ocean ventures, altering once and forever global geopolitics. The importance of the *Esmeraldo* as a direct, first-hand witness of these decisive years cannot be exaggerated. There is much literature about this, and the readers will find the necessary references in our Bibliography below.

This historical importance of the book makes even more unexpected, and truly astounding, its textual history. Basically, the two known manuscripts, already copies of a lost original, lay half-forgotten in libraries until the 19th century, and a first edition was only produced in 1892 by Raphael Eduardo de Azevedo Basto. After two additional insufficient attempts, a critical text was finally published, posthumously, by Joaquim Barradas de Carvalho in 1991. This superb edition is, however, very bulky and notoriously hard to get hold of. And so, it is no wonder that until now there has been scarcely any adequate commentary that does justice to the scientific richness and value of the text of the *Esmeraldo*. In this regard, we offer our text as a stable starting point for the launch of future research projects.

This first digital version of the *Esmeraldo* started from the 1892 text made available by the Biblioteca Nacional de Portugal (link: <https://purl.pt/28964>), whilst incorporating all the corrections by Barradas de Carvalho (abbreviated BC in our text, with references to its pagination), and consulting the manuscripts for

any dubious passages. Thus, from a textual point of view, our edition aims at giving continuity to Barradas de Carvalho's efforts. By consulting the two known manuscripts, first the one in Évora (BPE COD. CXV/1-3, ca. 1750; link: <https://purl.pt/27102>), and second, the one at the Biblioteca Nacional (BNP Cod.888, post 1750; <https://purl.pt/21999>), we have been able to add minor improvements to the 1991 edition. Though this first version of the digital edition is still in need of improvements which we continue to implement, it may henceforth be considered the reference text for the *Esmeraldo de situ orbis*. We are extremely happy to make of this important work the first volume of the ERC RUTTER Project Digital Library, and we will be most grateful for feedback from our colleagues worldwide.

Though we have consulted the manuscripts at every turn, and compared our readings with those of previous editors, ours is not a philological or diplomatic edition. Working as we are, within the framework of History of Science, we have given priority to the information conveyed by the text, leaving aside formal questions which have been sufficiently addressed by previous editions. This fundamental decision, added to the intention to make of this a fully searchable and actionable text, explains our textual choices, which we summarise here below and which are embedded in the TEI-XML files.

Taking advantage of current technologies, the text is being progressively tagged to identify categories of textual elements such as geographic and personal names, dates, bibliographical references, plants and animals. This tagging is a work in a progress, and the reader is encouraged to try out the display possibilities through the Options menu.

Normalization rules

We have adopted modern Portuguese spelling (pre-1990) whenever possible, meaning that early Portuguese and Latinate forms have been normalized, e.g. *rostro* > *rosto*; *hapracelado/hapracilado* > *aparelado*. In the case of toponyms, this has often meant striking a balance between early modern forms and our current spellings. In this task, which included the identification of locations sometimes missed by previous editors, we relied on the magnificent online library of the MEDEA Chart Project (link: <https://www.medea-chart.org/about>), which means we were able, as an editorial team, to study the details of early modern charts nomenclature before settling on a particular reading and geolocation. When toponyms refer unequivocally to a location, we have often opted for modern spelling (e.g. *Maguadoxo* > *Mogadíscio*; *Jany* > *Djenné*), only retaining early spellings or names as a compromise, to maintain medieval names which have no formal relation to our spellings (e.g. retaining the Latin name *Argentina* for *Strasbourg*); in such cases we are adding notes to alert the reader.

Other rules adopted are:

- ethnonyms are given in lowercase: *Mandinga* > *mandinga*.
- historical cedilla has been treated phonetically and modified as needed, e.g. *Çanagá* > *Sanagá*; *Çafim* > *Safim*; *Meça* > *Messa*.
- historical digraphs *ua*, *uo* and *uu* have in most cases been reduced to represent their pronunciation, e.g. *Sanagua* > *Sanagá*; *egurobo* > *egorebo*; *Nanuus* > *Nanus*.

- Roman numerals, except for centuries, as is current Portuguese usage, have been converted to Indo-Arabic.
- technical terms like *ladeza* have been mostly left in their original forms when the meaning is unequivocal, often opting for archaisms to retain certain closeness to the original forms.
- cardinal points: in keeping with the usage in Portuguese nautical literature, we retain alternative forms *loeste/oeste* and *leste/este*.
- punctuation has been left to a minimum, even in some cases where the reading is difficult. In a few exceptional cases we have felt obliged to insert a preposition or a conjunction [in square brackets] to ease reading.

ERC RUTTER Editorial Team

Lisbon, 28 February 2022

Supervision:

Henrique Leitão

Coordination:

Juan Acevedo and Silvana Munzi

Editorial team:

Juan Acevedo

Fabiano Bracht

Luana Giurgevich

Henrique Leitão

Miguel Moço

José María Moreno Madrid

Silvana Munzi
Nuno Vila-Santa

Digital design and implementation:
Miguel Moço

With thanks to our interns:
Débora Albuquerque, Rodolfo Cunha, Miguel C. Fernandes,
Tiago Rocha e Mello

Princípio do Primeiro Livro e particular declaração de alguns círculos superiores e assento da terra.

Capítulo 1

Não devemos duvidar que os filósofos e antigos sabedores disseram que este nome de mundo e de céu, ou qualquer coisa que é, uma mesma coisa é e, em seu cerco, a si e a todas as coisas cobre; e onde o sol nasce chamaram oriente ou nascimento e onde se esconde ocidente escondido, e por onde corre meio dia e das partes contrárias setentrião austro e isto que ora brevemente é dito somente toca aos círculos superiores e em adendo mais na matéria afirmaram que a terra neste meio é posta como centro e de toda parte é cingida pelo mar e ela mesma em duas partes que hemisférios são chamados desde oriente dividida até ocidente volvendo em oriente por cinco zonas é repartida; a zona do meio que equinocial se chama, ou cinta do primeiro movimento, pelo grande ardor do sol é a faz afadigada e com todo seu tormento grandemente povoada por cuja causa se crê que os etíopes são tão negros de cor por este círculo a eles ser propínquo e as últimas partes vizinhas aos pólos pela muita frialdade dizem que a natureza desta região cria as gentes em subido grau de alvura e formosura das outras duas temperadas que si iguais fazem os tempos do ano mas não de todo igualmente e destas duas se diz que os antipodes habitam uma parte e nós a outra os quais são homens que moram na parte contraria da terra onde o sol nasce quando se põe a nós que fazem as suas pegadas em contrário das nossas, e por

isso são chamados antípodas, e por tal modo é o assento do orbe composto que se algum homem pudesse furar a terra e lançasse uma pedra da sua superfície cuidando que passaria do outro cabo ela não iria senão até o centro, e ali estaria queda porque ali é o mais baixo e o meio; e deste lugar para qualquer parte seria subir que é impossível e contra natureza nenhuma coisa pesada poder ir para cima e mover-se do centro para a circunferência assim que os antípodas habitam uma parte e nós a outra, e nesta em que habitamos nenhum é contente de todo o bem que possui e enfim oito pés de terra nos abastam e ali se acaba de consumir a vaidade de nossas cuidações.

Capítulo 2

Da quantidade e grandeza da terra, e da água qual destas é a maior parte.

Escrever o sítio do orbe com a grandeza de toda a terra e do mar, as ilhas, as cidades, as fortalezas, animais com todas as outras coisas que nele são, tanto é longa como difícil matéria e de elegância não capaz e a ordem dela a faz intrincada, a qual pela quantidade de tamanho corpo impossível é ser particularmente sabida mas pela admiração de tão excelente coisa muito digna de ser escrita e praticada; e por tanto devemos primeiro considerar como os filósofos que nesta matéria falaram, disseram que a terra toda é cercada pelo mar consentindo seus entenderes que a soma de nosso orbe, o assento de nossa vida, a glória de nossos impérios, para proveito das águas em ilha seja feita e nisto muito afirmadamente tiveram assaz fundadas opiniões e alguns dos doutores modernos

desvairadas e contrárias intenções; os quais quiseram mostrar, por autoridades da sagrada escritura e suficientes razões contrárias aos antigos, como a terra é muito maior que todas as águas delas todas juntamente jazem metidas dentro na sua concavidade e fundura, e elas são cercadas pela mesma terra pelo qual devemos notar o que diz Jacobo bispo de Valença excelente letrado e mestre na sacra teologia sobre este passo em uma sua glosa que fez sobre todo o saltério e falando no Salmo 103 que começa «Benedic, anima mea, Domino», o qual tem um verso que diz, «Qui fundasti terram super stabilitatem suam» que as águas todas jazem metidas dentro na concavidade da terra e a terra é muito maior que todas elas, e Plínio no seu segundo livro da Natural História capítulo sessenta e sete diz que todas as águas são postas no centro da terra e isto é conclusão que se não deve negar; e porque se mais claramente mostre a verdade notemos o primeiro capítulo do Génesis que diz assim «ajuntem-se as águas num lugar a terra»; enquanto disse-o mandou que este ajuntamento fosse feito num só lugar bem parece que a terra não é cercada pelo mar; e se a terra pelas águas houvera de ser cercada não dissera o preceito que se juntassem num só lugar nem era necessário dizer-se; mas antes dissera apartem-se as águas a terra e sendo mandado nesta maneira não era para duvidar a terra cercada pelas águas, e somente tirava uma pequena parte dela descoberta para vida dos animais; mas como lhe foi posto termo particular dado que se juntassem num só lugar, logo se manifestou que as águas ficaram dentro na concavidade da terra porque sua natureza é sempre correr pela parte mais baixa e elas seguindo naturalmente seu epíteto fizeram o mandato do Sumo Criador e portanto podemos dizer em que isto se fez naturalmente e como quer que a mais baixa parte da terra é o seu centro e o meio dela sobre o qual as águas estão fundadas, por tanto disse o profeta David no Salmo 32 que começa «Exsultate justi», assim como em odre as águas do mar pôs os tesouros em o abismo; e

como assim seja que o abismo da terra é o seu centro dos tesouros das águas são postos no mesmo lugar que é o seu próprio assento, segue-se que a terra tem água dentro em si e o mar não cerca a terra como Homero e outros autores disseram, mas antes a terra por sua grandeza tem cercadas e incultas todas as águas dentro na sua concavidade e centro, e além do que dito é a experiência que é madre das coisas nos desengana e de toda dúvida nos tira, e por tanto bem aventurado príncipe «temos sabido e visto como no terceiro ano de vosso reinado do ano de nosso senhor de mil quatrocentos noventa e oito donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental passando além a grandeza do mar oceano onde é achada e navegada uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial contra o pólo Ártico» e posto que seja assaz fora é grandemente povoada, e do mesmo círculo equinocial torna outra vez e vai além em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o pólo Antártico e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura que de uma parte nem da outra nem foi visto nem sabido o fim e cabo dela pelo qual segundo a ordem que leva é certo que vai em circuito por toda a redondeza, assim que temos sabido que das praias e costa do mar destes reinos de Portugal e do promontório de Finisterra e de qualquer outro lugar da Europa e de África e de Ásia atravessando além todo o oceano diretamente a ocidente ou a oeste segundo ordem de marinharia por trinta e seis graus de longura que serão seiscentas e quarenta e oito léguas de caminho contando a dezoito léguas por grau, e a lugares algum tanto mais longe é achada esta terra não navegada pelos navios de Vossa Alteza e por vosso mandato e licença os dos vossos vassallos e naturais; e indo por esta costa sobredita do mesmo círculo equinocial em diante por vinte e oito graus de ladeza contra o pólo Antártico é achado nela muito e fino Brasil com outras muitas coisas de que os navios nestes reinos vem grandemente carregados,

e primeiro muitos anos que esta costa fosse sabida nem descoberta disse Vicente historial no seu primeiro livro que se chama Espelho das histórias no capítulo cento e setenta e sete, «Além das três partes do orbe a quarta parte é além do mar oceano interior no meio dia em cujos termos os antipodes dizem que habitam» ; ora como assim seja que esta terra de além é tão grande e desta parte de aquém temos Europa, África e Ásia, manifesto é que o mar oceano é metido no meio destas duas terras e ficam médio terraneo pelo qual podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra como os filósofos disseram mas antes a terra deve cercar o mar pois jaz dentro na sua concavidade e centro, pelo qual concluo que o mar oceano não é outra coisa senão uma muito grande lagoa metida dentro na concavidade da terra e a mesma terra e o mar ambos juntamente fazem uma redondeza de cujo meio saem muitos braços que entram pela terra que médios terrâneos são chamados, e que isto cremos por verdade ainda nos fica por dizer em quanta parte dela a terra é maior que água como somente água ocupa a sétima parte dela segundo se mostra no quarto livro do profeta Esdras no capítulo sexto que diz assim, «e no terceiro dia mandastes as águas ajuntar na sétima parte da terra, verdadeiramente as seis partes secastes»; assim que água é posta na sétima parte da terra e as seis partes dela são descobertas para vida da natureza humana e dos outros animais, e assim é razão que o creiamos.

Capítulo 3

De como Sem Cam e Jafé Filhos de Noé depois do dilúvio cada um habitou sua parte da terra e como lhe puseram nome Europa, Ásia e África, e os lugares por onde se dividem.

Admoesta-me que diga como depois do universal dilúvio e total destruição do qual por divino privilégio o Santo Noé e seus filhos escaparam sendo a terra descoberta das águas e elas recolhidas em seu lugar por eles e sua geração foi possuído todo o universo e por esta causa se diz que Sem seu primogênito ajuntou a parte oriental e Cam a parte do meio dia, e Jafé habitou a parte setentrional, e assim como estes somente foram três irmãos filhos deste Santo Padre assim quiseram os antigos escritores que a terra que souberam em três partes devisa fosse. E depois de passados muitos anos da reformation das gentes que no dilúvio se perderam e o orbe cheio da geração humana abastada de doutrina pelo Homero e outros antigos cosmógrafos que a mesma terra por muitos anos andaram e de outras pessoas que isso mesmo por verdadeira informação a souberam em três partes notáveis a dividiram; e «na quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir além do oceano» por a eles ser incógnita coisa alguma não falaram; as quais três Ásia, Europa e África são chamadas cujos nomes de seu antigo princípio até agora longamente sempre duraram, Ásia dizem que houve este nome de uma rainha assim chamada que esta parte assenhoreou; e o nome de África se afirma ser tomado de Efer filho de Abraão, o qual trazendo grande exército nesta parte e vencendo os habitadores dela aqueles que depois a possuíram áferos foram chamados e agora africanos e por esta causa se crê que toda esta região África é chamada; a Europa tomou este nome de uma rainha filha do rei

Agenor de Líbia que o mesmo nome tinha; e ora estas sejam as causas por onde estes nomes lhe foram postos ora qualquer outra que seja por estes universalmente os nomeamos e conhecemos; e estas três pelo estreito gaditano ocidental que por Ceuta entra com dois famosos rios ou seja Tánais e Nilo em três partes são divididas, cuja divisão faz principio nos montes Rifeus que estão debaixo do pólo Ártico onde Tánais nasce o qual correndo contra meio dia pela Região de Citas fazendo seu curso com grande ímpeto entra no mar de Lataria que antigamente palude Meon se chamava, e por este rio e pelo mesmo medio terraneo de Ceuta que adiante corre pelo estreito de Trácia que Helesponto houve já nome onde a Cidade de Constantinopla é situada fazendo fim adiante na Lagoa Meõns, Europa de Ásia claramente é partida.

Capítulo 4

Do nascimento do Nilo e por onde corre

Do rio Nilo nos Montes da Lua nasce além do círculo da equinocial contra o pólo Antártico e daí corre os quais montes segundo a descrição de Ptolomeu e o sítio em que põe o nascimento do Nilo em trinta e cinco graus de ladeza da mesma equinocial contra o mesmo pólo as serras fragosas do Promontório da Boa Esperança devem ser; e este saindo suas fontes logo faz dois grandes lagos e dali toma seu curso por meio dos etíopes contrário de Tánais corre; e nos quinze graus de sua ladeza aparta dois braços os quais depois adiante torna a juntar e a terra que fica no meio destes braços é feita ilha e chama-se Meroé; e é muito grande e de grande povoação e com muita parte melhor, e mais rica que as outras Ilhas

que o mesmo Nilo com o derramamento de suas águas faz segundo diz Plínio no seu quinto livro da Natural História capítulo nove; e assim diz mais que Nilo corre vinte jornadas solapado por baixo da terra e no fim desta carreira torna outra vez a aparecer como se saísse a gente; e os moradores desta região cuidam que o Nilo nasce ali e correndo por este modo os lados do Egipto que todo alcança rega e a toda a província com suas águas dá mantimento, porque no mês de junho, julho, agosto, setembro sendo então no Egipto natural estio além de todo o outro tempo do ano nesta terra nunca chove Nilo sai fora de seu álveo ou madre e os egípcios campos cobre; os quais sendo asinha descobertos a terra se semeia e aproveita e a seu tempo vêm com seu fruto; e quando Nilo cresce em altura de doze côvados significa fome e em treze faz razoada abundância, e quinze a légua, e dezasseis côvados de seu crescimento grande fertilidade tudo isto diz Plínio no capítulo acima alegado; certamente coisa é muito para notar encher o Nilo nesta terra na força do maior verão; dos autores cosmógrafos que com muita diligência trabalharam saber as coisas do encher deste rio em tal tempo deram acerca disto muitas razões mas a que eu para meu contentamento tomo é que no promontório onde o Nilo nasce são os temporais opostos e contrários aos do Egipto porque se o meio do Egipto está em trinta graus de ladeza do círculo equinocial contra o pólo Ártico e a região onde o Nilo nasce segundo descrição de Ptolomeu se aparta em ladeza da mesma linha equinocial em trinta e cinco graus contra o pólo Antártico; no qual lugar nos meses acima ditos sabemos certo que então é ali a força do maior inverno e as águas chovidas nesta terra em poucos dias são vindas ao Egipto pelo seu veloz curso posto que então ali seja verão e por esta causa parece que o Nilo faz este enchimento.

Capítulo 5

Das quatro bocas que o Nilo faz e onde se mete no mar.

Das alagoas do rio Nilo de que neste capítulo acima falamos temos sabido que delas um grande braço corre por meio da Etiópia inferior contra ocidente o qual segundo a ordem do caminho que trás das longas terras de que vem dizem os etiopes que o rio de Sanagá é; porque de todos os rios desta região da Etiópia os quais por muitos anos cada dia praticamos, sabemos certo que este é o maior segundo se mais largamente dirá no capítulo que adiante vier que do rio de Sanagá falar o outro braço que contra setentrião corre temos sabido que no mar egípcio vizinho do arquipélago com quatro bocas agora nele entra; a maior e principal delas de muito longa antiguidade Canopo houve nome por respeito do piloto de Menelau que o mesmo nome tinha se diz que ali morreu a qual foz agora Raxete é chamada pela qual vão muito grandes barcas e fustas até a grande cidade do Cairo e dali para cima grande caminho navegam, e deste lugar indo pelo Nilo acima até a origem dele se divide Ásia de África e da ourela de Nilo em diante toda aquela parte que se estende vai contra oriente até o mar em que habitam os etiopes sob Egipto e dali além contra a Índia rodeando a entrada e foz do rio Ganges e a região dos chineses passando adiante os Montes Hiperbóreos e a grande província e região de Catai que antigamente Cítia se chamava até vir acabar no mar que da parte do setentrião se ajunta com Noruega a qual em outro tempo Dácia havia nome toda esta parte por Ásia se nomeia; e a outra parte que de Nilo volve contra ocidente por meio da terra também correndo pela costa de médio terraneo gaditano ocidental e saindo pela boca do estreito de Ceuta fora rodeando esta terra das Etiopias de Guiné até fazer fim no Promontório da Boa

Esperança, toda esta parte por África é contada; e o mesmo médio terraneo é aquele que aparta África da Europa do qual contra setentrião Europa chamamos e da parte do meio dia África é dita; a qual pelos antigos escritores em cinco partes foi partida, a primeira delas se chamou Líbia por causa da costa e parte marítima que vem do Nilo até o Cabo de Antrefulcos onde é situada a vila de Melilha ser chamado mar Líbico donde esta província de Líbia houve nome por respeito deste mar; a segunda parte se chamou Mauritània e esta se estende desde Melilha onde é o fim de Líbia até a antiga cidade de Tingi que agora por nome novo Tânger chamamos e por esta região tem este nome de Mauritània as gentes dela se chamam mauros e por corrupção do vocábulo nós a todos universalmente por mouros os nomeamos; a terceira parte houve nome Tingitânia porque o nome desta antiga cidade de Tingi tomou o seu litoral e costa do mar dura até a cidade de Safim; a quarta parte é Atlântica o qual nome tomou do fabuloso Monte Atalante e dura costa até o princípio da Etiópia pelo qual o mar desta ribeira se chamou Atlântico; a quinta parte é Etiópia inferior ou grande da qual Vossa Alteza somente possui o comércio, e nestas cinco partes é partida toda África e quanto é Ásia adiante em seu lugar se dirá o que a ela toca e o que dizem alguns autores de Ásia ele ser maior que Europa e África ambas juntas e portanto concluo que por este médio terraneo e dois rios ou seja Tánais e Nilo estas três partes são divisas; e todos os antigos cosmógrafos isto disseram mas na quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir além do oceano por a eles ser incógnita coisa alguma não falaram e porque melhor se possa entender esta nossa obra pusemos aqui pintado um «mapa mundi» da feição e descrição destas terras no qual entrara a Europa posto que dela não escrevamos por uma das quatro partes do orbe, ainda que os antigos escritores afirmaram serem três somente ou seja Europa, Ásia e África de que já atrás falamos, e diz Plínio no seu terceiro

livro da Natural História capítulo primeiro que por a Europa ser mais excelente que todas as outras partes ela é nos dá o criador dos povos vencedores das gentes e o seu sítio e assento é muito mais formoso que todos os outros, e alguns antigos escritores disseram que por Europa ser de tanta bondade estimaram que fosse não a terça parte da terra mas a metade dela; nem devemos duvidar que de cidades, vilas e fortalezas cercadas de muro e outros sumptuosos e formosos edifícios Europa precede Ásia e a África e assim as precede de muita e melhor frota de naus melhor aparelhadas e armadas que todas as outras partes; e não podem negar os asiáticos e africanos que toda abundância das armas e polícia delas com outras muitas artilharias Europa possui e sobretudo os mais excelentes letrados em todas as ciências que o orbe em si tem com outras muitas coisas da vantagem de todo o circuito da redondeza; e porque sua excelência é tanta que em poucas palavras se não podem compreender nos pareceu melhor o calar que pouco escrever.

Capítulo 6

Como é coisa proveitosa saber-se donde se devem contar os graus de ladeza e da longura do orbe.

Pois temos prometido que nesta nossa obra tratemos da marinharia e coisas do mar a razão e fundamento dela nos obriga cumprir com nossa promessa e por que as coisas da astronomia são assim fundadas que para este caso podem muito aproveitar nos pareceu bem escrever aqui em quantos graus se alguns lugares de nós sabidos apartam em ladeza da linha equinocial para o pólo Ártico ou Antártico e por quanto é necessário darmos a entender ao indulto

vulgo o modo destes graus donde se deve contar a ladeza e longura do orbe e principalmente aos marinheiros os quais por causa de sua navegação dentro desta marítima e orbicular superfície podem receber muita utilidade se isto quiserem aprender pois costumam navegar por longa distância muitas províncias e terras e por isto pusemos aqui a tábua dos lugares, cidades, vilas, e ilhas segundo se cada um aparta em ladeza da equinocial para o pólo Ártico ou Antártico como dito é adiante diremos donde se há-de tomar a dita ladeza e longura do orbe ou redondeza do mundo.

Capítulo 7

Da tábua dos graus que se estes lugares apartam em ladeza da linha equinocial contra o pólo Ártico.

	Graus	minutos
Item. Jerusalém em trinta e três graus	33	00
Egipto em vinte nove graus e cinquenta minutos	29	50
Babilónia em trinta e três graus e trinta minutos	33	30
Meca em vinte e um graus quarenta minutos	21	40
Damasco em trinta e três graus	33	00
Acre em trinta e três graus	33	00
Faium do Egipto em vinte e nove graus	29	00
Damieta em trinta e um graus	31	00
Anburi(?) em vinte graus	20	00
Alcansatina(?) em quarenta e cinco graus	45	00

Rodes em trinta e seis graus	36	00
Sardenha em trinta e oito graus	38	00
Cezilia em trinta e sete graus	37	00
Roma em quarenta dois graus	42	00
Alexandria em trinta e um grau	31	00
Génova em quarenta dois graus trinta minutos	42	30
Nápoles em quarenta graus quarenta minutos	40	40
Constantinopla em quarenta e três graus	43	00
Captor em trinta e um grau vinte minutos	31	20
Paris em quarenta e oito graus	48	00
Lisboa em trinta e nove graus	39	00
Santarém em quarenta graus	40	00
Covilhã em quarenta e um grau	41	00
Medelim em Castela em trinta oito graus e cinquenta minutos	38	50
Tânger em trinta cinco graus quinze minutos	35	15
Sevilha em trinta e sete graus quinze minutos	37	15
Salamanca em quarenta e um grau dezanove minutos	41	19
Córdova em trinta e sete graus quarenta e quatro minutos	37	44
Toledo em trinta nove graus cinquenta e quatro minutos	39	54
Leão em quarenta e três graus oito minutos	43	08
Samora em quarenta e um grau e quarenta e três minutos	41	43

Toro em quarenta e um graus e quarenta e quatro minutos	41	44
Ávila em quarenta graus e quarenta e quatro minutos	40	44
Valladolid em quarenta e um graus cinquenta e um minutos	41	51
Medina del Campo em quarenta e um graus XXII minutos	41	22
Benavente em trinta e nove graus e onze minutos	39	11
Segóvia em quarenta graus cinquenta sete minutos	40	57
Burgos em quarenta e dois graus dezoito minutos	42	18
Santiago em quarenta e três graus sete minutos	43	07
Valência em trinta e nove graus cinquenta e dois minutos	39	52
Albuquerque em trinta oito graus trinta e sete minutos	38	37
Tolosa em quarenta e três graus	43	00
Vienne província em quarenta e quatro graus	44	00
Bruges em cinquenta e dois graus	52	00
Colônia Agripina cinquenta e um graus	51	00
Argentina em quarenta e sete graus	47	00
Constância em quarenta e seis graus	46	00
Augusta Vindelicorum em quarenta e seis graus	46	00
Suécia em sessenta dois graus	62	00
Noruega em cinquenta e quatro graus	54	00
Buda em Hungria em quarenta e sete graus	47	00
Vilhena em trinta e nove graus dezasseis minutos	39	16

Merida em trinta e nove graus oito minutos	39	08
Niebla em trinta e sete graus quarenta e quatro minutos	37	44
Narbona em quarenta graus quarenta e três minutos	40	43
Hita em quarenta graus quarenta e nove minutos	40	49
Cadalso em quarenta graus dezanove minutos	40	19
Cáceres em trinta e nove graus quarenta e quatro minutos	39	44
Trujillo em trinta e nove graus vinte e sete minutos	39	27
Pisa em quarenta e dois graus trinta minutos	42	30
Veneza em quarenta e cinco graus	45	00
Arzila em trinta e seis graus	36	00
Perpinhão em quarenta e dois graus trinta minutos	42	30
Pamplona em quarenta e três graus trinta minutos	43	30
Logronho em quarenta e dois graus vinte minutos	42	20
Águeda em quarenta e um grau oito minutos	41	08
Lorca em trinta e oito graus onze minutos	38	11
Múrcia em trinta e oito graus trinta e oito minutos	38	38
Tortosa em quarenta e um grau vinte e um minutos	41	21
Barcelona em quarenta e dois graus dezanove minutos	42	19
Granada em trinta e sete graus trinta e nove minutos	37	39
Verona em quarenta e dois graus	42	00
Cuenca em quarenta graus trinta minutos	40	30
Sória em quarenta e um grau trinta oito minutos	41	38

Almeria em trinta e sete graus trinta minutos	37	30
Atienza em quarenta e um grau oito minutos	41	08
Vitória em quarenta e dois graus quarenta e seis minutos	42	46
Siena em quarenta e dois graus trinta minutos	42	30
Fez em trinta e três graus	33	00
Ceuta em trinta e cinco graus vinte minutos	35	20
Algeciras em trinta sete graus vinte e dois minutos	37	22
Talavera de la Reina em trinta e nove graus cinquenta oito minutos	39	58
Écija em trinta nove graus trinta três minutos	39	33
Palência em quarenta dois graus	42	00
Valência em trinta nove graus trinta e seis minutos	39	36
Daroca em quarenta e um grau vinte minutos	41	20
Saragoça em quarenta e um grau e trinta minutos	41	30
Taraçona em quarenta e um grau cinquenta e três minutos	41	53
Narbona em quarenta e dois graus	42	00
Cartagena em trinta e seis graus	36	00
Requena em quarenta graus e dezasseis minutos	40	16
Alcântara em quarenta graus trinta minutos	40	30
Madrid em quarenta graus vinte e quatro minutos	40	24
Jaén em trinta e sete graus cinquenta e seis minutos	37	56
Guadalajara em quarenta graus e quarenta e cinco minutos	40	45

Alcalá em quarenta graus e trinta minutos	40	30
Torrelaguna em trinta e nove graus e cinquenta e oito minutos	39	58
Colônia em cinquenta e um graus	51	00
Buarcos em Portugal quarenta graus e trinta e cinco minutos	40	35
Porto de Portugal quarenta e um graus e quarenta minutos	41	40
Caminha em quarenta e dois graus trinta minutos	42	30
Ilha Terceira dos Açores em trinta e nove graus	39	00
Cabo de Finisterra em quarenta três graus e quarenta e cinco minutos	43	45
Sorlinga em
O Ouessant em
O de Sines em trinta e oito graus	38	00
Ilha de São Miguel dos Açores em trinta e oito graus	38	00
Cabo de São Vicente em trinta e sete graus	37	00
Cádiz em trinta sete graus	37	00
Cabo Espartel em trinta e cinco graus e trinta minutos	35	30
Ilha da Madeira em trinta e três graus e trinta minutos	33	30
Cabo de Cantim em trinta e três graus e trinta minutos	33	30
Trapani em Sicília em trinta e seis graus e trinta minutos	36	30
Ilha de Quios em trinta oito graus	38	00
Cabo de Santo Angelo na Morea em trinta e seis graus	36	00

Mogadíscio em Etiópia em dois graus e trinta minutos	02	30
Cochim na Índia em nove graus	09	00
Ilha de Angediva na Índia em quinze graus	15	00
Calecute na Índia em onze graus e vinte minutos	11	20
Cananor na Índia em doze graus	12	00
Coulão na Índia em oito graus	08	00
Chaul na Índia em vinte e dois graus	22	00
Melinde em Etiópia em três graus	03	00
Ilhas do Faial e do Pico em trinta e oito graus e trinta minutos	38	30
Azamor em trinta e três graus e quarenta minutos	33	40
Cabo de Gué em trinta e um graus e vinte e cinco minutos	31	25
Cabo de Não em trinta graus e vinte minutos	30	20
Ilha Fuerteventura das Canárias	28	00
Cabo Bojador em vinte e sete graus e dez minutos	27	10
Angra dos Ruivos em vinte e cinco graus	25	00
Angra dos Cavalos em vinte e quatro graus	24	00
Rio do Ouro em vinte e três graus e trinta e cinco minutos	23	35
Cabo das Barbas em vinte e um graus e trinta minutos	21	30
Cabo Branco em vinte graus e vinte minutos	20	20
Rio de Sanagá em quinze graus e vinte minutos	15	20
Cabo Verde e Angra de Bezeguiche	14	20
Cabo dos Mastos em quatorze graus e vinte minutos	14	20

Ilha de Santiago de Cabo Verde	15	20
Rio de Gâmbia em treze graus	13	00
Rio Grande em onze graus	11	00
Cabo da Verga em nove graus e vinte minutos	09	20
Ilha dos Ídolos em nove graus	09	00
Aguada da Serra Leoa em oito graus	08	00
Cabo de Santa Ana em sete graus e vinte minutos	07	20
Cabo do Monte em seis graus e quarenta minutos	06	40
Rio dos Cestos da costa da Malagueta	05	50
Cabo das Palmas em quatro graus	04	00
Castelo de São Jorge da Mina em cinco graus e trinta minutos	05	30
Castelo de São Jorge da Mina em seis graus trinta minutos	06	30
Rio do Lago em cinco graus e quinze minutos	05	15
Rio Formoso
Rio dos Escravos em
Cidade do Benim em
Cabo Formosa em
Ilha de Fernão do Pó em
Serra Guerreira em três graus	03	00
Ilha de Santo António que também se chama do Príncipe	03	00
Ilha de São Tomé da Banda do Sul em um grau	01	00
Ilhas de Cori Mori junto da Pérsia em	21	00

Ilha da Boa Vista em quinze graus e cinquenta minutos	15	50
Ilha do Sal junto com esta da Boa Vista	16	30
Ilhas de São Nicolau, Santa Luzia, São Vicente	16	40

Todas estas quatro ilhas estão juntas e perto da Boa Vista.

Estes são os graus de ladeza que se estes lugares apartam da linha equinocial contra o pólo Antártico

	Graaos	minutos
Rio do Gabão sob a equinocial	00	00
Cabo de Lopo Gonçalves em dez minutos	00	10
Rio do Padrão em sete graus	07	00
Cabo Yfuso em dez graus e quarenta e cinco minutos	10	45
Angra das Aldeias em dezasseis graus e vinte minutos	16	20
Manga das Areias em dezessete graus	17	00
Cabo Negro em dezoito graus	18	00
Angra das Baleias (??) em vinte e um graus	21	00
Cabo do Padram em vinte e tres graus	23	00
Angra da Conceição em vinte e cinco graus e trinta minutos	25	30
Angra de São Tomé (??) em vinte e sete graus e quarenta minutos	27	40
Angra das Voltas em vinte e nove graus	29	00
Morros da Pedra (??) em trinta um graus	31	00
Angra de Santa Helena em trinta e dois graus e trinta minutos	32	30

Cabo da Boa Esperança em trinta e quatro graus e trinta minutos	34	30
Cabo das Agulhas em trinta e cinco graus	35	00
Aguada de São Brás em trinta e quatro graus e trinta minutos	34	30
Rio do Infante em trinta e três graus e quinze minutos	33	15
Ilhéu da Cruz em
Ilhéus de Sanxpona (??) em trinta e dois graus e quarenta minutos	32	40
Ponta de Santa Luzia (??) em trinta graus	30	00
Ponta de Santa Marta em vinte e seis graus	26	00
Cabo das Correntes em vinte e quatro graus	24	00
Cabo de São Sebastião em vinte graus e trinta minutos	20	30
Sofala em Etiópia em vinte graus	20	00
Ilhas Primeiras em dezasseis graus	16	00
Moçambique em quinze graus	15	00
Cabo Delgado em dez graus	10	00
Quíloa em nove graus	09	00
Mombaça em quatro graus e trinta minutos	04	30

Estes são os graus da ladeza que se estes lugares da terra do Brasil de além do mar oceano apartam da linha equinocial em ladeza contra o pólo Antártico.

	Graaos	minutos
Angra de São Roque em três graus e trinta minutos	03	30
Santa Maria da Rábida em cinco graus	05	00
Cabo de Santo Agostinho em oito graus e quinze minutos	08	15
Rio de São Francisco em dez graus	10	00
Aguada de São Miguel em dez graus	10	00
Porto Real em quatorze graus	14	00
Angra de Todos los Santos em quinze graus e quarenta minutos	15	40
Porto Seguro em dezoito graus	18	00
Rio de Santa Luzia em dezanove graus e vinte minutos	19	20
Ilha de Santa Bárbara em vinte graus e vinte minutos	20	20
Rio dos a Refeés em vinte e quatro graus e quarenta minutos	24	40
Ilha de Santa Clara em vinte e quatro graus e quarenta minutos	24	40
Cabo Feio em vinte e cinco graus	25	00
Ilha de Fernahu em vinte e sete graus	27	00
Ilha de Santo Amaro em vinte e oito graus e trinta minutos	28	30
Ilha da Ascensão (??) em vinte e um graus	21	00

Angra Formosa em quinze graus	15	00
Ilha de São Lourenço em quatro graus	04	00

Capítulo 8

Do círculo da equinocial e donde se entendem os graus do orbe da longura e ladeza.

Nesta verdadeira e certa temos em astronomia que o círculo da equinocial parte igualmente a redondeza do mundo pelo meio correndo do oriente em ocidente volvendo em oriente e por estar assim no meio do orbe se aparta noventa graus do pólo Ártico a que os marinheiros chamam Norte e pelo mesmo modo outros noventa tem de distância do pólo Antártico que dos sobreditos é chamado Sul; e acontecendo caso que algum homem esteja debaixo da equinocial que a tenha por zénite de sua cabeça verá os ditos pólos que ambos igualmente tocam o horizonte que um se não levanta mais que outro; e por que estes termos de zénite e horizonte não são entendidos se não dos letrados nos pareceu bem de os declararmos aqui para aqueles que o não sabem tomarem alguma doutrina desta matéria, pelo qual devem saber que zénite não é outra coisa senão um ponto imaginado no céu que vêem em direito do meio da nossa cabeça e se estiverem mil homens juntos ou mais ou menos ou espalhados cada um terá seu zénite; horizonte é onde nos parece que se o céu ajunta com o mar ou com a terra deste se chama determinador da nossa vista porque dali para além não podemos mais ver nada; assim que quem chegar a termo que tenha a equinocial por zénite verá ambos os pólos que igualmente tocam o horizonte como acima é dito; e quem cami-

nhar por tanta distância para o pólo Ártico ou Antártico que cada um deles tinha por zénite de sua cabeça en-tão terá a equinocial por seu horizonte; e assim deveis mais saber que a ladeza do orbe e redondeza do mundo os seus graus se contam da mesma equinocial para cada um dos ditos pólos e quantos graus se cada um pólo levanta sobre o horizonte que também se chama círculo do hemisfério esses mesmos graus está a qualquer lugar ou homem que ali estiver apartado em ladeza da linha equinocial; e os graus da longura se contam de oriente em ocidente a que os marinheiros chamam Este e Oeste e por ser difícil podem-se saber por não terem ponto firme e fixo como são os pólos que vem a ladeza não curo de nisto mais falar.

Capítulo 9

Do curso que o sol faz contra cada um dos trópicos.

O sol entra duas vezes no ano na linha equinocial e faz dois equinócios um é em onze do mês de março que entra neste círculo no signo de Áries, o outro em quatorze dias do mês de setembro que também na mesma linha entra no signo de Libra, no qual tempo é igual o dia da noite por todo o mundo; e movendo-se o sol de Áries fazendo seu curso faz a nós um alto solstício e correndo até doze dias do mês de junho entra no trópico e signo de Câncer do qual lugar não passará para sempre dos sempre; e este se chama solstício estival e sua maior declinação da equinocial contra esta parte é vinte três graus trinta e três minutos e tanto que o sol torna a descer de Câncer e entra em Libra em quatorze dias do mês de setembro como acima é dito dali correndo outra vez

faz a nós um baixo solstício até que vai ter no trópico e signo de Capricórnio em doze dias do mês de dezembro; e este se chama solstício hiemal e sua maior declinação é de vinte e três graus e trinta minutos e dali não passarão em algum tempo e assim anda trabalhando e alumando com seus raios solares por todo o ano correndo todos os doze signos do Zodíaco cada mês entrando em um signo fazendo sua morada saindo de um entrando em outro e porque as alturas dos pólos tomadas pelos graus do sol é coisa muito necessária para se saber a ladeza e distância em que alguns lugares estão do círculo da equinocial contra o pólo Ártico e assim o Antártico por tanto escreveremos aqui o modo que se nisto há-de ter porque sem esta declaração coisa alguma certa se pode fazer mas é necessário a qualquer que isto quizer entender que saiba primeiramente quanto graus e minutos o sol tem cada dia de declinação e se aparta em ladeza da equinocial contra cada um dos trópicos; e isto sabido e assim o tempo em que se há-de juntar a declinação do sol com os graus que subir em sua altura ou quando se há-de tirar a mesma declinação de altura ou quando aí não há declinação então será certo dos graus que tomar e da ladeza que a da equinocial para cada um dos trópicos e pólos.

Capítulo 10

De como se hão-de juntar os graus que o sol subir aos graus de sua declinação ou se hão-de tirar a declinação da altura que assim subir.

Altura do sol se deve tomar justamente ao meio dia com o astrolábio ou quadrante e quem assim tomar em onze dias do mês de março e em quatorze dias de setembro, e lhe o sol subir noventa graus que é a sua maior altura saiba certo que está debaixo da linha equinocial e a ter por zénite de sua cabeça; porque em todo o outro tempo do ano não sobe o sol noventa graus entrando na dita linha salvo nos onze dias de março e quatorze de setembro em que faz os dois equinócios e quem nos ditos dias tomar altura e achar que lhe o sol subiu cinquenta ou sessenta ou oitenta graus ou mais ou menos com tanto que não cheguem a noventa então é certo que não tem a equinocial por zénite e para saber a ladeza em que está tire assim os ditos graus que lhe assim o sol subir de noventa e o que ficar esta é a ladeza de graus que a da equinocial contra cada um dos trópicos.

Item. Quem tomar a altura do sol em doze dias do mês de junho, e achar noventa graus de altura saiba certo que está debaixo do trópico de Câncer e está em ladeza da equinocial em vinte e três graus e trinta e três minutos e pelo mesmo modo tomando a dita altura em doze dias do mês de dezembro e se achar que o sol subiu noventa graus então estará debaixo do trópico de Capricórnio e cada um destes trópicos nestes dias terá por seu zénite e terá a dita ladeza e distância da equinocial ou seja 23 graus 33 minutos.

Item. Pelos astrólogos é determinado que a distância que há da linha equinocial para cada um dos trópicos se chama tom da zona

e mesa do sol e todos os meses do ano corre o sol por esta mesa e posto que ele suba no lugar dos equinócios e trópicos noventa graus como no capítulo acima é dito também saindo destes pontos em todos os doze meses do ano sobe na dita corrida zona os ditos graus e em tal lugar pode homem ali estar em algum dia de todos os meses que o sol subir a noventa graus e o terá por zénite de sua tábua e quando neste tempo achar os ditos noventa graus veja pela tábua das declinações do sol a declinação daquele dia a qual tirada a noventa graus que o sol então subiu os que lhe ficarem esses está em ladeza e distância da equinocial contra cada um dos trópicos.

Item. Quem estiver em lugar que o sol seja entre ele e a linha equinocial ora esteje da dita linha para o pólo Ártico ora para o pólo Antártico tomando altura do sol veja primeiro quantos graus de declinação o sol tem naquele dia e sabidos os graus da dita declinação tirá-los-ão dos graus que então o sol subiu e o que sobejar desta conta se tirarão de noventa e depois disto feito o que ficar esses são os graus que homem está em ladeza da linha equinocial para cada um dos trópicos.

Item. Quem for em lugar que esteja entre o sol e a linha equinocial ora seja para um pólo ora para outro deve tirar primeiramente a declinação daquele dia por a tábua das declinações e então tomando os graus de altura do sol ajuntarão a dita declinação com os graus de altura e feita a conta e soma de tudo se tirará de noventa e os graus que sobejarem esses são os que homem estará em ladeza da equinocial contra cada um dos trópicos; porém se os graus de altura juntos com os da declinação passarem de noventa então se tirarão os noventa a fora e o que ficar essa será a ladeza em que homem estará da equinocial para cada um dos trópicos.

Item. Se estiveres em lugar que a linha equinocial esteja entre ti e o sol ora seja para um pólo ora para outro vê primeiro por as tábuas das declinações quantos graus tem o sol de declinação

naquele dia e tomada altura do sol ajuntados os graus dela com os graus de declinação e feita a soma de tudo tirarás a dita soma de noventa e os graus que ficarem essa será a ladeza em que estarás da linha equinocial para cada um dos trópicos e esta conta se deve assim sempre fazer enquanto a equinocial estiver entre ti e o sol.

Necessário é a quem quiser entender esta nossa obra que saiba os meses em que se o sol move da equinocial para o trópico de Câncer e assim o de Capricórnio segundo atrás é dito no capítulo nove porque sabendo o tempo em que o sol corre para uma parte ou para outra e assim as declinações dele e as diferenças das sombras que faz segundo o mês em que é aquém ou além da equinocial assim entenderá esta obra.

Capítulo 11

Do modo e conto que nos é necessário para se saber o encher e vaziar do mar na maior parte da Espanha e assim em outras partes onde houver marés.

Com muita razão e causa temos fundada uma parte desta nossa obra na arte de marinharia segundo é dito e apontado no fim do prólogo deste livro e porque dela nos havemos de aproveitar em todas as viagens que por mar houvermos de fazer por tanto convém que o conto do curso da lua o qual é necessário para por eles sabermos o encher ou vaziar do mar hajamos brevemente de dizer porque aqueles que o dito conto para as marés souberem ligeiramente as possa aprender e assim possam saber a causa porque os marinheiros dizem que são de nordeste e sudoeste na maior parte desta nossa pátria de Espanha; e sabida a ordem delas por estas se

poderá saber em todo o orbe onde maré houver se é desta mesma natureza de nordeste e sudoeste como são as da dita Espanha, ou a diferença que nelas pode haver; pelo qual poderemos ter sabido em qualquer lugar onde estivermos quer seja dentro na terra longe do mar quer vindo de dentro do golfo do mar em busca da terra para entrar em algum rio quanta parte da água da maré é cheia ou vazia tomando primeiro fundamento no encher ou vazar da lua esguardando bem quantos dias dela são passados da hora da sua conjunta e novilúnio até o dia e hora em que queremos saber a dita maré; e sabido o que dito é seguramente entrarão nossas naus nos rios e lugares em que lhe for necessário haver mester quanta parte de maré é cheia ou vazia posto que a não veja encher nem vazar.

Item. Primeiramente devemos notar como os astrólogos afirmaram que da hora que a lua é nova e em conjunção com o sol a que o indouto vulgo chama interlúnio até a hora que torna outra vez a dita conjunção e novilúnio passam vinte e nove dias doze horas e trinta e três minutos, e em cada vinte e quatro horas depois da dita conjunção que é um dia natural ela se aparta do sol quatro quintos de hora, e por este modo corre até os quatorze dias e meio naturais seis horas dezasseis minutos e um segundo ao fim dos quais ela é em oposição do mesmo sol, no qual ponto e hora é cheia pelo qual como se começa a esconder pouco a pouco e tirar de nossa vista a claridade que do sol recebe em cada dia natural da mesma hora de sua oposição e plenilúnio outros quatro quintos de hora se vai ao dito sol achegando até outra vez ser na mesma conjunção e novilúnio; e este é o movimento que a lua faz em cada mês que claramente ante nossos olhos vemos.

Item. Entre os astrólogos e os marinheiros há uma diferença sobre o curso da lua porque os astrólogos dizem que da hora da sua conjunção e novilúnio em cada dia natural que é de vinte e quatro horas até a hora em que é cheia e em oposição do sol qua-

tro quintos de hora se arreda do mesmo sol e passada a hora da sua opposição e plenilúnio outros quatro quintos se vai ao sol achegando até ser com ele outra vez em conjunção segundo já temos declarado neste capítulo onze no Item seguinte que atrás fica; e os marinheiros dizem que neste curso da lua se não arreda ou achega ao sol em cada dia natural mais de três quartos de hora que releva uma quarta pela agulha de marear; assim que entre eles há um vintavo de hora de diferença e posto que os astrólogos nisto tinham a verdade dos marinheiros não por este conto ser tão pouco que não releva se não três minutos e não faz dificuldade nem erro sensível às marés de que esperamos tratar por tanto seguiremos a opinião dos marinheiros porque as marés mais ligeiramente se tiram pelo conto da agulha de marear que por outra guisa segundo os ditos marinheiros as da antiguidade seguem e praticam.

Capítulo 12

Como para se tirar e saber a maré é necessário saber primeiro agulha de marear.

Quem o conto das marés quiser aprender para que bem entenda é necessário que primeiro saiba todos os rumos da agulha de marear com suas quartas e meios rumos porque nisto faz todo o fundamento desta coisa e doutra maneira não no poderá saber; e os marinheiros e pilotos que da antiguidade isto praticaram primeiramente souberam os ditos rumos quartas e meios rumos e por ali puseram em ordem o encher o vazar do mar nesta província de Espanha e em outras partes segundo a diferença das marés, começando do Rio de Barbate da Andaluzia até toda Galiza e maior par-

te de Biscaia o qual conto ordenaram com seis horas de enchente do mar com outras seis na vazante; procedendo nesta maneira; noroeste e sueste baixa mar, norte e sul meia montante, nordeste e sudoeste preia-mar; este e oeste meia jusante; e isto se há-de entender quando a lua for no rumo de noroeste e sueste, então será o mar vazio na costa de Espanha, e quando for no rumo do norte e sul então será meia água cheia, e tanto que for no rumo de nordeste e sudoeste então será o mar de todo cheio em chegando a lua em este e a oeste então será meia água vazia destas marés faz em toda a costa de Espanha e parte de Berbéria do estreito Ceuta para fora e ora a lua seja nova ora meia ou cheia sempre nestes rumos faz a dita maré.

Item. Os marinheiros dizem e assim é verdade que de rumo a rumo da agulha de marear há espaço de três horas e porque ela tem oito rumos releva vinte e quatro horas que é um dia natural, e do rumo à quarta há três quartos de hora e no meio rumo uma hora e meia e assim vai procedendo ordenadamente por todos os seus rumos quartas e meios rumos partindo cada dois rumos em quatro quartas iguais; e quando a lua é nova e em conjunção com o sol, sendo no rumo de sueste serão nove horas do dia e será o mar vazio na costa de Espanha do estreito para fora, por isso dizem os marinheiros noroeste e sueste baixa mar, porque quando a lua é ao noroeste quer já nova quer de outra maneira esta mesma maré faz, e no mesmo dia passando o sol com a lua na dita conjunção ao sueste e a quarta do sul será um oitavo de água cheio; e indo mais adiante ao su-sudeste será um quarto da dita maré cheia; e sendo ao sul e a quarta de sueste serão três oitavos de água cheios; e quando o sol for ao sul no qual rumo será meio dia sendo a lua com ele na dita conjunção como dito é será meia água cheia e por isso dizem os marinheiros norte e sul meia montante porque sendo a lua ao norte esta mesma maré faz; e indo assim o sol e a lua ambos juntos ao sul da quarta do sudoeste serão cinco quartos de

água cheios; e como chegarem ao sul-sudoeste serão três quartos de maré cheios. E mais adiante ao sudoeste da quarta do sul serão sete oitavos da dita maré cheia e tanto que assim a lua e o sol ambos juntos chegarem ao sudoeste será a maré de todo cheia na costa de Espanha como acima faz menção e então serão três horas depois do meio dia, e portanto dizem os marinheiros nordeste e sudoeste preia-mar porque esta mesma maré faz a lua em qualquer tempo do seu curso quando é ao nordeste ora seja em conjunção com o sol ou apartado dele.

Item. Tanto que assim o sol e a lua forem em conjunção no dito dia de seu novilúnio como passarem do sudoeste e forem a quarta de oeste será um oitavo de maré vazia, e sendo a oeste-sudoeste será um quarto de água vazia e como forem a oeste da quarta de sudoeste serão três oitavos de maré vazia; e tanto que assim ambos chegarem a oeste será meia jusante ou seja meia água vazia, e esta ordem levam porque cada quarta releva um oitavo de maré e por isso dizem os marinheiros este oeste meia jusante, porque quando a lua entra no rumo de este esta mesma maré faz assim pela maneira que acima temos dito dos outros rumos.

Item. Correndo o sol com a lua em conjunção do rumo de oeste e a quarta de noroeste como forem nesta quarta serão cinco oitavos de água vazios e passando adiante a oeste-noroeste serão três quartos de água vazia e sendo adiante ao noroeste e a quarta de a oeste serão sete oitavos de água vazios e como forem ao noroeste será baixa mar; e por isso dizem os marinheiros noroeste e sueste baixa mar.

Item. Tanto que assim a lua e o sol forem na dita conjunção sendo ao noroeste da quarta do norte será um oitavo da maré cheia e passando adiante ao nor-noroeste será um quarto da dita água cheia e como chegarem ao norte da quarta de noroeste serão três

oitavos de água cheios nesta costa de Espanha como já é dito e por tanto dizem os marinheiros nordeste e sudoeste preia-mar;

Item. Como o sol e a lua forem pela maneira que acima faz menção ao nordeste e a quarta do este será um oitavo de água vazio e tanto que chegarem em este-nordeste será um quarto da dita maré vazia; e como chegarem em este e quarta de nordeste serão três oitavos de água vazios, e como entrarem no rumo de este será meia jusante e por isso dizem os marinheiros este e oeste meia jusante ou seja meio mar vazio.

Item. Porque segundo verdade do curso da lua em cada vinte e quatro horas que é um dia natural ela se aparta do sol da hora da sua conjunção uma quarta pela agulha por isso convém que declaremos como começamos a pôr por ordem neste conto das marés no primeiro Item adiante dos doze capítulos as nove horas do dia sendo o sol em conjunção com a lua no rumo do sueste e porque agora temos corrido todos os rumos e dito das marés e que neles soem a contar, e porque até aqui são passadas vinte e quatro horas da hora em que começámos esta obra e a lua fica atrás do sol três quartos de hora e não faz a maré como no dia passado e é mais tarde os ditos três quartos de hora que releva uma quarta pela agulha portanto é bem que se saiba o que já aqui temos declarado e acabaremos no sueste onde isto começámos.

Item. Passando o sol e a lua do rumo de leste como forem na quarta do sueste serão cinco oitavos de maré vazios e tanto que forem no rumo de sueste serão sete oitavos de maré vazia e como o sol for ao sueste e a quarta do sul ficará a lua a sueste será baixa mar ou seja a maré de todo vazia na costa de Espanha do estreito para fora e por isso dizem os marinheiros noroeste e sueste baixa mar, e já temos dito que passadas as vinte e quatro horas da hora da conjunção da lua com o sol que é o dito dia natural a maré é

mais tarde três quartos de hora e passado dois dias será mais tarde uma hora e meia que releva-me o rumo da agulha e assim vai cada vez mais multiplicando em cada vinte e quatro horas uma quarta além das outras passadas e quem esta maré houver de tirar para se aproveitar dela veja em que rumo da agulha quarta o meio rumo é o sol e então conte quantos dias são passados da hora da dita conjunção contando por cada dia uma quarta até aos quinze dias ou menos se menos forem e onde lhe ficar a lua aquela maré terá ou seja se for ao sueste será baixa mar, e se for a quarta do sul um oitavo de água cheio e assim vai procedendo como atrás é dito; e sabida esta ordem e modo de se tirarem as marés de Espanha por ela se saberá em outras partes onde maré houver se são desta qualidade ou não.

Capítulo 13

Como os cosmógrafos antigos começaram a escrever o circuito do orbe da boca do estreito para fora a qual ordem nós seguiremos.

Da boca do médio terraneo ocidental onde as colunas de Hércules se diz que foram postas dois promontórios são que naquelas partes todos os outros em altura e formosura excedem nenhum deles é Ábila no princípio de África e o outro Calpe na Europa, no qual lugar propriamente é a boca do estreito gaditano ocidental onde alguns escritores antigos disseram que até o mar oceano somente chegava; os quais promontórios agora por outro nome à Serra da Ximeira e Monte de Gibraltar chamamos; e destes dois os excelentes cosmógrafos começaram a escrever o circuito do orbe e nós

isso mesmo assim faremos mas será de África e parte de Ásia somente porque da Europa foi já por eles tão largamente escrito que por isso não é mais necessário dizer se coisa alguma; e posto que os antigos escritores muito alumiados de doutrina fossem e de alguma parte de suas excelentes obras algum pouco nós aproveitássemos depois de ser perdida a navegação que fez Menelau Cartaginense de Salé pela Etiópia de Guiné até o Sino Árábico e Eudoxo do mesmo lugar até Salé; pelos livros que dos antigos cosmógrafos ficaram para esta navegação nenhuma coisa nós podemos deles aproveitar salvo daquilo que com muito trabalho e grandes despesas os príncipes sobreditos mandaram descobrir e assim que ora Vossa Alteza descobriu e ora novamente soube; somente por causa daqueles que o orbe escreveram carecerem do exercício e fundamento da arte da marinharia que radicalmente para isto não podemos escusar e sem ela coisa alguma por mar fazer nem descobrir podemos; a qual eles em sua cosmografia não escreveram ou pelo não saberem ou por lhe parecer escusado e por quanto o lume do descobrimento da redondeza do mundo principalmente está na mesma marinharia e nas rotas e caminhos da costa golfo do mar portanto convém que aquilo que pelos antigos escritores e assim pelos modernos ficou por dizer para sabedoria e cumprimento desta navegação das Etiópias de Guiné e das Índias e outras partes nós o digamos e descrevamos porque perdendo-se em algum tempo a dita navegação pelo que aqui é escrito brevemente se possa tornar a saber e reformar pelo qual para nosso fundamento começaremos proceder dos promontórios da Ximeira e monte de Gibraltar por seguirmos a ordem dos antigos escritores, e portanto escreveremos toda a costa para diante para dita Etiópia e Índia pelos próprios nomes e ventos que os marinheiros a usam e praticam pois se não pode escusar.

A ponta de Almina é a própria parte do promontório da Ximeira que dos antigos escritores Ábila foi chamada onde é situada a

grande e excelente cidade de Ceuta da qual aqui pusemos sua figura e assim do monte de Gibraltar pintada pelo natural por este ser o princípio do nosso estreito ocidental, e esta no tempo de sua prosperidade todas as outras cidades de Mauritânia e Tingitânia e assim alguma parte das da Espanha em nobreza e riqueza procedeu, e aqui é o princípio das terras de África muito fértil de pão, vinho, frutas, carnes, pescarias de desvairadas nações de peixes e outras muitas coisas dignas de grande louvor; e esta se aparta da linha equinocial em ladeza contra o pólo Ártico trinta e cinco graus e um terço e estes mesmos graus sobe e se levanta ali o mesmo pólo sobre o círculo do hemisfério.

E quando venta levante podem pousar as naus de dentro da Almina da banda do oeste onde está uma praia e chamam ali o Porto do Rei e pousaram nas vinte braças e estarão meia légua de terra em fundo limpo, e ventando ponente podem pousar detrás da Almina em outro tal fundo da banda do levante

aqui mapa

Item. Pois já temos falado dos dois formosos promontórios que atrás ficam, Ábila em África e Calpe na Europa agora é razão que digamos da grande Cidade de Cepta em África situada a cinco léguas da vila de Alcácer-Ceguer a qual está fora do estreito junto com o mar e a terra derredor de Alcácer toda é serra brava e montanhosa a qual tem dois montes altos os quais se vêm meter no mar e o que está da parte esquerda da banda do levante tem um castelo velho quase derribado que há nome Alcácer o Velho; há outro monte que está à parte da terra contra ocidente se chama o Seinal e porque isto se melhor entenda pusemos aqui Alcácer com alguma parte de sua terra pintado pelo natural, a qual terra é muito viçosa e fértil das coisas necessárias e adiante nesta outra folha diremos da muita antiga e forte cidade de Tânger; porém todo navio que houver de pousar em Alcácer veja na baía onde está

uma caravela pintada, e se for navio pequeno poderá ali pousar e se for grande algum tanto mais ao mar

aqui mapa

Capítulo 14

Das rotas, conhecenças, sondas e marés e graus que o pólo Ártico se levanta sobre o círculo do hemisfério de Tânger para diante contra Guiné e Índia.

Porque as coisas dignas de memória não devem ficar em esquecimento portanto convém que aquilo que sabemos se diga da muito forte e antiga cidade de Tânger a qual está cinco léguas de Alcácer para fora do estreito e no seu antigo princípio Tingi houve nome segundo diz Plínio no seu quinto livro da Natural História capítulo primeiro; o qual nome por muitos anos depois em Tânger lhe foi tornado cuja pintura pelo natural e também do Cabo Espartel aqui pusemos, e Tânger se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o pólo Ártico trinta e cinco graus e quinze minutos e diz Pompónio Mela autor muito antigo no seu primeiro livro da cosmografia que Tingi foi edificado pelo gigante Anteu que pelejou com Hércules; e que no muro da parte de fora tinha pendurado um muito grande escudo coberto de couro de elefante o qual por sua grandeza era disposto a nenhum uso somente criam os moradores desta terra que o mesmo Anteu trazia este escudo nas batalhas.

Item. Adiante de Tânger duas léguas está o promontório de Espartel assim que de Cepta a Espartel são doze léguas e jaz a Ponta de Almina com Espartel este-nordeste e oeste-sudoeste e

quem fizer este caminho irá fora do Espartel em mar dele duas léguas e meia; e daqui lança a maré nove horas para dentro para o estreito e três horas para fora e não é tal como as marés de que atrás falamos e toda a terra que vem de Cepta por cima da costa do mar é serra muito alta até cerrar em Espartel e o fundo nesta costa é tão alto que os navios não podem pousar se não muito perto da terra e em Espartel da banda de fora do sul-sueste está um muito bom pouso e ancoração do levante e podem ali pousar em quinze e vinte e vinte e cinco até trinta braças, e tudo é limpo e fundo de areia e o levante vem por cima da terra e dele faz boa abrigada; e numa angra que neste cabo está foi já feita uma almadrava em que pescavam muitos batéis e assim é esta terra muito fértil de todas as coisas e outras muitas pescarias além dos atuns de que acima falamos.

aqui mapa

Item. Jaz o Cabo Espartel e o recife de Arzila que antigamente se chamou Liza segundo diz Plínio no seu quinto livro da Natural História capítulo primeiro norte e sul cinco léguas na rota e a terra de Espartel para adiante ao longo do mar toda é baixa e o fundo limpo e aparcelado que por todo o lugar podem pousar seguramente, e Arzila se aparta do círculo da equinocial em ladeza contra o pólo Ártico trinta e cinco graus cinquenta minutos; e no recife de Arzila se não deve entrar sem piloto da terra ou pelos sinais que naquela terra são postos ou seja dois mastos em terra que estão em dentro do canal por onde os navios devem entrar e por se isto melhor entender pusemos aqui pintada pelo natural a vila de Arzila com seu recife na qual pintura vai uma caravela à vela para dentro por onde deve ir; e dentro do recife podem pousar navios pequenos até trinta e cinco tonéis mas amarrem-se bem do vento noroeste que é ali travessão e mete dentro grande ressaca que lança os navios a perder; e todos estes quatro lugares ou seja

Cepta, Alcácer, Tânger, e Arzila são deles reinos de Portugal, e de sua Coroa Real porque vai hora em noventa anos que Cepta foi tomada por força de armas aos mouros pelo rei D. João o primeiro deste nome da gloriosa memória Vosso bisavô; e os outros três por rei D. Afonso o quinto Vosso tio de quarenta e sete anos para cá pelo mesmo modo também por força de armas aos mouros os tomou dos quais sempre se fez áspera guerra a estes inimigos da nossa santa fé católica a qual Vossa Alteza de bem e melhor com muitas vitórias cada vez faz mais multiplicar.

aqui mapa

Capítulo 15

Das rotas, conhecenças, sondas e marés e alturas do polo ártico de Arzila para Larache e dali para baixo.

Item. Se algum navio partir de Arzila e quiser ir para Larache fazendo de noite escuro, que não veja a terra tanto que for uma grande légua em mar do recifé para o caminho de su-suduest, e dobrará a Ponta das Barrocas que são três léguas além de Arzila, as quais barrocas são umas barreiras altas brancas que vêm cerrar com o mar; e toda a terra de Arzila para Larache é feita em montes baixos e estes montes vêm cerrar com as ditas barrocas e delas à boca do rio de Larache são duas léguas; e a entrada deste rio em nosso tempo é da banda de sudueste, muito perto da pedra onde está um baluarte que tem dois cubelos abaixo da vila de Larache junto com o rio, segundo se verá nesta pintura feita pelo natural que aqui pusemos; o qual rio tem no canal quatro braças e meia de água de preamar e a maré de nordeste e sudeste como as da nossa

Espanha seis horas de enchente e seis de vazante; e os sinais para conhecer este rio são estes da banda do sudeste, está um castelo que se chama dos genoveses que por ser muito branco parece vela de nau; e da banda de nordeste estão as ditas barrocas altas e brancas como dito é; e dentro de uma enseada que se ali faz está a boca deste rio de Larache, do qual indo por ele acima espaço de uma légua da banda da mão esquerda acharão a destruída cidade de Xamez, que antigamente foi grande e nobre, a qual dizem que com sua defesa quarenta anos depois da perdição da Espanha contra os mouros se manteve e enfim pelos mesmos mouros foi destruída sendo de cristãos; e a uma légua da boca deste rio em mar acharão vinte e cinco e trinta braças e todo este fundo é areia e limpo que seguramente podem as naus por ali pousar, e este rio é de muita pescaria e a terra de redor dele de muito pão e no verão é muito doentio de febres e este se aparta do círculo da equinocial trinta e seis graus e dez minutos em latitude.

Aqui mapa

Item. Do rio de Larache às lagunas são cinco léguas e estas lagunas têm uma enseada que dentro dela está uma lagoa, na qual não podem entrar senão batéis pequenos e sobre ela está um soveral redondo da banda de este e esta é a conhecida das lagunas, e cinco léguas além das lagunas está um montesinho sobre o mar razoavelmente alto a que chamam Fornilho.

Item. Adiante de Fornilho cinco léguas está o rio de Mamora e jaz esta costa de Larache até aqui norte e sul e toma da quarta do nordeste e sudeste e por quanto fazendo este caminho irão muito chegados à terra, se for de noite façam o caminho de sudeste e irá seguro quem esta navegação fizer e dobrar a toda a costa; e este rio de Mamora tem da banda do sul uma barreira parda muito alta e dentro da entrada do rio da banda de leste tem uma mata ao longo doutra barreira e este rio em nossos dias tem

duas entradas; uma delas jaz nordeste e sudoeste ao longo de uma cabeça de areia, a qual entrando para dentro há-de ficar da banda da mão direita três ou quatro tiros de pedra; a outra entrada jaz leste e oeste ao longo de uma barreira parda e tem no canal quatro braças e meia de água de preamar e a maré de nordeste e sudoeste seis horas de enchente e seis de vazante e podem ir por este rio acima até seis ou sete léguas navios pequenos de trinta tonéis e os grandes ficarão mais em baixo acerca da boca deste rio; e a uma légua dentro da boca deste rio está uma ilha em que podem tomar lenha em abundância e assim este rio como o de Larache, ambos no verão são muito doentios de febre e tanto avante como a boca deste rio nas trinta braças tudo é limpo dali para a terra e podem pousar seguramente mas guardem-se do vento noroeste, que é ali travessão; e por este rio acima podem ir barcos pequenos até à cidade de Fez no tempo do inverno; e a terra de dentro deste rio é chão e campo de muita criação de gados, e grande lavrança.

Item. O rio de Mamora com o rio e vila de Salé, a qual aqui pusemos pintada pelo natural, jazem nordeste e sudoeste e tem na rota sete léguas e este rio de Salé tem uma entrada da banda de léssueste ao longo de um cubelo e esta tem no canal duas braças e meia largas de preamar de água viva e a maré de nordeste e sudoeste e da banda do sul tem outro canal e entre estes dois canais tem uma restinga de pedra muito grande e há lugares de areia na qual rompe muito o mar; e a conhecença deste rio é a torre de Salé muito grande e alta, e da feição que aqui está pintada que não há outra tal em toda esta costa e pelo mesmo modo a cidade de Salé é grande e mal povoada, e ao mar deste rio tudo é limpo e boa ancoração, quem estiver de fora nas cinquenta braças estará dez léguas da terra; e em Salé são três lugares dos quais os dois somente aqui pintamos e estes estão dentro do dito rio por meio deles, a saber, da parte de Themicina aonde andam os alarves da Enxovia ali está um destes lugares que se chama o Arravalde;

e o outro há nome Exale onde antigamente se sepultavam os reis de Fez tendo também outra sepultura no inferno; e da parte da Mamora, onde se mete o outro rio que vem de Fez a que chamam Cebu cinco léguas abaixo deste está a vila de Salé, e todos estes três lugares por um nome se chamam Salé e dali a dez léguas está um rio pequeno que se chama Tifil-Felti e diante deste oito léguas está outro rio que há nome Bety e de Bety à cidade de Fez são sete léguas. Assim que de Salé a Fez são vinte e cinco léguas e toda esta terra é muito fértil de pão, carnes, pescados e mel, e outras muitas coisas boas e muito bons cavalos que por muitas vezes a estes reinos trazem.

aqui mapa

Capítulo 16

Das rotas, conhecenças, sondas, marés, alturas do polo de El Mansouria e Fedala para diante contra Guiné e Índia.

Item. Jaz o Rio de Salé e a vila de El Mansouria nor-nordeste e su-sudueste e tem sete léguas na rota e este castelo de El Mansouria dizem que os leões o despovoaram e destruíram porque comeram tanta gente dele que alguma pouca que ficou fugiu e foi viver em outras partes; e de El Mansouria às ilhas de Fedala haverá uma légua pouco mais ou menos e Fedala tem por conhecença duas ilhetas, e à terra delas podem pousar navios pequenos até oitenta tonéis em quatro e cinco braças de água e todo este fundo é areia e limpo e boa ancoração, e quem ali surgir amarre-se forte por causa da grande refaça que ali o mar mete e quando homem vai do mar em fora demandar esta terra não parecerão estas ilhas senão

terra firme e sendo uma légua delas da banda de nordeste então mostram que são ilhas, e toda esta costa e caminho é praia e porque melhor isto se possa entender pusemos aqui pintada pelo natural a vila de El Mansouria com uma árvore que tem por conhecida assim as Ilhetas de Fedala.

Aqui mapa

Item. Jaz a vila de El Mansouria e as Ilhetas de Fedala com a baía da cidade de Anfa nordeste e sudueste e tem na rota cinco léguas; e todo este caminho são barrocas de pedra ao longo da costa e pouca praia e o fundo sujo; e a conhecida desta cidade de Anfa, a qual aqui pusemos pintada do natural é uma grande baía que tem um recife de pedra perto da terra, o qual tem uma boca pequena da banda do nordeste e da parte do sudueste tudo é cerrado, e além da conhecida sobredita pela mesma cidade e por uma grande torre que tem se pode bem conhecer e assim pela terra do sertão que é muito baixa a qual é muito fértil de todo o necessário, e vai ora em trinta e oito anos que o excelente Príncipe Infante D. Fernando vosso padre com grande frota e muita gente em pessoa foi sobre esta cidade e por força de armas a entrou e destruiu e com muita vitória e honra se tornou para estes reinos ; e esta queda recebeu Anfa além doutra assaz grande que já recebida tinha haverá ora cento e sessenta e cinco anos que se perdeu quase toda a principal gente de Anfa na Batalha do Salado a qual foi entre Gibraltar e Tarifa onde chamam a Pena do Cervo, na qual foi o excelente Príncipe e magnânimo cavaleiro El-Rei D. Afonso o quarto destes reinos de Portugal vosso quarto avô que jaz sepultado na Sé de Lisboa, o qual foi em ajuda de El-Rei D. Afonso XI de Castela seu genro com muita gente que destes reinos levou sendo sete reis mouros entrados nos reinos de Castela com grandessíssimo poder lhe iam tomando a terra e a esta defesa e ajuda foi este sereníssimo príncipe; porquanto El-Rei de Castela

não podia resistir à multidão dos inimigos, e quanto serviço fez a Deus este bem aventurado rei, quanta honra ganhou nesta batalha na defesa de seu santo nome e dos reinos de Castela na sua crónica se pode bem ver; na qual batalha se perdeu toda a honrada e limpa gente de Anfa, como acima dissemos sem nunca mais, até hoje em dia ser restituída a sua prosperidade; muitas coisas poderíamos dizer da bondade de Anfa e prosperidade sua em outro tempo que escuso escrever por não alargar mais a matéria.

Item. Partindo da Angra de Anfa fazendo o caminho do sudeste para logo e perto um cabo que se chama do Camelo, do qual à Furna de Cicor são dez léguas e toda esta costa é praia e o fundo limpo que por todo lugar podem surgir seguramente; e esta Furna de Cicor tem em cima de si três montes de areia feitos em mamoadas agudas e assim tem mais uma mata razoavelmente alta e ao nordeste desta furna meia légua em mar está uma baixa de pedra em que o mar rompe, destes são os verdadeiros sinais para conhecer a Furna de Cicor; e jaz esta costa nordeste e sudoeste.

aqui mapa

Capítulo 17

Das rotas, conhecenças, sondas e marés, alturas do pólo ártico de Anfa para Azamor e daí para adiante.

Item. Da Furna de Cicor de que atrás falámos ao rio e vila de Azamor são duas léguas e jaz esta costa nordeste e sudoeste e o fundo sobre este rio uma légua em mar tudo é limpo, a saber, areia e vaza disto pelas trinta e cinco e quarenta braças e assim é

limpo pelas doze e treze vidas e destas para a terra tudo é cujo de lagido e pedra que corta amarra, e sobre o primeiro banco deste rio o qual está fora da boca dele uma grande légua a quatro braças largas de água de preamar a duas braças e meia de água, e neste não rompe o mar por quanto o banco de fora recebe primeiro todo o golpe da quebrança dele; e passado este derradeiro banco para dentro junto com a vila de Azamor há cinco e seis braças de água e há canal deste rio, em nossos dias jaz noroeste e sueste; e esta entrada é para navio pequeno e tem a maré de nordeste e sudoeste, e porque a barra e canal deste rio muitas vezes se muda o piloto que aqui houver de entrar sonde primeiro a dita barra ou entre com piloto da terra e entrará seguro; e o sinal para conhecer este rio é que da banda do nordeste duas léguas está o cabo e Furna de Cicor de que no Item atrás falamos, e quem for uma légua adiante a este cabo para o dito rio logo para a vila de Azamor, na qual há maravilhosa pescaria de sáveis muito grandes e bons de que pagam tributo a Vossa Alteza; e esta vila de Azamor e suas comarcas são muito abastadas de pão, carnes, pescados e outras muitas coisas e até este lugar se conta à primeira parte do reino de Fez, e pois até aqui viemos contando alguns lugares da parte marítima dele, razão é que digamos onde tem seu princípio e assim de algumas cidades e vilas do Sertão e da sua segunda parte.

Agora diremos do reino de Fez como tem seu princípio em um rio que se chama Muluya pelo qual se departe com o reino de Tremecém, e este rio está dez léguas além do Cabo de Antrefulcos e dali a boca do Estreito de Ceuta são cinquenta léguas por dentro pelo mesmo estreito; e cinco léguas deste rio de Muluya para o ocidente é situada a vila de Melilha, o qual é o primeiro lugar o extremo de Fez com Tremecém, e sete léguas de Melilha para o mesmo ocidente está a vila de Caçaça e adiante doze léguas para o dito ocidente está outra vila que se chama Belez da Gomeira, e adiante trinta léguas é situada a grande cidade de Ceuta e assim

procede vindo toda a costa de Ceuta em diante para fora do estreito com seus rios, angras, portos, cidades e vilas até Azamor segundo atrás vem escrita; e no sertão está a grande cidade de Fez da qual o reino tomou o seu nome; e oito léguas além de Fez é situada a cidade de Mequinez e adiante está outra cidade muito boa que se chama Taza; e esta é a primeira parte do reino de Fez e agora tornaremos a escrever a segunda parte e seguiremos o caminho e ordem da costa do mar do rio de Azamor em diante.

A segunda parte do reino de Fez tem seu princípio no rio de Azamor, do qual à baía de Mazagão são duas léguas e jaz com o dito rio nordeste e sudoeste e tem duas léguas na rota e aqui foi antigamente a cidade de Mazagão, que agora é de todo destruída, e esta angra é bom porto para naus grandes, a qual aqui pusemos pintada pelo natural e quem se nela houver de amarrar haboíce bem sua amarra por quanto aqui o fundo é sujo e tem pedra a lugares que corta amarra e desta angra para diante se começam os campos de Duquilla que se estendem quase quarenta léguas, terra de grande fertilidade de pão e carnes; e nesta baía de Mazagão carregam muitas naus destes reinos e assim de Castela de trigo quando cá por nossos pecados o Deus não dá; e estes campos são ocupados de alarves de uma geração que se chama a xarquya na qual se afirma que são mais de quarenta mil de cavalo mas são todos desarmados.

Item. Jaz angra de Mazagão e a vila de Tyty nordeste e sudoeste e toma a quarta de leste e de oeste, e tem três léguas na rota, e primeiro que cheguem a Tyty com meia légua a pouco mais está uma angra de razoada grandeza em que caberão dez ou doze navios pequenos, a qual tem dentro uma torre pequena derribada; e Tyty tem por conhecida uma torre muito alta que nele está e assim tem em terra uma calheta em que podem entrar batéis fazendo bonança, mas guardem-se do vento noroeste que é ali travessão e

mete grande ola de mar; e antigamente foi esta vila de Tyty muito povoada e agora a quarta parte do que soía ser não tem de povoação e esta terra é muito fértil de pão carne e pescados.

aqui mapa

Capítulo 18

Das rotas, sondas, conhecenças de terras e alturas do polo ártico de Tyty em diante correndo pela segunda parte do reino de Fez.

Item. Jaz a vila de Tyty com a Casa do Cavaleiro lés-nordeste e oés-sudueste e há na rota sete léguas e esta Casa do Cavaleiro está nesta mata atrás pintado pelo natural; a qual casa tem por conhecença uma casa comprida em cima de uma lombada e na ribeira um grande recife, do qual a entrada dele é da banda de nordeste junto com uma ilheta que ali está, e dentro faz uma furna em que podem pousar navios de grandura de oitenta tonéis, os quais se amarrem a quatro amarras, duas por proa e duas por popa por causa da grande refaça que o mar ali mete e pousarão em sete e oito braças tudo limpo; e nesta Casa do Cavaleiro há muito trigo e cevada e muitas vezes carregam ali navios dele; e isso mesmo há ali muita abastança de carne e caça; e no mar nas cinquenta e sessenta braças há muita pescaria de peixotas e doutros muitos peixes, mas quem ali for se guarde dos alarves e tomem bons reféns porque são muito má gente.

aqui mapa

Esta é a Casa do Cavaleiro à qual os mouros em sua língua chamam Ugueer, e por se melhor conhecer a pusemos aqui pintada natural, da qual o capítulo que dela fala está atrás nos dezoito capítulos; e esta Casa do Cavaleiro se corre com o Cabo de Cantim leste e oeste e tem sete léguas na rota, e quem para este cabo for guarde-se de uma baixa de pedra que está a pouco mais de meia légua dele ao noroeste; a qual baixa é muito perigosa e já se nela perderam navios e quando o mar corre rompe nela e a conhecida deste Cabo de Cantim é que da banda do norte faz uma terra grossa sobre ele que parece sombreiro, e dali torna a costa ao sul e também se aparta em ladeza da linha equinocial contra o pólo ártico trinta e três graus e meio e estas três são assaz de boas conhecenças. Porém quem partir do Cabo Espartel ou de Arzila sendo em mar três léguas dela e quiser ir para Cantim falta sempre o caminho do sudueste e irá por fora da enseada porque assim jaz Cantim com Espartel nordeste e sudueste e tem na rota oitenta e duas léguas e quem nesta Casa do Cavaleiro houver de entrar e nela quiser surgir veja esta pintura e como tem a entrada entre a terra firme e as ilhas, e irá pousar dentro em oito braças, se amarre a quatro amarras, como atrás dito é duas por proa e duas por popa.

aqui mapa

Item. Jaz o Cabo de Cantim de que atrás falámos com a Ponta do Canaveal norte e sul e toma a quarta de noroeste e sueste e tem na rota cinco léguas; e nesta Ponta do Canaveal está uma muito boa fonte e por conhecida tem em cima um monte alto e a gente dos navios tomam ali muitas vezes água; mas quem neste lugar for em terra ponha sua atalaia porque como os alarves ali vêem, cristãos logo trabalham por os matar; e adiante desta Ponta do Canaveal pouco mais de meia légua está a cidade de Safim tributária a Vossa Alteza, da qual aqui pusemos sua pintura natural e ela é situada junto com o mar e tudo ali é praia e costa brava e o navio que ali

pousar guarde-se do vento oeste porque neste porto é travessão; e esta cidade de Safim é muito fértil de pão, carnes, pescados e muitos e bons cavalos que são dos alarves dos quais alguns se trazem para estes reinos, e assim há aqui ouro que os alarves trazem por terra de Guiné; e muita courama de toda sorte e mel e cera com outras mercadorias em que se faz assaz proveito.

Além da cidade de Safim, trinta léguas no sertão, está a grande cidade de Marrocos, na qual há vinte e quatro portas, pelas quais dizem que no tempo de sua prosperidade por cada porta saíam mil de cavalo com seu capitão, e quando os mouros Espanha tomaram no ano de nosso senhor de setecentos e dezanove anos levaram de Sevilha e de suas igrejas à cidade de Marrocos noventa sinos muito grandes, os quais hoje em dia são postos em uma torre de sua mesquita maior sem terem badalos por memória os tem ali; com oito portas forradas de arame que isso mesmo de Sevilha então levaram e sendo esta cidade tão grande e tão populosa e uma das principais coisas de África agora é porque das trinta partes da sua povoação não é uma parte povoada; porque a mais de sua gente e a melhor dela morreu toda na Batalha do Salado com a outra gente de Anfa como atrás faz menção; e lemos que desta cidade foi Santo Agostinho natural e daqui se passou em Itália, onde aprendeu as latinas letras e língua latina e por graça do Espírito Santo se fez cristão.

Item. A doze e a quinze léguas de Safim no sertão contra Marrocos, e também fora de seu caminho, estão estes lugares, a saber, Almedina, e Alhamiz, e Bulanham, e Cocyta e Tedenez, que antigamente foi grande e agora é despovoada; pois já temos dito isto, agora convém que sigamos nosso propósito e nos tornemos a Safim para daí escrevermos em ordem os outros lugares da costa do mar

aqui mapa

Capítulo 19

Das rotas, conhecenças e graus que o pólo ártico sobe sobre o círculo hemisfério de Safim para diante e alguns lugares.

Item. Jaz Safim e o Rio dos Savees norte e sul e há na rota cinco léguas, e este rio é muito pequeno que não podem nele entrar se não batéis e portanto não falamos na maré dele nem nos graus que se aparta da equinocial; e da banda do sul tem por conhecença uma serra alta que vai de leste para loeste à qual chamam as Ferrarias, e da banda do norte tem um monte só alto que vem ter na ribeira e nele bate o mar e a entrada deste rio é entre duas pedras.

Item. Jaz o Rio dos Savees com a Ilha de Mogador lés-nordeste e oeste-sudueste e há na rota sete léguas; e esta ilha é pequena que ao mais será tamanha como a Berlenga e tem duas entradas, uma delas é da banda de nordeste e a outra da parte da loeste-sudueste e haverá desta ilha a terra firme quanto uma grande besta possa lançar uma seta; e na terra firme tem muita água doce junto com o mar que corre até se meter nele; e destas duas entradas do pouso e porto desta ilha, de que acima falámos, a melhor delas é a da banda do nordeste porque a outra é suja e de muita pedra; e nesta boa entrará navio de cem tonéis e deve-se amarrar âncora e proiz, dando o dito proiz na mesma ilha e estará em seis e sete braças bom fundo limpo e seguro; e todo o fundo de redor dela a meia légua é sujo de muita pedra e qualquer navio que ali pousar perderá âncora, e esta ilha é razoadamente alta e tem um ilhéu da banda do norte muito alto com um lugar no meio em que entra o mar e do golpe que dá soa muito; e no ano de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e seis anos mandou Vossa

Alteza edificar na terra firme desta vila de Mogador junto com o mar um castelo que se chama Castelo Real, do qual foi capitão e por vosso mandado edificador Diogo de Azambuja cavaleiro de vossa casa e comendador da Ordem de São Bento da Comenda de Alter Pedroso ; o qual houve tanta contradição e perseguição da multidão dos bárbaros e alarves, que se juntaram a pelear com os que este edificio foram fazer quanto sua possança abrangeu, e enfim este castelo se fez a seu pesar e a glória do vencimento na mão de vossa Sacra Majestade ficou; e por isso e por outras muitas coisas que se poderiam dizer são casos de admiração assim como a conquista das Índias e mais fazer Vossa Alteza esta e outras muito mais excelentes obras.

Item. Jaz o Castelo Real e a Ilha do Mogador do Sim norte e sul e toma a quarta do nordeste e sueste e há na rota cinco léguas, e do Mogador até este Cabo do Sim, tudo são baixos de pedra e posto que pelo sul e à quarta do sudoeste possam ir por fora destes baixos, todavia por mais segurança se faça o caminho do sul-sudoeste e principalmente quem por aqui navegar de noite; e este Cabo do Sim é delgado e baixo e o pouso dele é da banda do sul que faz amparo desde este até ao noroeste e podem pousar em sete e oito braças fundo limpo, e pousando nestas braças estarão um tiro de bombarda de terra, porém se for nau grande deve pousar mais em mar.

Item. Jaz o Cabo de Sim e Tafetana norte e sul e tem três léguas na rota, e Tafetana tem uma muito grande barroca de pedra, tão alta como o Cabo de São Vicente que vem ter sobre o mar, e dentro faz uma angra pequena em que podem caber quinze ou vinte navios de sessenta tonéis cada um, e quem entrar nesta angra vá-se ao longo da dita barroca porque dela, a dois tiros de pedra está uma baixa muito má em que quebra o mar e de dentro dela podem pousar os navios em frente de uma mesquita em sete braças tudo

limpo e bom fundo, e dali podem sair duas léguas na mesma rota de norte e sul onde acharão outra angra que chamam Zebeliquy, em que podem estar doze ou treze navios da mesma grandura de sessenta tonéis e pousarão em seis ou sete braças amarrados âncora e proiz; e esta angra é abrigada do noroeste até o sueste e o sinal para conhecer esta terra é um caminho branco que desce de uma costa muito alta até o mar.

Item. Jaz Angra de Zebeliquy com o Cabo de Gué nordeste e sueste e toma a quarta do norte e sul e há na rota oito léguas e os sinais para conhecer este cabo são, a saber, que tem uma terra alta chã feita como mesa que vem ter sobre o dito cabo e a costa do mar para dentro dele jaz lés-sueste e oés-noroeste; porém o navio que estiver no Cabo de Cantim e quiser ir para o Cabo de Gué, faça o caminho do sudoeste, e da quarta do sul vinte léguas, e será tanto avante como a Ilha do Mogador, a qual lhe demora em este-sueste, e será em mar dela cinco léguas, e dali correndo pelo sul vinte e quatro léguas haverá o Cabo de Gué, e este é o seu próprio caminho a quem partir de Cantim para o dito Cabo de Gué e irá por fora da enseada seguramente; e o Cabo de Gué se aparta da linha equinocial em ladeza contra o pólo ártico trinta e um graus vinte e cinco minutos e a costa para dentro dela volve em lés-sueste, e toda esta terra de dentro do cabo é serra muito alta, a qual parece por cima dele assim da banda de fora quando o vão demandar como da outra parte de dentro e três sinais por onde se pode bem conhecer, a saber, a dita terra e a terra chã como mesa que vem entrar sobre o rosto do cabo; o terceiro sinal é que a costa volve em lés-sueste; e além de tudo isto os graus que se aparta da equinocial e quem estiver seis léguas em mar do Cabo de Gué e fazendo tempo claro verá as serras dos Montes Claros em tão grande altura que parecem vizinhas às nuvens, e na serra deste Cabo de Gué está um pico muito agudo que é mais baixo que os outeiros onde está um castelo que se chama a Palma, e

nesta mesma serra além do dito castelo adiante duas léguas está outro que há nome Turocuco; e adiante deste três léguas acharão outra fortaleza que se chama Tucurumu e além desta uma légua está outro castelo que há nome Tamarate; e nesta costa o fundo é limpo para pousarem navios avante em quantas braças quiserem, onde poderão tomar fundo até quatro léguas a sudueste e aqui há grande pescaria de peixotas e doutros muitos peixes, e quem quiser pousar em Tamarate chegue-se bem a terra e pousará pelas sete braças até às doze tudo limpo e seguramente pode surgir e destas braças para a terra porque para o mar tudo é sujo até à baixa de Água de Narba.

Capítulo 20

Das rotas e conhecenças das terras e graus que se o pólo ártico aparta da equinocial do Cabo de Gué em diante.

Item. Jaz o Cabo de Gué com Água de Narba lés-sueste e oés-noroeste e têm dez léguas na rota e Angra de Narba têm por conhecença um monte alto sobre si com uns pardieiros em cima; e em baixo na ribeira está o Castelo de Santa Cruz o qual tem a dita angra, em que pode pousar qualquer nau grande em fundo limpo e boa ancoragem em quantas braças quiserem surgir segundo a grandeza do navio; mas é coisa muito para notar mandar Vossa Alteza fazer de novo fundamento esta fortaleza por João Lopes de Sequeira fidalgo de vossa casa em terra de bárbaros inimigos de nossa santa fé católica onde veio tanta multidão deles ao contrariar quanta se com trabalho poderia contar; e sendo feita além do mar cento e cinquenta léguas fora de vossos reinos entre tanta gente

contra suas vontades, ela se fez por força de armas segundo o desejo de vossa boa e santa tenção; a qual fortaleza é situada junto com o mar que é assaz de boa conheçença porque todos os outros castelos que estam do dito Cabo de Gué para dentro são situados em cima na serra, e está acerca do mar como dito é; e esta terra é muito fértil de pão, carnes, pescados, mel, cera, courama e outras muitas mercadorias em que se faz muito proveito, e assim há aqui ouro que os alarves trazem de Guiné por terra; a qual Fortaleza de Santa Cruz pusemos aqui pintada pelo natural por se melhor entender.

Item. Jaz o Castelo de Santa Cruz de Água de Narba com o Rio de Messa noroeste e sueste tem oito léguas na rota e todo o fundo deste caminho é limpo até Tefinete que são cinco léguas de Água de Narba; e dali por diante é sujo até Messa e ao longo da costa tudo é praia, e tanto avante como Messa uma légua e meia em mar tudo é baixo que a lugares não há mais de duas braças de altura até três e quando venta força de norte ou de nordeste arrebentam todos estes baixos de maneira que qualquer navio que a esta terra vai sempre poussa de largo duas léguas em mar e se é nau grande mais longe; e o piloto que for avisado fará bem de pouisar de largo por segurar sua nau e primeiro que cheguem ao Rio de Messa com meia légua está uma mesquita em uma ladeira pouco mais de um tiro de bombarda do mar, e dali ao desembarcadouro vieram um caminho de Messa há duas léguas na mesma rota de noroeste e sueste de Água de Narba; e tanto que forem na praia do dito desembarcadouro verão um caminho, o que vai para uma casa derribada que parece forno de cal, a qual está quase meia légua do mar em uma lombada e podem ali pouisar navios pequenos de vinte até vinte e cinco tonéis em uma calheta em vinte braças em fundo limpo e cumpre que se amarrem âncora e proiz não passando adiante do dito caminho nem ficando atrás dele porque defronte deste lugar é o dito pouso.

Em Messa são três lugares que estão no sertão fora da ribeira do mar uma légua pouco mais ou menos, e todos três por um nome se chamam Messa e estes são assaz ricos e aqui é o derradeiro lugar e a segunda parte do Reino de Fez o qual tem seu princípio no rio de Muluya cinquenta léguas de dentro do estreito além da cidade de Ceuta pelo qual rio parte Fez com o Reino de Tremecem, segundo é já dito no segundo Item dos dezassete capítulos deste livro e do dito Rio de Muluya correndo por costa até a vila de Azamor são cento e trinta léguas e esta é a primeira parte do reino de Fez; e de Azamor até Meca é a segunda parte a qual tem por costa oitenta léguas assim que têm Fez em toda sua ribeira e costa de mar duzentas e dez léguas, a qual terra é muito fértil de pão e carnes e outros frutos com muita pescaria do mar; e pode pôr o rei de Fez em campo cem mil de cavalo e as mercadorias que nesta terra há é muito trigo e cevada e mel e cera e tâmaras e anil e courama e pelletaria e muitos e bons cavalos com outras coisas de grande preço que cada dia se lá compram e trazem a estes reinos; e as mercadorias que nesta terra há que no Reino de Fez tem valia é prata e panos vermelhos, e azuis, verdes, roxos e amarelos, e quanto mais finos tanto têm maior valia; também compram holandas e lenços finos e outros lenços grossos a que chamam bordates, e todo o gênero de armas e ferramentas compraram pela minguia que delas têm, mas por serem defendidas pelos Santos Padres de Roma e por leis dos vossos reinos que se não vendem a infiéis nenhuma pessoa o ousa fazer e tudo o que atrás é dito é a soma do Reino de Fez e sua potência e qualidade de coisas que nele há; e a felicidade de sua gente é acreditarem na abusão da seita de Maomé que cuidam verdadeiramente ser mensageiro de Deus enviado a este Indulto vulgo para a remissão de seus pecados; o qual todos os vícios e desonestidades para o corpo lhe ensinou e das virtudes da alma nenhuma doutrina lhe deu, porque toda a sua principal intenção foi destruir de todo o que é grave de crer e trabalhoso de obrar e

facilmente outorgou aquelas coisas a que os viciosos e miseráveis homens soem a ser inclinados, maioritariamente os da Arábia de cuja província Maomé foi natural que sempre estudam em luxúria, gula e rapina; e por esta perversa gente ser inimiga de nossa santa fé católica os reis destes reinos, do tempo do rei D. João da gloriosa memória para cá, lhe fizeram sempre áspera guerra e lhe tomaram os quatro lugares segundo é já dito no terceiro Item dos quatorze capítulos deste livro.

Capítulo 21

Dos Montes Claros e sua bondade assim do fabuloso Monte Atalante.

Pois prometemos escrever as coisas notáveis e dignas de memória que em África são razão é que os Montes Claros vizinhos do porto de Messa não passem por esquecimento; porque é certo que tão formosas terras e de tão grande altura poucas possui o universo e não devem ser estimadas senão por uma das boas que África em si tem; e estes Montes Claros estão no sertão doze léguas de Messa pouco mais ou menos e os mouros em sua língua lhe chamam Gibel; e até estas serras se diz que o rei D. Rodrigo, que foi rei de Espanha em seu tempo, do Estreito de Ceuta até ali assenhoreou sendo então toda esta terra de cristãos ele se chamou senhor dos Montes Claros; e neles há muito pão e frutas e muito mel e cera e passas e muito ferro e cobre e muita courama e águas boas e saborosas, como outras coisas de muito proveito que os moradores destas serras ao porto de Messa vêm vender.

Coisa é muito para notar da grandura destes montes e altura destes, que uma grande parte ao longo de África contra Oriente correm em tal altura que parecem que as nuvens excedem; e nesta terra há uma congregação de gente que serão trinta mil homens, entre os quais se diz que há cinco ou seis mil de cavalo e são guerreiros e em alguma maneira querem parecer que guardam alguma parte da fé cristã, porque eles guardam o domingo muito estreitamente, e em tão alta maneira o solenizam que coisa alguma não fazem e se algum dos seus contrários vai naquele dia entre eles não lhe fazem nenhum mal mas antes recebem desta gente muita honra; e destes vieram certos cavaleiros à cidade de Safim e falaram com Rui Fernandes que então lá estava por feitor de Vossa Alteza e lhe contaram seu modo de viver e crença, e lhe disseram como os seus antecessores foram cristãos e que tinham muitos livros que ficaram de seus padres antigos em letra latina, os quais guardavam por honra e por memória de sua geração; isto com outras coisas sabemos das serras dos Montes Claros que nos pareceu bem escrever nesta nossa obra, e ainda haveremos mais o que diz Plínio no seu quinto livro da Natural História capítulo primeiro e Ptolomeu no seu livro De situ orbis, e assim outros autores os quais escreveram haver neste sítio o Monte Atalante tão alto que as nuvens excede e dizem ser um só monte com muitas fábulas que dele contaram; mas como quer que os antigos escritores não souberam esta província nem a praticaram como a nós temos praticado, portanto não é maravilha caírem em erro por que tal monte nem de tal feição em toda aquela região o não há somente as grandes e muito altas serras dos Montes Claros que muita parte de África de longo correm como já acima dissemos, e estas parecem que devem ser o Monte Atalante as quais são muito desviadas da feição e outras coisas que os antigos escritores do Monte Atalante disseram e pois já temos isto dito agora tornaremos a escrever os lugares e portos da costa do mar.

Item. Jaz a praia de Messa com o Cabo de Aguiló lés-nordeste e oés-sudueste e há na rota cinco léguas e este Cabo de Aguiló entra no mar com o rosto grosso que tem em cima um monte que parece gibo de camelo; e este cabo é talhado ao mar como a barroca do Cabo de São Vicente e detrás a ponta dele faz uma angra da qual meia légua dentro no sertão está o lugar de Aguiló que será de trezentos vizinhos, e é muito viçoso de muita água e hortas e frutas e outros mantimentos e neste lugar há razoadamente ouro que os alarves por terra ali trazem de Guiné e nesta angra podem pousar navios pequenos até oitenta tonéis; e porquanto é suja pousarão ali ao sem do prumo.

Item. O Cabo de Aguiló com o Cabo de Não nordeste e sudueste e toma a quarta do norte e sul e há na rota doze léguas, e o Cabo de Não tem muita parte coberta de areia e não é muito alto; e no rosto dele tem dois ilhéus e duas léguas dentro no sertão está uma muito grande cerca como muro feita de taipa que dura cinco léguas em circuito, e dentro dela há quatro lugares, a saber, Tagaost, e Hagaost, e Hahytemosy e Tycigone, nos quais haverá em todos mil e quinhentos vizinhos, e o mais do tempo sempre são divisos e tem guerra uns com os outros e dentro desta cerca tem muita água e muitas hortas pomares em que há muita fruta; e os vizinhos destes lugares são alvos e também há aí alguns negros entre eles e este lugar é de grande trato de ouro por ser escápula de Audem e aqui valem muito alquicés e bordates, e panos azuis e vermelhos e amarelo, e pecetas de Inglaterra, e lenços e outras coisas, e deste Cabo de Não começou a descobrir o virtuoso Infante D. Henrique e no princípio desta navegação soíam dizer que «quem for ao Cabo de Não ou virá ou Não», havendo isto por muito longo caminho nem sendo mais longe de Lisboa de duzentas léguas e já agora graças a nosso senhor já o rei navega a Índia que são quatro mil léguas de Portugal; porém quem quiser ir do Cabo de Gué para o Cabo de Não e são trinta léguas na rota

e irá por fora da enseada seguramente e encurtará no caminho e este Cabo de Não se aparta da linha equinocial contra o pólo ártico trinta graus e vinte minutos.

Capítulo 22

Como Deus revelou ao virtuoso Infante D. Henrique que descobrisse as Etiópias de Guiné por seu serviço e daqui por diante começa o seu descobrimento.

A razão não sofre que nos calemos aquelas coisas as quais por serem verdade o coração deseja dizer como o virtuoso Infante D. Henrique, que foi o terceiro filho do rei D. João de gloriosa memória o primeiro deste nome que reinou em Portugal e da rainha Dona Filipa sua mulher, filha do excelente príncipe duque de Alencastro de Inglaterra, e no tempo de sua mocidade sendo ele com o rei seu padre na tomada da grande cidade de Ceuta que por bravo combate contra os mouros pela porta de Almina foi entrada; o Infante exercitou ali tão esforçadamente a fortaleza de seu coração que outro algum cavaleiro neste feito de armas a ele foi igual segundo temos sabido por aquelas pessoas que na tomada desta cidade foram que verdadeiro testemunho disto deram; no qual lugar mereceu o excelente grau do estado militar que lhe então foi dado que por tais feitos aos esforçados barões por obrigação é devido; e passados alguns anos depois de Ceuta ser tomada ao rei seu padre finado ele fez no Cabo de São Vicente, que por outro nome antigamente sacro promontório se chamava a sua vila de terça naval situada sobre angra de Sagres que hoje em

dia ali está fundada; onde se apartou com sua casa das fadigas e maldades deste mundo e viveu sempre tão virtuosa e castamente que nunca conheceu mulher nem bebeu vinho nem foi achado em outro vício que de repreender fosse; trazendo continuamente cilício arredor de suas carnes e com outras virtuosas obras sendo então governador do mestrado de Cristo destes reinos, sua vida ali passou em tal extremo de bondade que sem engano podemos crer ele ser merecedor daquela glória que todos desejam e poucos alcançam; outras muitas coisas se podiam dizer deste príncipe e de sua grande bondade e liberalidade e saber dignas de grande louvor mas por serem fora da matéria parecem escusadas. Somente é para escrever a causa que moveu a descobrir estas Etiópias de Guiné de que principalmente tratamos, e como quer que os virtuosos barões amigos de Deus e de limpo coração inimigos da cobiça nunca são desamparados da graça do Espírito Santo, jazendo o Infante uma noite em sua cama lhe veio em revelação como faria muito serviço a nosso senhor descobrir as ditas Etiópias; na qual região se acharia tanta multidão de novos povos e homens negros quanta do tempo deste descobrimento até agora temos sabido e praticado; cuja color e feição e modo de viver alguém poderia crer-se não os houvesse visto; e que destas gentes muita parte delas haviam de ser salvas pelo sacramento do santo baptismo sendo lhe mais dito que nestas terras se acharia tanto ouro com outras tão ricas mercadorias com que bem e abastadamente se manteriam os reis e povos destes reinos de Portugal e se poderia fazer guerra aos infiéis inimigos da nossa santa fé católica; a qual revelação, descobrimento de tantas e tão grandes províncias novamente sabidas da Cristandade, bem parece vir por novo mistério de Deus e não por outro modo temporal; porque de necessidade se há-de cumprir o que disse o profeta David no Salmo 18 que começa «Caeli enarrant gloriam Dei», onde adiante vai um verso que diz «in omnem terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorum» ;

e porque a doutrina de nosso senhor que pelos apóstolos foi pregada para salvação universal do mundo também nestas Etiópias se perdeu, ele por sua infinita misericórdia e bondade quer que pois nos sucedemos a sua lei e fé divinal, que por nós se torne agora a ressuscitar pelo qual já na cidade de São Jorge da Mina no Reino de Manicongo é nascido novo fruto espiritual de muitos destes etíopes os quais no tempo do rei D. João, que Deus tem, e Vossa Alteza reina são feitos cristãos ouvindo a palavra do Santo Evangelho que vai soando por toda a terra pelo qual o dito salmo se vai cumprindo e portanto devemos dizer bem aventurado é o Infante D. Henrique que o glorioso Deus, para se isto cumprir, escolheu e assim são bem aventurados os reis de Portugal que suas vezes sucederão e em tanto lograram a glória, riquezas e honra destas conquistas e comércio com paz e acrescentamento, emquanto com caridade e sem aspereza servindo nosso senhor delas bem usarem; a qual navegação começou o Infante por serviço de Deus do Cabo de Não para diante, e tanto que a estes reinos foram trazidos os primeiros negros e por ele sabida a verdade da santa revelação logo o Infante escreveu a todos os reis cristãos que o ajudassem a este descobrimento e conquista por serviço de nosso senhor e todo o proveito igualmente o lograssem, o que eles não quiseram fazer mas havendo isto por vaidade lhe renunciaram seu direito; pelo qual o Infante mandou ao Santo Padre, o Papa Eugénio IV, Fernão Lopes de Azevedo, fidalgo de sua casa e do conselho do rei Dom Afonso, o quinto Comendador-mor da ordem de Cristo, o qual apresentando ao Sumo Pontífice a embaixada do Infante e renúnciação dos ditos reis lhe foi outorgado todo o que pediu; e assim como por Deus foi revelado e mostrado ao virtuoso Infante este maravilhoso mistério escondido a todas as outras gerações da Cristandade, assim quis que por mão do seu vigário, pastor e padre da Igreja, o dito Papa Eugénio, assim pelos outros Padres Santos com suas bênçãos e letras, a conquista e comércio destas

regiões até fim de toda a Índia como atrás é dito lhe fossem dadas e outorgadas; e com este fundamento deu principio a obra deixando este virtuoso príncipe para sempre a dízima de todos os frutos e novidades que em cada um ano rendessem as ilhas da Madeira e dos Açores e de Santiago, e a vintena de todo o que se em Guiné resgatasse a estes reinos trouxesse ao dito mestrado de Cristo, em satisfação e pagamento de algumas rendas que do dito mestrado houvessem sendo ele governador que no descobrimento destas terras e ilhas despendeu; a qual vintena não podemos furtar, arredar, sobnegar ou por outro algum modo esconder sem grande pecado mortal e rasgo de consciência e de restituição; e este virtuoso príncipe faleceu da vida deste mundo a treze dias do mês de novembro do ano de nosso senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e sessenta anos e jaz sepultado no Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha; na capela do rei D. João, seu padre; e pois já isto temos dito agora tornaremos a proceder do dito Cabo de Não em diante, o qual lugar por se dele novamente começar a fazer este descobrimento nos pareceu digno honrarmos com nova geração de letras, donde seguiremos nosso propósito como detrás vêm ordenado; e porque dos tais príncipes é razão que fiquem em memória suas coisas por tanto pusemos aqui pintada sua divisa e o seu moto assim como o ele trazia escrito em língua francesa.

aqui mapa

Item. Jaz o Cabo de Não com o Cabo do Bojador nordeste e sudoeste e toma a quarta de leste e de loeste, e tem na rota sessenta léguas; mas o piloto que for avisado deve fazer o caminho de loeste sudueste trinta léguas e as outras trinta do sudueste e da quarta de loeste, e fazendo isto irá fora do Bojador em mar dele oito léguas e não deve fazer outro caminho porquanto este Cabo do Bojador é muito perigoso por causa de uma muito grande restinga de pedra que dele sai ao mar mais de quatro ou cinco léguas na qual se já

perderam alguns navios por mau aviso; e este cabo é muito baixo e todo coberto de areia e tem o fundo tão aparcelado que está homem em dez braças e não vê a terra pela sua baixezza, e a costa que vem do Cabo de Não para o Bojador toda é muito baixa e arenosa ao longo do mar e quase deserta e o Cabo do Bojador se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o polo ártico vinte e sete graus e dez minutos; e certamente coisa é para repreender os cavaleiros criados do Infante Dom Henrique que ele mandou por capitães de seus navios descobrir este Cabo do Bojador e assim os mareantes que com eles iam não ousarem passar além, porque doze anos continuamente foram enviados cada ano pelo Infante a este descobrimento e como eram acerca do Bojador e achavam o fundo baixo que em três braças de água estavam uma légua da terra, e espantando-se das grandes correntes nenhum ousava de se alargar ao mar e passar além deste parcel; e então se tornavam à costa de Berbéria e de Granada onde andavam de armada para tomarem algumas presas com que forrassem a despesa da armação e por não passarem o dito cabo o Infante recebia disto grande desprazer; e desejando passar este Cabo do Bojador e correr a costa adiante no ano de nosso senhor de mil quatrocentos e trinta e quatro anos o Infante mandou armar uma barca em que enviou por capitão um escudeiro seu criado que se chamava Gil Eanes ao qual falou nesta maneira: «Gil Eanes, vós sabeis como vos eu criei de moço pequeno e quanta confiança tenho em vós para as coisas de meu serviço e por isso vos escolho entre todos os meus para irdes por capitão desta barca descobrir e passar além o Cabo do Bojador; e ainda que por esta viagem vós não façais mais que passardes o dito cabo isso só terei por bem feito e vós não podeis achar tamanho perigo que a esperança do galardão que vos eu darei não seja muito maior»; e disse mais o Infante: «Em verdade, eu não sei que imaginação foi esta que todos tomastes de coisa que não é nada, porque se isto que dizem tivesse alguma autoridade por

pouca que fosse não vos daria tamanha culpa; mas queres me dizer que por opinião de quatro mareantes os quais como foram tirados da carreira de Flandres ou doutros portos onde costumam navegar não sabem mais o que fazem; porém vós aí todavia e não temais e passe-se o cabo além que não podeis de lá trazer senão muita honra e proveito», e estas palavras imprimiram tanto no coração de Gil Eanes, que esquecendo todo o temor e movido de grande desejo para servir o Infante ele no dito ano de quatrocentos e trinta e quatro anos passou além deste Cabo do Bojador cinquenta léguas; e da vinda que veio o Infante o fez cavaleiro e o galardoou como devia e com muita honra e fazenda o casou na vila de Lagos onde viveu muitos anos, e este Gil Eanes foi o primeiro capitão que passou além do Cabo do Bojador as duas léguas e portanto é razão fazer-se aqui memória dele.

Item. Jaz o Cabo do Bojador com Angra dos Ruivos norte e sul e toma a quarta de nordeste e sudeste e tem na rota trinta léguas, mas quem fizer este caminho irá muito achegado a terra em maneira que cumpre que vá sobreaviso não dê em seco; mas o navio que estiver sete léguas em mar do Cabo do Bojador e correr pelo sul e a quarta de sudeste haverá Angra dos Ruivos e irá em mar dela três léguas pouco mais ou menos e o piloto que for ter no Bojador arrede-se dele as ditas sete léguas ao pego e então faça o dito caminho e irá seguro; e agora tornaremos a seguir nossas rotas e caminhos da cidade de Lisboa para estas partes porque dali as costumamos navegar na maneira que adiante se dirá.

Capítulo 23

Como costumamos navegar estas Etiópias de Guiné da Cidade de Lisboa

Da província da Lusitânia dos reinos de Portugal onde é situada a muito antiga e excelente cidade de Lisboa, metropolitana de nossa pátria donde nós Duarte Pacheco autor somos natural por mandado e licença do sereníssimo príncipe El-Rei Dom Manuel nosso senhor, o primeiro deste nome que nos ditos reinos reinou em sua frota e naus costumamos navegar as Etiópias baixas de Guiné e assim as altas que os opulentíssimos reinos da Índia são chamados; nas quais coisas precedemos todas as gerações, e porque esta nossa obra tomou princípio da boca do estreito ocidental donde Plínio, Pompónio Mela e outros autores começaram a escrever sua cosmografia, por nós seguirmos sua ordem trouxemos dali nosso caminho e rotas até Angra dos Ruivos, quase todo ao longo da costa somente para se saber como toda vem continuada e em ordem; a qual navegação por esta via traz grande rodeio e se alonga muito a viagem para as ditas partes, portanto, convém que agora escrevamos diretamente as rotas e caminho que desta excelente cidade em todos os meses do ano para as Etiópias costumamos fazer, por que se saiba como em mais breve tempo esta navegação se faz do que se fará seguindo a costa e ribeira do mar vindo do dito estreito como detrás vem ordenado, e partindo desta preciosa cidade de Lisboa devem fazer o caminho de su-sudoeste duzentas léguas, em fim das quais serão em vinte e oito graus de ladeza da linha equinocial contra o polo ártico, donde por este caminho é achada a ponta donde a ilha de Fuerteventura uma das sete ilhas das Canárias e assim da dita ponta, partindo ao sul e a quarta do sueste por quarenta e cinco léguas de caminho acharão Angra dos

Ruivos na terra de além, na qual no Item que atrás fica acima dos vinte e três capítulos, falámos; e esta angra se aparta em ladeza da equinocial contra o setentrional por vinte e cinco graus e três léguas; desta angra em mar acharão cinquenta braças de areia e ali podem fazer grande pescaria para seu mantimento; e deste lugar correrão a costa em busca do Cabo Verde como se adiante dirá.

Item. Jaz Angra dos Ruivos com Angra dos Cavalos nor-nordeste e su-sudueste, e tem na rota doze léguas; e este nome lhe foi posto porque o Infante Dom Henrique mandou ali por capitães Afonso Gonçalves Baldaia e o dito Gil Eanes, de que atrás falámos, com gente de cavalo fazer um salto para cativarem mouros, e por esta causa se chamou angra dos cavalos e esta terra é muito má de conhecer, somente se conhece pela rota quando a homem vai demandar.

Item. Jaz Angra dos Cavalos com o Rio do Ouro nordeste e sudueste e toma quarta do norte e sul e tem na rota doze léguas, deste Rio do Ouro se aparta em ladeza da equinocial contra o polo ártico vinte e quatro graus e tem por conhecida da banda do nordeste três montes de areia razoadamente altos e toda a terra que vem de Angra dos Ruivos ao longo da costa do mar até ao Rio do Ouro é razoadamente alta e igual como uma mesa e a esta se chama a terra alta e os alarves e azenegues por outro nome lhe chamam Sahara; e no cabo desta terra alta onde está uma terra delgada baixa ali está o Rio do Ouro e dura esta terra alta quase trinta léguas de longo e quem for sobre este Rio do Ouro olhe por estes sinais para o conhecerem, a saber, os vinte e quatro graus sobreditos que se aparta da equinocial e os três montes de areia que vêm da banda do nordeste e além disto, como está no fim da terra alta onde se faz uma terra delgada e quem subir em cima da gávea da nau e olhar para dentro da terra verá maneira de lago e onde isto vir aí é o Rio do Ouro; e toda esta costa do Cabo Bojador até ali e dali por diante

mais de cem léguas é sem arvoredo nem erva e deserta, salvo em alguns lugares no sertão vinte léguas do mar ou mais andam alguns alarves e azenegues; e em toda esta costa há muita infinda pescaria e quem neste rio quiser entrar, poderá ir em leste e a quarta do sueste ao longo da terra de barlavento que fica à mão esquerda e achará três braças e meia e quatro de preamar e a maré de nordeste e sudueste; e guarde-se de se meter à parte do sul da mão direita da entrada deste rio porque tudo é baixo e tanto que for por ele acima quase uma légua até junto com uma ilha que no meio dele está, ali podem pousar em três braças e meia em bom fundo limpo, e este rio corre por dentro por a terra quatro ou cinco léguas e nele não há água doce, salvo no mês de Agosto e de Setembro quando ali chove de trovoada, então podem tomar alguma água em poças, e este rio foi descoberto por Afonso Gonçalves Baldaia, cavaleiro do Infante Dom Henrique que foi seu copeiro e por Gil Eanes também seu cavaleiro, capitães de seus navios que então lá foram, no qual fizeram um salto em que cativaram seis alarves, homens honrados, os quais se resgataram por dez escravos negros e por um pouco de ouro em pó, os quais negros e ouro foi o primeiro que daquelas partes ao Infante Dom Henrique trouxeram, e por isto, puseram nome a este rio o Rio do Ouro.

Item. Jaz o Rio do Ouro e Angra de Gonçalo de Sintra norte e sul e toma a quarta de nordeste e sudueste, e tem na rota catorze léguas e esta angra tem por conhecida em cima no meio dela três montes de areia da terra que cerra com o mar tudo é barroca de pedra, e cumpre que o navio que ali houver de surgir pouse ao som do prumo, e este nome lhe foi posto porque os alarves mataram ali Gonçalo de Sintra sendo capitão de um navio do Infante; e quem não houver de ir para esta angra nem para o Cabo das Barbas e for para cada um dos rios de Guiné tanto que partir do Rio do Ouro faça o caminho do sudueste trinta léguas por ir fora do Cabo das

Barbas, porque é muito perigoso e de muito baixos que saem ao mar como se adiante dirá.

Item. Jaz Angra de Gonçalo de Sintra e o Cabo das Barbas nordeste e sudoeste, e tem na rota dezasseis léguas e este cabo é muito perigoso e mau e de grandes recifes de pedra que saem ao mar cinco léguas ou mais, onde se já perderam por vezes navios e quem for de dentro deste cabo na enseada delle não se pode salvar senão saindo a loés-noroeste para o mar, o qual cabo tem por conhecida dois ilhéus pequenos no rosto dele, e da banda da terra tudo é barroca alta e ele se aparta da linha equinocial em ladeza contra o polo ártico vinte e um graus e meio; porém quem partir do Rio do Ouro e for para Arguim ou para cada um dos rios de Guiné, faça o caminho do sudoeste trinta léguas por dobrar este Cabo das Barbas e seus baixos e então corra pelo sul da quarta do sudoeste vinte e cinco léguas e será tanto avante como o Cabo Branco cinco ou seis léguas dele em mar o dito Cabo Branco lhe demorará em leste; e será vinte graus e vinte minutos da equinocial em ladeza contra o polo ártico.

Item. Jaz o Cabo das Barbas e a Pedra da Galé nor-nordeste e su-sudoeste e tem na rota quatro léguas e esta Pedra da Galé tem de longo grandura de um tiro de besta e por ser longa e feita como uma galé lhe puseram este nome, no tempo que a descobriu Afonso Baldaia, cavaleiro da casa do Infante Dom Henrique e seu copeiro, e foi descoberta esta Pedra da Galé no ano de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quatrocentos e trinta e seis anos, e além desta pedra ser conhecida por sua feição, a qual não há outra tal em toda esta terra, ela tem uns penedos maneira de ilhéus da banda do sul; e esta Pedra da Galé jaz com o Cabo do Carvoeiro nor-nordeste e su-sudoeste, e tem na rota dez léguas.

Item. Jaz o Cabo do Carvoeiro e o Cabo Branco nor-nordeste e su-sudeste e tem na rota dezasseis léguas e duas léguas a quem do

cabo está Angra de Santa Maria toda limpa e dentro nela podem pousar dez ou doze navios pequenos em oito e em dez braça e o Cabo Branco tem por conhecida sobre o rosto um monte branco que parece médão de areia, e a costa volve para dentro em lés-sueste e ao sul não parece terra e ele se aparta em ladeza da linha equinocial vinte graus e vinte minutos contra o polo ártico; e assim pela feição deste cabo como pelo correr da costa e graus que aparta da equinocial se pode bem conhecer. Porém quem partir do Rio do Ouro em busca do Cabo Branco, faça o caminho segundo atrás diz neste derradeiro Item onde diz que jaz Angra de Gonçalo de Sintra e o Cabo das Barbas.

Capítulo 24

Das rotas e conhecenças do Cabo Branco em diante para o Cabo Verde

Item. Do Cabo Branco em diante se começam os baixos de Arguim, os quais duram trinta léguas de longo e vinte de largo, e quem houver de ir para cada um dos rios de Guiné estando junto com o Cabo Branco faça o caminho do sul e da quarta do sudueste dez léguas e então corra cem léguas pelo sul e a quarta do sueste e irá ter na Angra das Almadias, que está sete léguas aquém de Cabo Verde e dali indo pelo sudueste haverá o dito cabo e este caminho deve fazer por ir fora dos baixos de Arguim, que são muito perigosos; e quem for em vista do Cabo Branco ao sul nem ao su-sueste não verá terra salvo em lés-sueste porque a costa a esta parte volve.

Item. Jaz o Cabo Branco com a Ilha de Arguim lés-sueste e oés-noroeste e tem doze léguas na rota e neste caminho estão alguns baixos de pedra e de areia e quem por aqui for deve ir sobreaviso, que não dê em seco e na Ilha de Arguim está um castelo que ali mandou fazer o excelente rei Dom Afonso, o quinto por Soeiro Mendes de Évora fidalgo de sua casa depois da morte do Infante Dom Henrique; ao qual Soeiro Mendes fez mercê de alcaldaria-mor desta fortaleza e para seus filhos; e os alarves e azenegues Arguim ouro que ali vêm resgatar e escravos negros de Jalofo e de Mandinga; e couros de anta para adargas, goma arábica e outras coisas; e de Arguim levam panos vermelhos e azuis de baixo preço e lenços grossos, e bordates, e mantas de pouca valia que se fazem em Alentejo e outras coisas desta qualidade.

Capítulo 25

Do deserto de Arguim e dos lugares que estão além dele

Toda a terra que vem do Cabo de Bojador até e dali por diante cinquenta léguas é quase deserta e de muito pouca povoação ao longo do mar e pelo mesmo modo no sertão e isto causa por ser tudo areia e de muito pouca água e a largura deste deserto dura a cerca de duzentas léguas e de longo corre toda a África que se estende e dilata por novecentas léguas e mais contra Oriente até dar no outro mar, onde habitam os etiópios Sob-Egipto vizinhos do Cabo de Guardafui e onde se começa a entrada do Estreito de Meca, que parte com a Arábia, o qual estreito vai para dentro para o Mar Roxo e Arguim, com o Cabo de Guardafui, ambos jazem

em um paralelo, a saber, em vinte e quatro graus de latitude da linha equinocial contra o polo ártico, e assim a terra de Guardafui, como a de Arguim toda, é quase deserta e areia; e neste deserto andam alguns homens selvagens e nus, que se mantêm de gazelas que tomam em laços e lebres e de cobras as quais carnes secam ao sol e isto comem e não outra coisa; e esta terra se chama Sahara e estes homens falam a língua dos azenegues e adoram a burla da seita de Maomé; e é coisa maravilhosa como a grande natureza proveo a todas as coisas necessárias porque sendo este deserto de areia a qual corre muito com a força dos ventos, nele estão umas ilhas de penedos com alguma terra a três e quatro léguas umas das outras e delas mais longe as quais por assim altas que as areias não podem cobrir e estas são os sinais que os alarves que para ali têm para seu caminho em que se acolhem aquela gente selvagem.

Item. Partindo de Arguim por caminho de trinta léguas pelo deserto contra Oriente é achada uma lagoa pequena que se chama Ydamem na qual todo o tempo do ano acham água e ali pousam os alarves que vão de Arguim com suas mercadorias e doutras partes e tomam folga e dão de beber a seus camelos e tomam água para o caminho e quatro léguas desta lagoa contra o sueste está outra lagoa que há nome Emsery; e neste deserto há umas salinas donde tiram muito sal e muito fino nesta maneira, a saber, em certos lugares cavam a terra e acham altura de um côvado uma fita como tábuas muito longa de uma légua de comprimento ou mais e às vezes menos, a qual tem de grossura três dedos e esta cortam em quantidade de seis palmos de longo e três de largo, e destas tábuas cinco delas carregam um grande camelo, e é muito bom e alvo, e eu o vi em Lisboa na Casa da Mina, onde se fazem os tractos de Guiné, o qual ali trouxeram de Arguim e deste deserto levam os alarves muitos camelos carregados deste sal para a feira de Tombuctu donde por ele hão muito ouro.

Item. Adiante ao sueste da dita lagoa Ydamem por espaço de quarenta léguas pouco mais ou menos é achada uma vila povoada de azenegues que se chama Audem, homens pardos de color; e será de trezentos vizinhos, os quais são maometanos e guardam a excomungada seita de Maomé e chamam-se ezarziguy e nesta vila de Audem há grande tracto de ouro, que ali trazem de Guiné por terra e já houve aqui em outro tempo maior comércio do dito ouro primeiro que a mina e outros rios da dita Guiné fossem descobertos e já El-Rei Dom João o segundo, que Deus tem, teve ali um Rodrigo Reinel seu escudeiro por feitor e recebeu tão má companhia desta má gente dos azenegues que lhe conveio vir-se para Portugal, e sua vinda e salvação foi com muito trabalho e risco de sua pessoa e grande despesa; e a quinze e vinte léguas de Audem estão três lugares pequenos povoados de azenegues, os nomes dos quais: o primeiro é Singuyty, e o outro Tynyguuhy, e o outro Marzy, e em todos há tracto de ouro que vem da Guiné e toda esta gente é sujeita a uma geração de alarves que se chama Ludea e esta gente se mantém de tâmaras e de algum pouco trigo que semeiam nos palmares e de carne de cabras e carneiros; e desta terra nunca os antigos escritores souberam o que nós agora sabemos, porque se o tivessem sabido, não com pequena festa se alegraram, e Arguim foi descoberto por Antão Gonçalves, cavaleiro e criado do Infante Dom Henrique, o qual por este serviço lhe deu a alcaidaria-mor da vila de Tomar com o hábito de Cristo.

Capítulo 26

Do caminho que se deve fazer de Arguim para diante até ao Rio de Sanagá e dali até Cabo Verde por dentro pela enseada.

Muitas coisas deixámos de dizer do deserto de Arguim e da Serra de Bafoor, onde comem os homens, e doutros lugares e doutras notáveis coisas por seguirmos o caminho da costa do mar de Arguim por diante e não fazermos longo sermão.

Item. Jaz a Ilha de Arguim noroeste e sueste e tem dezassete léguas na rota e do Rio de São João à Ponta Tofia são sete léguas e desta furna ao Cabo de Arca são quinze léguas e do Cabo de Arca [a] Anterrote são doze léguas; e de Anterrote às palmas de Sanagá são vinte léguas e estas palmas estão a barlavento do Rio de Sanagá da banda do nordeste e toda esta costa do Rio de São João até estas palmas se corre norte sul e a terra é toda coberta de areia e muito baixa e perigosa de muitos baixos de pedra e de areia e má de navega, e esta costa e caminho é muito desviado para os navios que vão para o Rio de Sanagá e Cabo Verde e outras partes de Guiné, porquanto se faz aqui uma muito grande enseada em que entram os baixos de Arguim que duram mais de trinta léguas, e não convém que nenhum navio que houver de ir para Sanagá se meta por dentro da dita enseada má do Cabo Branco deve tomar a rota para o dito rio e outras partes dali em diante.

Item. Qualquer navio que for junto com o Cabo Branco e houver de ir para o Rio de Sanagá faça o caminho dez léguas pelo sul e quarta de sudoeste por ir fora dos baixos de Arguim e então corra vinte léguas pelo sul e demorar-lhe-á o Rio de Sanagá ao sudoeste e será sessenta léguas dele e fazendo este caminho irá por

fora dos baixos de Arguim como dito é e tomará a terra às palmas aquém da boca do dito rio três léguas, o qual rio se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o polo ártico quinze graus vinte e cinco minutos; e porquanto se a barra e canal deste rio muda e não é certa sua entrada, portanto não escreveremos aqui dela coisa alguma se não quem nele houver de entrar sonde primeiro a barra e achará a maré do noroeste e sueste contrária às mares de nossa pátria da Espanha; e sobre a boca deste rio da banda de nordeste está um arvoredado que se chama a mata de Chalam e na mesma boca dele estão uns baixos que saem ao mar uma légua ou mais, e no mês de Julho, Agosto, Setembro, Outubro, traz este rio muito grande força de água doce do monte porque então nesta terra é natural inverno e chove muito, e o piloto que for em busca deste rio faça muito que vá tomar dez ou doze léguas aquém dele e como for junto com a terra sendo de noite deve surgir e ande de dia por não pousar; porque esta terra é muito baixa e muito má de conhecer; e todo seu conhecimento é a dita mata de Chalam e os quinze graus e vinte e cinco minutos que se aparta em ladeza da linha equinocial e a costa que da boca deste rio por diante se corre nordeste e sudueste até o Cabo Verde e em língua dos negros se chama este rio Encalhor e a terra dali Sanagua e o reino Jalofo e em nossos dias se resgatavam aqui escravos negros dez e doze por um cavalo posto que bom não fosse e pela má governança que se nisto teve até seis não podem agora haver e assim resgatavam aqui algum pouco ouro por lenço e por pano vermelho e por outras cousas e este rio mandou descobrir o virtuoso Infante Dom Henrique por Dinis Dias, cavaleiro criado de El-Rei Dom João seu padre, e por Lançarote de Freitas seus cavaleiros e capitães, e quando este Rio de Sanagá foi descoberto e novamente sabido disse o Infante que este era o braço do Nilo que corre pela Etiópia contra ocidente e disse verdade, e quando aqui havia bom resgate se tiravam deste

rio em cada um ano quatrocentos escravos e outras vezes menos a metade; havidos pelos ditos cavalos e outras mercadorias.

Capítulo 27

Donde vem o Rio de Sanagá e das coisas que nele há, e das duas Etiópias.

Pois falámos neste Rio de Sanagá, razão é que digamos alguma coisa do que vai dentro no sertão. Primeiramente é de notar como aqui é o princípio dos etiópios e homens negros, e porque são duas Etiópias, bem é que se saiba como esta primeira se chama Inferior ou Etiópia Baixa Ocidental, na qual é certo e sabido que nunca nela em algum tempo morressem de pestilência. E não tão somente tem este privilégio que lhe a majestade da grande natureza deu, mas ainda temos por experiência que os navios em que para aquelas partes navegamos, tanto que naquele clima são nenhuns homens dos que neles vão desta infirmitade morrem, posto que desta cidade de Lisboa sendo toda deste mal partam, e neste caminho a alguns acontece de adoecer, e outros morrer, como na Etiópia são nenhum dano recebem. E esta primeira Etiópia corre e se estende pela costa do dito Rio de Sanagá até o Cabo da Boa Esperança, que está além do círculo equinocial, contra o polo Antártico, trinta e quatro graus e meio de ladeza. E do dito rio até este cabo são mil e trezentas e quarenta léguas, a qual por outro nome Guiné chamamos. E neste Promontório da Boa Esperança nos parece que África faz fim da terra, que volve deste promontório para diante contra a mina de Sofala e dali a Moçambique e Quíloa e a Cidade de Mombaça, e Melinde, e Pate, e Lama, e

Haranha, e Mogadíscio, cidade populosa, e outros muitos lugares que nesta costa estão, até o Cabo de Guardafui, onde se começa a entrada do Sino Árábico e golfo de Meca, que vai para o Mar Ruivo do dito Promontório da Boa Esperança, correndo esta costa até Guardafui, foi dos antigos escritores chamada Etiópia Sob-Egipto. E são deste Cabo da Boa Esperança até o Cabo de Guardafui, correndo por costa, mil e sessenta léguas, assim que há em toda a dita Etiópia Inferior duas mil e quatrocentas léguas, a saber: de Sanagá até Boa Esperança mil trezentas e quarenta, e dali até Guardafui mil e sessenta, e assim são as ditas duas mil e quatrocentas léguas, todas navegadas pela Portuguesa geração, com o mais que adiante vai da Índia. E as gentes que nestas Etiópias habitam são negros, e têm os cabelos curtos e crespos, feitos como frisa de pano. A outra Etiópia Superior começa no Rio Indo, além do grande Reino de Pérsia, do qual a Índia este nome tomou, e o seu litoral e costa do mar se dilata e estende [...] léguas. E estes são negros, mas não já em tanta quantidade como os da Etiópia Baixa, e têm os cabelos corredios e compridos como os dos homens brancos. Assim que no Rio de Sanagá são os primeiros negros, e aqui é o princípio do Reino de Jalofo, o qual se estende quase cem léguas de longo, e quarenta de largo, e da parte do setentrião ou do norte, pelo Rio de Sanagá, parte com os Azenegues e da parte do meio dia ou do sul se demarca com Mandinga e da banda do levante se ajunta com o Reino de Tucuroi, e tem por costa o Reino de Jalofo cinquenta e cinco léguas, a saber, do Rio de Sanagá até o Cabo Verde vinte e cinco léguas, e dali até o Rio de Gâmbia trinta léguas, pelo qual Rio Mandinga com Jalofo se deparde, e assim são as ditas cinquenta e cinco léguas. E porá em campo o Rei de Jalofo dez mil de cavalo e cem mil de pé, e toda esta gente anda nua, senão os fidalgos e homens honrados, e se vestem de camisas de pano de algodão azuis e ceroulas do mesmo pano. E toda esta gente, com a do grande Reino de Mandinga, e Tucuroi, e outros negros,

todos são circuncisos e maometanos os quais adoram na burla da seita de Maomé. Esta gente toda é viciosa, de pouca paz uns com os outros, e são muito grandes ladrões e mentirosos, que nunca falam verdade, e grandes bêbados, e muito ingratos que bem que lhe façam não o agradecem, e muito desavergonhados que nunca deixam de pedir.

Toda esta gente, e outros muitos seus vizinhos além destes, não sabem onde este Rio de Sanagá nasce e por onde vem. É tão grande e assim fundo que lhe chamam o Rio Negro. E temos notícia por muitos etiópios, homens assaz entendidos, que sabem mais de quinhentas léguas que por este rio acima diversas províncias e terras por onde corre, que o seu nascimento é incógnito. E segundo o curso dele, e a parte onde traz seu princípio, sabemos que saem de uma grande lagoa do Rio Nilo, que tem de longo trinta léguas e dez de largo. E portanto parece que este é o braço que o Nilo lança pela Etiópia Inferior contra ocidente porque o outro contra setentrião corre, o qual se mete com quatro bocas no Mar do Egipto, segundo já temos dito no quinto capítulo deste livro. E na cabeça desta lagoa está um Reino que se chama Tombuctu, o qual tem uma grande cidade do mesmo nome, junto com a mesma lagoa, e ali está a cidade de Djenné, povoada de negros. A qual cidade é cercada de muro de taipa, e nela há grandíssima riqueza de ouro, e ali vai muito o latão, e cobre, e panos vermelhos, e azuis, e sal, e tudo se vende por peso senão os panos. E assim vai aqui muito o cravo, pimenta, e açafão, e seda solta fina, e açúcar. E o tracto desta terra é grande, e assim temos sabido que dos lugares sobreditos onde se fazem grandes feiras, entre as quais uma delas é a do couro, que em cada ano desta terra se tira um conto de ducados de ouro que vai para Tunes, Trípoli de Siria, e Tripoli de Berbéria, e para o Reino de Bugia, e para Fez, e outras partes. E bem poderíamos navegar em navios pequenos por este Rio de Sanagá acima, se não fosse uma muito grande pedra que está pouco

mais de duzentos e cinquenta léguas da boca dele. Primeiro que cheguem a Tombuctu e aos outros lugares, a qual pedra chamam Feleu, e atravessa todo o rio de maneira que nenhuma barca nem navio pode por ali passar, por quantas águas caem por cima dela, dependurada em baixo. E somente os navios de vossa alteza vão por este rio acima até o Reino de Tucurool, porque até aqui entra a maré que são sessenta léguas da boca e barra dele, e ali resgatam seis, sete escravos por um cavalo de pouca valia, e algum ouro por lenço e pano vermelho, alaquecas, que são umas pedras a que nós chamamos de estancar sangue. E nesta terra há muito grandes cobras de vinte pés em longo, e mais, e muito grossas. E além destas, há outras cobras, tão grandes, que têm um quarto de légua de longo, e a grossura, e olhos, boca, e dentes, respondem a sua grandeza, e destas há aí muito poucas, as quais têm tal natureza, que como são tamanhas como digo, logo se saem das lagoas onde se criam e vão buscar o mar. E por onde levam seu caminho, muito dano fazem, e as aves como as vêem ir são tantas sobre ela, que a picam, que é coisa que se não crerá, porque a carne destas cobras é tão mole que se não pode mais dizer, e tanto que entram no mar, todas se desfazem em água. E estas raramente parecem porque de dez em dez anos e mais, se acontece ver uma destas, e isto é duro de crer a quem não tem a prática destas coisas como nós temos. E assim há neste rio tão grandes lagartos, que andam na água que muitos deles têm vinte e dois pés de longo, e com tão grandes bocas que engolirão um homem folgadoamente, e aqui há um pão que se chama balamban, o qual tem a superfície branca, e o cerne de dentro é tão negro como corno de búfalo, e tão duro como um osso, do qual se faz neste reino muitas coisas. E este pão feito em pó, e dado em água a beber a quem tiver tosse, faz muito proveito. E este rio é muito doentio de febres. E o inverno desta terra é de Julho meados até quinze dias de Outubro, e outras muitas coisas

se poderiam dizer do Rio de Sanagá, as quais deixámos de escrever por não fazer longo sermão.

Capítulo 28

Do caminho e rota que se deve tomar do Rio de Sanagá para o Cabo Verde e das ilhas que estão em mar cem léguas do dito cabo.

Item. Jaz a boca do Rio de Sanagá com o Cabo Verde nordeste e sudoeste, e tem vinte e cinco léguas na rota, e este cabo se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico, quatorze graus e vinte minutos. E da ponta deste cabo, saem ao mar uma grande restinga de pedra, que dura meia légua e não convém que se navio chegue muito ao rosto dele. E para dentro do dito cabo da banda do sueste estão três ilhéus, e um deles está na boca de uma grande enseada que se chama angra de Bezeguiche, segundo parece nesta figura que aqui pelo natural pusemos pintada, e dentro desta angra podem pousar quarenta ou cinquenta navios pequenos nas cinco, e seis, até oito braças em limpo. E de fora da Ilha da Palma, nas quinze e dezasseis braças podem pousar quantas naus grandes quiserem em fundo de areia. E estarão meia légua desta ilha, e demorar-lhe-á ao norte, e a quarta de noroeste. E porquanto no mês de Agosto, Setembro e Outubro, nesta terra entra grande força de vento de trovoadas, por então ser aqui natural Inverno cumpre que estejam bem amarradas. E aqui podem tomar água, e lenha, e carne, mas seja por vontade dos negros, porque de outra maneira receberão dano.

aqui mapa

Pois já temos escrito do Cabo Verde, e como se antigamente chamou Hespéride promontório, assim devemos escrever das ilhas que cem léguas em mar dele estão, as quais também naquela antiguidade foram chamadas Hespérides, segundo diz Plínio da Natural História, no seu sexto livro capítulo , trinta e um e agora à principal delas chamamos Ilha de Santiago. As quais ilhas são dez, e mais dois grandes ilhéus. E por se isto melhor entender, pusemos aqui sua pintura e feição, e como se correm com o dito Cabo Verde, e assim umas com as outras as rotas que cada uma tem.

Item. Jaz a Ilha de Santiago com Cabo Verde leste e oeste, e toma a quarta de noroeste e sueste, e tem cem léguas na rota. E porquanto esta demonstração é arrumada, e tem todos os ventos e caminhos por onde se pode ver como estas ilhas jazem umas com as outras, escusamos de o escrever aqui. Somente é para dizer como esta Ilha de Santiago, que é a maior delas, se aparta do círculo equinocial à ponta dela, que sai a parte do norte quinze graus e vinte minutos em ladeza contra o Polo Ártico, e a Ilha da Boavista quinze graus e cinquenta minutos, e as Ilhas de São Nicolau, e Santo Antão, e São Vicente, e Santa Luzia, todas estas quatro estão em dezasseis graus e quarenta minutos de ladeza da equinocial contra o Setentrional Polo. E da Ilha do Fogo, nem da Brava, nem da Ilha do Maio, não curamos pôr aqui a sua altura e ladeza, por ser escusada. E desta Ilha de Santiago, e assim das outras, em cada um ano vem muita peleteria de gado cabrês para Portugal, e assim muita coirama de gado vacaril, e muitos sebos, e algodões assaz finos. E os frutos não se dão nesta terra senão de regadio, porque aqui não chove senão três meses no ano, a saber: Agosto, Setembro, Outubro. E como quer que se esta ilha aparta da equinocial os graus que dito é, por esta causa os moradores dela têm duas vezes no ano dois altos solstícios, a saber: no vinte e dois dias do mês de Abril, no qual dia o sol entra em onze graus do signo de Touro e tem em ladeza e declinação quinze graus e doze minutos, e

neste dia vem em zénite das cabeças dos moradores das ditas ilhas, principalmente desta de Santiago. E outro solstício é em três dias do mês de Agosto, no qual dia o sol entra em ladeza nove graus no signo de Leão, primeiro que chegue ao outonal equinócio, e nesta Ilha de Santiago sobe no zénite das cabeças dos moradores de noventa graus e tem de declinação e ladeza da equinocial neste dia quinze graus e doze minutos. E posto que os raios solares nestes dias a estes sejam tão propícios, eles o suportam com pouca fadiga. E estas Ilhas são estéreis porque são vizinhas ao trópico de Câncer, e têm muito pouco arvoredo, por causa de nelas não chover mais dos ditos três meses. São terras altas e fragosas, e serão más de andar, as quais mandou descobrir o virtuoso Infante Dom Henrique e as fez povoar, e pois já isto temos dito, agora tornaremos ao Cabo Verde, para dali escrevermos a costa do mar como detrás vem ordenada.

Item. Do Cabo Verde de Andam são seis léguas. E este porto de Andam tem uma barreira vermelha, e aqui foi já bom resgate de escravos por cavalos, e foi tempo que davam dez escravos por um cavalo de pouca valia, e já agora este resgate é perdido. E do porto de Andam ao Cabo dos Mastos são duas léguas. E este cabo tem umas barreiras vermelhas escavadas sem nenhum arvoredo, maiores e mais altas que as do porto de Andam. E ao mar deste cabo, nas trinta e quarenta braças, há grande pescaria de pargos, e badejos, e outros peixes. E do Cabo dos Mastos ao Porto de Ale são duas léguas. E este Porto de Ale tem uma praia e uma moita de árvores grossas cerradas em um vale baixo maneira de paul, e estas árvores são muito mais que as do outro arvoredo. E defronte desta mata está o pouso para navio pequeno, e pousará em quatro braças em fundo limpo e cascalho misturado com areia grossa. E quem aqui surgir estará de terra meia légua, pouco mais ou menos. E se for nau grande, pode pousar nas doze braças, e limpo e vasa, e estará de terra uma grande légua. Porém, o navio pequeno que

pousar nas quatro braças em frente da dita mata, guarde-se de uma baixa de pedra que está a barlavento deste pouso para a banda de leste, e jaz ao mar quase meia légua, e não parece sobre água se não quando rompe ou quebra nela. E este Porto de Ale está junto com esta mata, e aqui houve já bom resgate de escravos, que só iam a dar dez por um cavalo, e agora, pelo mau regimento que se neste resgate teve, seis não querem dar. E aqui podem tomar e comprar muita carne e milho para mantimento, e feijões, e água, mas há mester que contentem os negros. E esta costa é muito baixa e muito má de conhecer. E quem conhecer a quiser, venha sempre ao longo da terra, a qual tem muito arvoredo. E do Cabo Verde a este Porto de Ale são dez léguas. E jaz o Cabo Verde com o dito Porto de Ale leste e oeste, e ambos estão em um paralelo e se apartam da linha equinocial catorze graus e vinte minutos. E o mor do Inverno desta terra é no mês de Agosto.

Item. Jaz o Porto de Ale e o Rio dos Barbacins leste e oeste, e tem na rota cinco léguas. E este rio é muito parcelado e de grandes baixos, os quais saem ao mar contra a banda de noroeste duas léguas e mais, e para o sul légua e meia, e tudo é areia. E tem este rio por conhecida sobre a sua boca um arvoredo grosso ao longo da ribeira, o qual está na entrada dos baixos dele à banda do norte. E quem neste rio houver de entrar, para maior segurança, sonde primeiro a barra e saberá por onde vai o alto, porquanto se o canal muda. E indo diretamente pelo mais alto, achará braça e meia de baixa mar, e a maré de noroeste e sueste preamar, e duas braças de mar cheio. E quem entrar dentro neste rio, verá da parte da mão esquerda contra o norte uma árvore grande muito cerrada, e ao pé dela estão muitas fontes de água doce, nas quais podem tomar água em abundância. E irão por este rio acima até vinte léguas. E há resgate de escravos seis e sete por um cavalo, posto que não seja bom, e o capitão que a este resgate for, guarde-se destes negros,

porque são muito má gente. E este rio se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico catorze graus e quinze minutos.

Capítulo 29

Das rotas e conhecenças da terra que vai do rio dos Barbacins para o Rio de Gâmbia.

Item. Quem partir do rio dos Barbacins quatro léguas em mar, faça o caminho do sueste, e haverá a boca do Rio de Gâmbia, e tem na rota quinze léguas. E toda a terra que vai dos Barbacins para Gâmbia é muito baixa e de muito arvoredo, e assim o mar dela é muito parcelado e de grandes baixos de areia, que em dez braças está homem quatro léguas de terra e não a pode ver por sua baixura, e esta terra se chama Gibandor e dura este nome até o dito Rio de Gâmbia. Tem uma muito grande enseada e da parte de sueste faz uma ponta que saem muito ao mar, na qual ponta está um muito grande palmar que dura grandes duas léguas e mais, e no pego desta ponta, quase em mar dela uma légua, está uma baixa de pedra que também tem areia, que se chama a baixa de Santa Maria, em que não há mais de uma braça de água sobre ela. E é muito perigosa e já se ali perderam navios. Este rio se aparta do círculo da equinocial em ladeza contra o Polo Ártico treze graus e cinco minutos, e a maré dele é de noroeste e sueste praia-mar, e meia légua do dito palmar para a banda do norte vai o ramal deste rio agora em nosso tempo. E quem houver de ir para dentro fará o caminho de leste e da quarta de sudueste e achará no mais alto duas braças e meia da baixa-mar e três e meia de praia-mar. E é coisa para notar que a maré tem tamanho raso neste rio que cento e oitenta léguas

e mais sobe por ele acima. E da sua boca a cento e cinquenta léguas está uma comarca de terra que se chama Cantor, e ali estão quatro lugares que o principal deles se chama Sutuco, que será de quatro mil vizinhos. E o outro Jalanco, e o outro Dobanco, e o outro Jamnamsura, e todos são cercados de madeira, e estes estão do rio a meia légua e a légua e meia. E em Sutuco se faz uma grande feira de onde os Mandingas levam muitos asnos, e assim estes mesmos Mandingas quando a terra está em paz e não há guerras, vêm ali aos nossos navios, que por mandado do nosso príncipe vão àqueles lugares. E nos ditos navios resgatam pano vermelho azul e verde de pouca valia, e assim compram lenços e seda de cores solta, e manilhas de latão, e barretes, e sombreiros, e umas pedras a que chamam alaquecas, e outras muitas mercadorias. E quando aí não há guerras, como dito é, sempre se dali trazem a estes reinos cinco e seis mil dobras de bom ouro. E os ditos lugares de Sutuco e dos outros seus vizinhos são do Reino de Jalofo, mas porque estão no extremo de Mandinga, os moradores dali a língua de Mandinga falam. E por este Rio de Gâmbia se parte o Reino de Jalofo do grande Reino de Mandinga, que na língua se chama Emcalhor, como atrás é já dito, e este de Gâmbia que também na língua dos mandingas há nome Guabú. E indo por Guabú acima da parte do norte fica Jalofo, e da parte do sul ou meio dia é Mandinga, a qual se estende de longo quase duzentas léguas e oitenta de largo. E porá em campo o Rei de Mandinga vinte mil de cavalo e a gente de pé ser tanta como aqueles que têm quantas mulheres querem, e como o rei é muito velho que não pode reger o reino ou tem alguma doença prolongada logo o matam e fazem algum seu filho ou parente mais chegado rei. E duzentas léguas além deste Reino de Mandinga está uma comarca de terra onde há muito ouro, a qual chamam Toom, e os moradores desta província têm rosto e dentes como cães e rabos como de cão, e são negros e de esquiva conversação, que não querem ver outros homens. E as gentes de

uns lugares aos quais um deles chamam Beetuu, e o outro Banbarranaa, e o outro Bahaa a esta terra de Toom comprar o ouro por mercadorias e escravos que lhe levam, os quais no modo do seu comércio têm esta maneira, a saber: todo aquele que quer vender escravo ou outra coisa, se vai a um lugar certo para isto ordenado, e ata o dito escravo a uma árvore, e faz uma cova na terra daquela quantidade que lhe bem parece, e isto feito arreda-se a fora um bom pedaço. E então vem o rosto de cão e se é contente de encher a dita cova de ouro enche-a, e se não, tapa-a com a terra e faz outra mais pequena. E arreda-se a fora. E como isto é acabado vem seu dono do escravo e vê aquela cova que fez o rosto de cão, e se é contente aparta-se outra vez fora, e tornado o rosto de cão ali, enche a cova de ouro. E este modo tem em seu comércio, e assim nos escravos como nas outras mercadorias. E eu falei com homens que isto viram, e os mercadores Mandingas vão às feiras de Beetuu, e Banbarranaa, da Bahaa, comprar este ouro que têm daquela monstruosa gente. E tornado ao Rio de Gâmbia, nele há muitos grandes cavalos marinhos, maiores que bois, de todas as cores que cavalos terrestres costumam ter. E a feição de seus corpos é como de bois, e as unhas dos pés e das mãos fendidas como bois, e o pescoço, rosto, gomas, e orelhas, e ancas, como cavalo, e tem dois corninhos ou dentes de dois palmos, cada um de grossura de um braço de homem pelo colo. E estes sempre andam no rio, principalmente nos lugares baixos onde lhe água dá pela barriga, e também no alto quando querem, e assim saem em terra a pastar erva, e dormir ao sol, e assim da água como da terra os provê a majestade da grande natureza. Também há neste rio muitos e grandes lagartos que alguns deles têm vinte e três e vinte e quatro pés da ponta de seu rabo até ao focinho, e estes andam na água e saem em terra quando querem criar, onde põem ovos debaixo da areia, muito maiores que de patos. E ali se criam, e saem destes ovos da grandura de um palmo e logo se vão ao rio, onde se criam

acabadamente. Estes são animais nocivos, e comem os homens, e bois, e vacas. Outras muitas coisas há no Rio Gâmbia que deixo de dizer por não ser amigo da prolixidade, ainda que ela não traz vício, se tem bom modo de satisfazer. E a gente desta terra toda fala a língua dos Mandingas, e são maometanos que guardam a lei ou seita de Maomé. São vestidos de camisas de algodão azuis e ceroulas do mesmo pano. São gente de muitos vícios. Têm as mulheres que querem, e a luxúria entre eles totalmente é comum, são muito grandes ladrões, bêbedos, e mentirosos, e ingratos, e todos os males que há-de ter um mau, eles os têm.

Capítulo 30

Do caminho, rotas, e conhecenças do Rio de Gâmbia para o Cabo Roxo e Rio Grande.

Item. Jaz o Rio de Gâmbia com o Cabo Roxo norte e sul, e tem na rota vinte e cinco léguas. E no meio deste caminho está um rio que se chama Casamansa, a gente do qual são Mandingas, e este rio tem uns baixos que saem da terra para o mar duas léguas, os quais todos são de vasa e sobre eles há cinco e seis braças. E adiante destes, duas léguas para o mar, no Cabo da Vasa, se começa um parcel de areia que dura quatro léguas, e há sobre ele doze e quinze braças. E neste rio de Casamansa vale muito o ferro, e aqui há resgate de escravos por cavalos, e por lenços e por pano vermelho. E este se aparta da linha equinocial em ladeza contra o Polo Ártico doze graus trinta e cinco minutos. E no canal deste rio não falo porque se muda muitas vezes. E quem aqui houver de entrar, sonde primeiro a barra e saberá por onde vai o alto e a

maré deste rio, de noroeste e sueste. E adiante de Casamansa doze léguas está o Cabo Roxo, e tem por conheçença uma barreira ruiva no seu rosto, o qual cabo se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o Polo Ártico doze graus. E de Gâmbia até o Cabo Roxo jaz esta costa norte e sul como atrás é dito. Porém, quem partir do Cabo Verde em busca do Cabo Roxo, faça o caminho de su-sueste e haverá o dito Cabo Roxo, e são cinquenta e cinco léguas na rota.

Item. Adiante do Cabo Roxo duas léguas está Falulo, muito abastado de arroz e carnes. E além de Falulo cinco léguas está o Rio de São Domingos, muito doentio de grandes febres. E além de São Domingos está um rio pequeno que se chama das Âncoras. E além do Rio das Âncoras pouco mais de uma légua está o Rio Grande, e não lhe foi posto este nome por ser maior nem tamanho como os rios de Sanagá e Gâmbia, mas porque tem a boca muito grande, de sete ou oito léguas de largura, com cinco e seis ilhas na dita boca. Por isso lhe foi o dito nome de Rio Grande posto. E quem houver de ir para o dito Rio Grande, vá de Cabo Verde em busca do Cabo Roxo, como acima é dito, e daí irá conhecendo a terra para haver de entrar no Rio Grande.

Capítulo 31

Do Rio Grande e do que nele há

Item. Este Rio Grande tem na boca cinco ou seis ilhas muito baixas e cheias de arvoredos, as quais se chamam as Ilhas de Buam. E por entre elas vão uns canais não muito estreitos, e há lugares baixos e sujos de pedra, por entre os quais corre água de maré muito fortemente. E estes canais que assim vão por entre as ditas

ilhas são além do seu canal deste rio e boca principal, a qual boca está da banda do noroeste, e corre-se para dentro quase leste e oeste, e tão fortemente tem ali água da maré seu curso que acima das ditas Ilhas [...] léguas. Dentro deste rio jaz um macaréu, a saber: quando o mar enche subitamente, levanta água doze e quinze braças, e com tamanha força corre que se algum navio ali estiver pousado, por milagre pode escapar que não seja alagado. Os baixos deste Rio Grande saem muito ao mar por espaço de trinta e cinco léguas, e quem estiver as ditas léguas em mar deste rio, e lhe demorar a dita boca em les-nordeste achará sessenta braças de fundo se tomar sonda. E ali achará no prumo uma areia muito miúda cinzenta, e o piloto que este fundo achar deve conhecer que anda incorporado nos baixos deste rio. E sendo caso que lhe acalme o vento e sentir que a força da maré o mete para dentro, tanto que forem vinte e cinco braças, estará seis ou sete léguas da boca dele e deve logo surgir, ou virar na volta do mar se o vento for para isso, porque destas braças para a terra tudo é sujo de muitos arrecifes de pedras que deles param sobre água deles não. E pelo forte curso que a maré aí tem, muito asinha pode lançar qualquer navio nestes arrecifes, onde se perderá como já fizeram outros. E quem for tanto avante como o canal deste Rio Grande, achará vasa das quinze braças para a terra. E a terra desta costa toda é muito baixa, e de muito arvoredado e má de conhecer. E tem este rio no canal oito e nove braças de praia-mar, e a maré de noroeste e sueste. E este rio se aparta do círculo da equinocial em ladeza contra o Polo Ártico onze graus, e neste mesmo paralelo ou círculo está a cidade de Calecute em Índia. E todo o piloto que por esta terra for, ou pelo golfo do mar se achar, os ditos onze graus de ladeza saiba certo que é tanto avante como este Rio Grande. E a gente que nesta terra habita são gogolis e beafares, e são sujeitos a El-Rei dos Mandingas. E estes são muito negros de cor, e muitos deles andam nus e outros vestidos de panos de algodão. Aqui se

resgatam escravos, seis e sete por um cavalo, ainda que não seja bom; e algum ouro, ainda que é pouco, por pano vermelho, e por lenço e por umas pedras a que chamam alaquecas, e também lhe chamamos de estancar sangue. Esta gente tem muita abastança de arroz, milho, e inhames, e galinhas, e vacas, e cabras, e quase todos estes são maometanos e a Maomé adoram, e são circuncisos. É gente em que não há vergonha nem medo de Deus.

Capítulo 32

Dos rios que vão adiante do Rio Grande e alguns que são dentro dele e assim das rotas e conhecenças até à Serra Leoa.

Neste Rio Grande se podem fazer dois caminhos para Serra Leoa. Um deles é por dentro das ilhas que à boca dele estão, e por ali podem sair pela banda do sueste, mas poucos pilotos sabem esta terra, e posto que por aqui possam ir, deve ser de dia e pousar de noite. O outro caminho é por fora pelo pego, segundo adiante diremos. E dentro deste Rio Grande está um rio que se chama Bugubá e os negros dele são beafares e gogolis, e adiante de Bugubá dez léguas ao longo da costa contra o sueste, está outro rio que há nome dos Nanus porque este mesmo nome é o da gente da terra. E mais adiante seis léguas acharão outro rio que se chama dos Pescadores. E adiante deste cinco léguas é achado outro rio que há nome de Pichel. E mais avante está outro que se chama de Nuno, e aqui há muito marfim, e tem por conhecença uma ilhota pequena na boca. E adiante deste rio duas léguas está o Cabo da Verga, que tem o rosto razoavelmente alto, todo coberto de arvoredo, e esta

costa do Rio Grande até o Cabo da Verga. E jaz noroeste e sueste, e toma a quarta do norte e sul, e tem na rota trinta e cinco léguas. E esta terra é muito baixa e má de conhecer, e o fundo muito sujo e de grandes arrecifes de pedra. E muito perigosa, que se não deve navegar senão de dia, e pousar de noite. E para mais segurança seja navio pequeno, de vinte e cinco até trinta tonéis, porque sendo maior correrá risco de se perder. E todos os negros desta terra são idólatras, e em caso que não conhecem lei são circuncisos, e esta circuncisão tomou causa da vizinhança que têm com os mandingas e outros, que são maometanos. E uma geração destes negros se chama banhauus, e a outra capes, e outra jalungas, e esta é muita gente e tem um Rei que há nome Jaalomansa. E nesta terra se faz uma feira onde chamam Fazenda, na qual se trata muito ouro. E estes jalungas não têm lugares de costa de mar, e jazem no sertão, e outros negros há nesta terra que chamam gogolis. E em toda esta terra na costa do mar há ouro, ainda que é em pouca quantidade, o qual costumamos resgatar por alaquecas, e por contas amarelas e verdes, e por estanho, e lenço, e manilhas de latão, e pano vermelho, e por bacias como de barbeiro. E por estas mercadorias resgatamos aqui muitos escravos. Nesta terra não há edifícios senão casas palhaças, e esta gente toda é metida em guerras que poucas vezes tem paz, possuidores dos elefantes, e onças, e outros muitos desvairados animais, e aves de estranhas feições. E estes se mantêm de arroz, e milho, e outros legumes, e assim carnes e pescados que há aí muitos. E a rota de que acima falámos do Rio Grande para diante se há de entender partindo de dentro do dito rio e de suas ilhas, e saindo pela banda do sueste fora, ao longo da costa.

Item. Ao loeste da quarta do noroeste do dito Cabo da Verga está dez léguas em mar uma ilheta que se chama dos Alcatrazes, suja de redor e má.

Item. Do Cabo da Verga ao Cabo de Sagres são dezoito léguas, e jaz esta costa noroeste e sueste, e toma a quarta do norte e sul e da banda do sueste. Tem este Cabo de Sagres uma enseada grande em que podem pousar navios nas doze e treze braças, e tudo é limpo, e boa ancoração. E no rosto deste cabo, légua em mar, estão duas ilhas pequenas que têm um ilhéu junto consigo. E a estas chamamos as Ilhas dos Ídolos. E este nome lhe foi posto porque os negros desta terra, quando ali vão fazer sua sementeira de arroz, levam seus ídolos em que adoram, e porque ali foram achados muitos deles quando se esta terra descobriu, se pôs este nome de Ilhas dos Ídolos. E na maior destas ilhas da banda do sul acharam na praia uma muito boa fonte de água doce em que os navios de baixa mar, ou gente deles, podem tomar água, porque de praia-mar tudo é coberto de maré, e assim podem tomar lenha, que há aí muita. E ao mar destas ilhas, nas trinta e cinco e quarenta braças, há muita pescaria. E quem nesta terra for guarde-se dos negros dela porque é muito má gente e têm arcos com que tiram com erva maravilhosa, muito fina e peçonhenta, e já algumas vezes aqui mataram da nossa gente. E da banda da terra destas ilhas no sertão verá muita alta serra, à qual chamamos a Serra de Brapam, e os negros outros não lhe chamam, e tem uma muito grande aberta pelo meio que a parte em duas partes. E assim esta serra, como o dito Cabo de Sagres, e Ilhas dos Ídolos, todos jazem em um paralelo, e todos se apartam em ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico nove graus. E podem os navios pousar de redor destas Ilhas dos Ídolos em oito e nove braças em vasa em limpo, e boa ancoração, e estarão pouco mais de meia légua de terra.

Item. Adiante desta Ilha dos Ídolos sete léguas, acharão um rio que se chama do Cristal, e tem na boca da banda do sueste umas árvores altas, e da banda do norte tem um rosto de pedra, e ao longo dele vai a entrada deste rio, e tem no canal três braças de água de praia-mar.

Item. Quatro léguas além deste Rio do Cristal está outro rio que se chama de Caabite, o qual tem uma boca larga, e da banda do norte um arvoredos grosso sobre a boca. E porquanto o canal deste rio, e assim de outros muitos desta terra, se muda e sempre o alto não vai por um lugar, portanto, quem quiser neles entrar sonde primeiro a barra e entrará seguro. E toda esta terra é muito quente e de muito arvoredos.

Item. Adiante de Caabite cinco léguas, está um rio que se chama Tamara, o qual tem na entrada da banda do norte uma mata de arvoredos grosso e alto. E porquanto a barra deste rio se muda muitas vezes e a entrada é perigosa por muitos baixos de areia que tem, e portanto cumpre que quem aqui houver de entrar sonde primeiro a barra.

Item. Quatro léguas além de Tamara está outro rio que se chama Case, e dentro de sua foz, pouco mais de uma légua, está uma aldeia que há nome Anquee, a qual será lugar de trezentos vizinhos, pouco mais ou menos. E este rio de Case tem na boca uma ilha, e assim tem mais umas árvores muito altas da banda do noroeste. E duram os baixos e parcel que saem de sua boca ao mar grande légua e meia, sobre o qual há lugares a duas braças e meia e três braças, e no mais alto deste parcel a cinco e seis braças, e muitas vezes rompe aqui o mar. E quem houver de entrar neste rio, sonde primeiro a barra, porque é assaz perigosa e má, e já se aqui por vezes perderam navios. E toda a terra que vai de Tamara para Case é cortada por dentro pelo sertão, de muitos braços e esteiros que se de uns rios para outros fazem, por onde podem ir navios pequenos de uma parte para a outra. A gente deste rio são chamados teymenes e aqui há ouro muito fino, ainda que é em pouca quantidade. Os escravos e tudo isto se resgata por bacias de latão, e manilhas do mesmo latão, e alaquecas, e pano vermelho, e lenço, e panos de algodão. E nesta terra fazem umas esteiras de

palma muito formosas, e assim colares de marfim. E jaz esta costa da Ilha dos Ídolos até Case les-sueste e oés-noroeste, e tem doze léguas na rota.

Item. Adiante deste rio de Case seis léguas estão umas barreiras vermelhas que vêm serrar com o mar e com a formosa Serra Leoa. E durarão as ditas barreiras três léguas e mais, e toda esta terra do Cabo Verde até à dita serra, que são quase 200 léguas, é muito povoada, a qual é terra de muito arvoredo, e baixa, e má de conhecer. A junto com as ditas barreiras vermelhas onde se querem juntar com a dita Serra Leoa, está um rio que se chama Bintonbo, do qual saem uns baixos de areia ao mar, que dura uma légua ou mais. E de baixa-mar ficam em seco muitas cabeças de areia destes baixos, e pelo dito Rio de Bintonbo acima, duas léguas de sua foz, está uma aldeia que se chama Taguarim, e será lugar de duzentos vizinhos. E além desta, para cima três léguas, mandou fazer o sereníssimo Rei Dom João o Segundo uma fortaleza, a qual depois por algumas causas mandou derribar. E todos os negros do Rio Grande até esta Serra Leoa e dali por diante são gentios idólatras, e são circuncisos, sem saberem razão porque a tal circuncisão fazem. E costumam somente dizerem que o fazem por andarem limpos, e outros dizem que não fariam geração se se não circuncidassem, outros que assim o costumaram seus pais, e careira da causa principal e razão porque caem neste erro. E como quer que os jalofos, mandingas, e tucuroees são maometanos e por causa de sua lei são circuncisos, e os beafares, que vão mais adiante, pelo mesmo modo e vizinham com os vizinhos da mesma Serra Leoa, por esta causa tomaram a circuncisão uns dos outros. E pois fomos sempre este caminho das Ilhas dos Ídolos para a dita serra ao longo da costa do mar, agora diremos como jazem esta costa e ela.

Item. Jazem as Ilhas dos Ídolos com a ponta da Serra Leoa, que se chama Cabo Ledo, noroeste e sueste, e tem na rota dezoito

léguas. E toda a gente que vai destas ilhas até à dita serra, por um nome são chamados teymenes, e estes chamam ao ouro tebongo, e água mancha, e ao arroz maaloo.

Capítulo 33

Da Serra Leoa e das coisas que nela há, e como o virtuoso Infante Dom Henrique descobriu esta terra do Cabo de Não até aqui somente.

À ordem da obra, convém dizermos da natureza da gente desta Serra Leoa e do seu modo de viver. E a maior parte dos moradores desta terra por um nome são chamados boulooes, e é gente belicosa que poucas vezes estão em paz. Estes chamam ao ouro emloam, e água men. E algumas vezes se acontece estes negros comerem outros homens, ainda que isto não usam tão comumente como se usa em outras partes desta Etiópia. E estes todos são idólatras e feiticeiros, e por feitiços se regem, em tal maneira que aos oráculos e aos agoiros sem dúvida se lhe dão. Nesta terra há aí ouro, e não em muita quantidade, o qual os boulooes hão por sal, que levam a uma terra que chamam Coya, donde este ouro vem, que é assaz fino, quase de vinte e três quilates, o qual costumamos resgatar por manilhas de latão, e por bacias tamanhas como de barbeiro, e por lenço, e pano vermelho, e alaquecas, e panos de algodão, e outras coisas. Estes negros têm os dentes limados e agudos como de cão. Nesta terra se fazem as mais subteis colares de marfim, e melhor lavradas que em nenhuma outra parte, e assim fazem esteiras de palma, a que eles chamam bicas,

muito formosas e boas. Nesta serra há muitos elefantes, e onças, e outras muitas desvairadas alimárias que nesta Espanha, nem em toda a Europa, não há. Também há aqui homens selvagens a que os antigos chamaram sátiros, e são todos cobertos de um cabelo ou sedas quase tão ásperas como de porco. E estes parecem criatura humana, e usam o coito com suas mulheres como nós usamos com as nossas. E em vez de falarem gritam quando lhe fazem mal, e porque estes andam na maior espessura desta serra, poucas vezes os podem tomar se não em sendo moços pequenos. Muitas outras coisas se poderiam dizer deles que por não fazer longo sermão deixo de escrever. Todos os negros desta terra andam nus, senão quando cobrem as partes inferiores e membro de geração com um pano de algodão. Nesta serra não há edifícios, e moram em casas palhaças. E no sertão, doze ou quinze léguas do mar, é achada uma geração de gente a que chamam sousos, e estes são senhores de muito ferro, que trazem à serra e a outras partes de que hão assaz proveito. E muitos cuidam que este nome de Serra Leoa lhe foi posto por aqui haver leões. E isto é falso, porque Pêro de Sintra, um cavaleiro do Infante Dom Henrique, que por seu mandado esta serra descobriu, por ver uma terra tão áspera e brava, lhe pôs nome Leoa, e não por outra causa, e isto se não deve duvidar porque é verdade, porque ele me disse assim.

Item. Esta serra tem uma ponta que há nome o Cabo Ledo, o qual tem uma baixa de pedra um grande tiro de bombarda ou mais ao mar desta terra, a qual parece sobre água altura de um ou mais. E entre esta baixa e a terra vai um canal em que há sete, oito, braças de água, e ao pé desta baixa há quatro braças, e qualquer navio pode passar por este canal sem perigo algum. E quem estiver no rosto deste Cabo Ledo, indo dali para dentro, em les-nordeste ao longo da terra para dentro, em espaço de uma légua achará uma angra com uma areia ruiva, e tem uma árvore grossa e muito alta, e junto com o pé desta árvore achará um ribeiro de muito boa

água doce. E da parte da mão direita está uma angra que tem um esteiro e uma areia preta onde está um muito bom espalmadouro no qual se podem correger quinze ou vinte navios. E em toda esta serra há muita pescaria, e arroz, e milho, e galinhas, e capões, e poucas vacas, e outro gado. Mas quem aqui for guarde-se destes negros, que são muito má gente, e tiram com arcos e erva muito fina. E esta Serra Leoa se aparta do círculo da equinocial em ladeza oito graus, e estes mesmos graus se levanta ali o Polo Ártico sobre o círculo do hemisfério, e porquanto do Cabo Verde se faz outro caminho mais direito pelo golfo para esta serra portanto o escreveremos aqui.

Item. Quem partir de Cabo Verde e quiser ir para a Serra Leoa, faça o caminho ao sul oitenta léguas, e então será tanto avante como os baixos do Rio Grande. E se aqui for, estará em onze graus de ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico, e demorar-lhe-á a boca do dito rio em les-nordeste, e será trinta e cinco léguas em mar dele, e tomarão sonda de cinquenta até sessenta braças de areia muito miúda cinzenta. E daqui faça o caminho em les-sueste cento e vinte léguas, e haverá a dita Serra Leoa. E primeiro que a ela cheguem com vinte léguas, se tomarem sonda acharão quarenta braças [de] areia grossa vermelha misturada com pedrinhas miúdas, e todo o fundo de redor da serra é desta qualidade. E ali, se pescarem, tomarão muitos pargos. E o piloto que nesta terra for deve ser avisado que tenha boa vela em seu navio, porque aqui entram muito grandes trovoadas com grande força de vento, e o remédio disto é amainar até que a trovoada passe. E nesta serra há muito grandes almadias todas de um pau, que muitas delas levam cinquenta homens, com os quais se servem, e fazem guerra uns aos outros. E esta terra é muito cheia de arvoredos, o qual dura adiante quase mil léguas. E assim é terra assaz quente todo o ano, e por isto devemos notar o que diz Alfragano: que os Etiópios, o

seu Inverno e Verão, são de uma mesma compleição. E até aqui descobriu o virtuoso Infante Dom Henrique.

Muitos benefícios tem feitos o virtuoso Infante Dom Henrique a estes Reinos de Portugal, porque descobriu a ilha da Madeira no ano de nosso senhor de 1420, e a mandou povoar, e mandou a Sicília pelas canas de açúcar que nela fez plantar, e pelos mestres que o açúcar ensinaram fazer aos portugueses, a qual ilha agora rende trinta mil cruzados de ouro ao mestrado de Cristo. Isso mesmo mandou a Ilha de Malhorca por um mestre Jacome, mestre de cartas de marear, na qual ilha primeiramente se fizeram as ditas cartas, e com muitas dádivas e mercês o houve nestes Reinos, o qual as ensinou a fazer aqueles de que os que em nosso tempo vivem aprenderam. Isso mesmo fez povoar as Ilhas dos Açores a que antigamente Górgonas se chamaram. Tudo isto este virtuoso príncipe, com outras muito boas coisas tem feitas, que escuso dizer, além de descobrir Guiné até à Serra Leoa, da qual serra pusemos aqui a pintura pelo natural, por se melhor entender. E aqui faz fim o primeiro livro. E por tanto devemos rogar a Deus por sua alma, o qual se finou da vida deste mundo em treze dias do mês de Novembro do ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de 1460 anos, e jaz sepultado no Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha na capela de El-Rei Dom João, seu pai. E tanto são os benefícios que o virtuoso Infante Dom Henrique tem feitos nestes Reinos, que os reis e povos deles lhe são em muita obrigação, porque na terra que ele descobriu, grande parte da gente de Portugal ganha de comer, e os reis neste comércio grandes proveitos hão cá do Rio de Sanagá, que é no princípio do reino de Jalof, onde são os primeiros negros, segundo se faz menção quase no fim dos vinte e sete capítulos deste livro, até a Serra Leoa. Inclusive quando o comércio desta terra estava bem ordenado, em cada um ano se tiravam dela três mil e quinhentos escravos e mais, e muitos dentes de marfim de elefante, e ouro, e panos finos de algodão,

com outras muitas coisas. Assim que devemos rogar a Deus pela alma do Infante Dom Henrique, que por ele descobrir esta terra foi causa de descobrir a outra Guiné da dita serra por diante, e a Índia, de cujos comércios com grandes riquezas somos abastados.

aqui mapa

Princípio do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis, do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom Afonso, o Quinto de Portugal. Segue-se primeiramente o prólogo.

Enquanto nossas memórias têm lembrança do que em nosso tempo vimos passar, para verdadeiramente podermos dizer o que por muitas vezes vimos, em muita repreensão cairíamos se por nós não fosse dito, porque em tanto são vivos aqueles que por imortal glória devem viver enquanto o saber de seus grandes feitos dura, e segundo as obras que os tais príncipes fizeram assim fica sua fama digna de louvor. E como quer que esta regra a todos é geral, e principalmente àqueles que por seus merecimentos suas coisas devemos notar, portanto não é para esquecer o sereníssimo príncipe El-Rei Dom Afonso o quinto de Portugal, que Deus tem, como é certo. E temos visto que foi excelente varão, e de magnânimo coração, e ganhou tal imortalidade, por onde sua clara fama perpetuamente deve durar. E porquanto a diferença dos tempos e longura das idades escondem o saber das coisas, e as metem em esquecimento, portanto devemos fazer tal lembrança deste sereníssimo senhor que, de geração em geração, fique a memória dele. Porque com muita equidade e justiça, trinta e dois anos estes Reinos regeu, e não foi menos louvado nos grandes feitos de armas que em seu tempo fez, que na governança da República, que sempre muito estimou. Nem podemos outra coisa al dizer, pois é verdade senão que foi excelente varão e de magnífica liberalidade, e de tão limpa condição e graça o dotou nosso senhor, que por sua

muita bondade foi universalmente amado de todos seus súbditos e naturais, pelo qual sendo sabida sua clara fama por muitas províncias e regiões, o santo padre o Papa Pio Segundo o elegeu por capitão da Igreja e Cristandade em uma grande armada que então ordenou fazer contra o turco, para a qual outorgou uma santa indulgência e cruzada em cuja memória este sereníssimo Rei Dom Afonso foi o primeiro que nestes Reinos a moeda dos cruzados de ouro fino, para se pagar o soldo desta santa guerra, mandou fazer. E o seu primeiro preço foi posto a trezentos vinte e cinco reis, cada cruzado. E por o Santo Padre se finar esta armada não houve fim. E este virtuoso príncipe, por serviço de Deus, passou em pessoa além do mar em África, com grande frota e gente, onde por força de armas tomou aos mouros a vila de Alcácer Ceguer, no ano de nosso senhor de 1458, em dezanove dias do mês de Outubro, e depois, no ano de 1471 anos em vinte e quatro dias do mês de Agosto, tomou aos mesmos mouros por força de armas a vila de Arzila, na qual grande mortandade de mouros foi feita. E com este medo todos os moradores da muito antiga e forte cidade de Tânger fugiram e a deixaram só. E este excelente príncipe a mandou tomar e povoar. As quais coisas todas vimos com outros muitos grandes feitos, que é escusado escrever em tão baixo estilo de tão alto príncipe. Mas somente nos cabe dizer como, depois da morte do Infante Dom Henrique, ele sobcedeu estas Etiópias de Guiné, e o que em seu tempo por elas mandou descobrir além da dita Serra Leoa. E por mais sua lembrança, pusemos aqui o rodízio que trazia por sua divisa, com o seu moto que dizia Jamais. Ele se finou na vila de Sintra, aos 28 dias do mês de Agosto do ano de nosso senhor Jesus cristo de 1481 anos.

Capítulo 1

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis

Quanto que homem passa a ponta do Cabo Ledo da Serra Leoa por espaço de seis léguas contra o su-sueste, logo parecem três ilhetas, que se chamam as Ilhas Bravas, e na maior delas está uma muito boa fonte de água doce. E dali por diante faz a costa uma muito grande enseada, que tem em roda vinte e cinco léguas ou mais, segundo parece nesta figura, que está além do rodízio, a qual chamamos a Furna de Santa Ana, na qual estão muitos rios, entre os quais o maior e o mais principal deles chamam o Rio das Camboas. E este jaz leste e oeste com as ditas Ilhas Bravas, e tem oito léguas na rota. E na boca deste rio está uma muito grande restinga de pedra, que dura grande meia légua ao longo da terra, e a canal dele tudo é vasa, e tem três braças de água de praia-mar. E podem ir por este rio acima navios pequenos até uma légua, que chamam Harhouche, onde resgatam algum ouro e escravos por alaquecas, e manilhas de latão, e pano vermelho, e lenço, e bacias do mesmo latão, e outras coisas desta qualidade. E toda esta Furna de Santa Ana é muito suja de baixos de pedra e de areia, e qualquer navio que ordenadamente para aqui não houver de ir, e for para a costa da Malagueta ou para Mina, outro caminho deve fazer segundo adiante se dirá. E toda gente desta terra hão nome bouloees.

aqui mapa

Item. Se algum navio estiver tanto avante como o Cabo Ledo da Serra Leoa, e houver de ir para a Costa da Malagueta, ou para a Mina, sendo navio pequeno de trinta e cinco tonéis, pouco mais ou menos, faça do dito cabo o caminho de su-sudueste, e irá pelas oito e nove braças, e dobrará o Cabo de Santa Ana, e será em mar dele seis léguas. E sendo nau grande, deve fazer o caminho de sudueste,

e irá pelas doze e quinze braças, e tanto que trinta braças for, vá-se em les-sueste e irá ter em um cabo que se chama o Cabo do Monte, que está avante do dito Cabo de Santa Ana trinta léguas, e costa da Malagueta ou da Mina, como se adiante dirá. E este Cabo de Santa Ana é terra muito baixa, e tem três ilhéus na ponta, e a terra por dentro da furna é cortada de um braço de mar, que vai ter ao Rio das Palmas. E o cabo fica em ilha, e chama se Turulo. E do Cabo Ledo da Serra Leoa a este Cabo de Santa Ana são dezasseis léguas, e este se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o Polo Ártico sete graus, e na demonstração e pintura aqui posta se verá a feição desta terra.

Item. Jaz o Cabo de Santa Ana e o Rio das Palmas leste e oeste, e tem doze léguas na rota. E porquanto o canal deste rio se muda duas e três vezes no ano e nele não posso falar coisa certa, portanto deixo de o escrever. Somente saiba quem aqui houver de entrar que este rio tem na boca muitos baixos de areia, e primeiro que aqui entre, por sua segurança, deve sondar a barra; ou entre por dentro, pela Furna de Santa Ana, por um braço que o mar ali faz ao longo da Ilha de Turulo, e irá dentro no Rio das Palmas, segundo se pode ver nesta pintura e demonstração. E na terra de sueste que está junto com a boca deste rio algum pouco é mais alta que a outra que fica atrás. E indo com navio pequeno de trinta até trinta e cinco tonéis por este rio acima, espaço de vinte e cinco léguas, acharão sete aldeias, e além delas está um grande lugar que terá cinco ou seis mil vizinhos a que chamam Quynamo. E estando aqui dois meses, poderiam resgatar mil e quinhentas dobras ou mais pelas mercadorias de que atrás falámos, no primeiro capítulo deste segundo livro. E por estanho que a terra aqui razoada valia, e assim se resgataram pelas ditas mercadorias alguns escravos. E quem aqui for, guarde-se dos negros desta terra, porque são muito má gente e trabalham de tomar os navios com grandes almadias que têm. E

esta gente se chamam bouloees, e esta terra é muito abastada de arroz e de outros mantimentos, e assim é muito doentia de febres.

Capítulo 2

Do Rio das Galinhas

Toda a terra que vem do Rio das Palmas ao longo da costa até ao Rio das Galinhas é muito baixa, e de muito arvoredo, e é terra quente em todo o ano, e o Inverno começa aqui no mês de Maio e acaba por Outubro, no qual chove muita água. E posto que isto assim seja, nem por isso deixa aqui de fazer no mesmo tempo grandes calmas, e isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela, que aos Etiópios o Verão e o Inverno ambos são de uma mesma compleição, e isto causa porque a Etiópia dela jaz debaixo da linha equinocial dela que se avizinha do mesmo círculo, e tanto a dita Etiópia é tão quente. E seguindo nosso propósito, digo que o Rio das Galinhas jaz com o Rio das Palmas leste e oeste, e toma a quarta do noroeste e sueste, e tem doze léguas na rota. Porquanto este Rio das Galinhas é sem proveito, não ousou de falar nele.

Item. Jaz o Rio das Galinhas e o Cabo do Monte noroeste e sueste, e toma a quarta de leste e da oeste, tem na rota quinze léguas. E este cabo do monte é razoavelmente alto, e quando demora ao nordeste, e a quarta de leste faz no meio a ponta dele em cima uma forçada, e é um monte só nesta costa. E o fundo de arredor deste cabo é alto, que a uma légua em mar acharão quarenta e cinco e cinquenta braças, e quase tudo vasa. E a uma meia légua a quem deste Cabo do Monte para a banda da oeste, está um rio

a que nós chamamos o Rio dos Momos, e outros por outro nome o chamam, o qual posto que tenha a boca razoavelmente grande não se pode ver se não for muito junto com terra. E o canal deste rio é muito baixo, que de praia-mar terá uma braça e palmo de água, e não pode aqui entrar senão navio muito pequeno, e indo por ele acima trinta léguas, pouco mais ou menos, é achada uma comarca de terra que chamam Coya e desta terra vem todo o ouro a toda a Serra Leoa e suas comarcas. E é ouro muito fino, quase de vinte e três quilates em lei, e aqui vale muito o sal, e muito mais o estanho, e as outras mercadorias que na mesma serra valem, e a gente desta terra se chamam cobales.

Item. Do Cabo do Monte ao Cabo Mesurado são doze léguas, e este Cabo Mesurado faz de si um monte redondo. E como homem é tanto avante como ele, faz no meio uma forçada, e para uma parte se aparta uma mamoa, e para outra parte outra. E este cabo se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico seis graus e vinte minutos. E esta costa se corre noroeste e sueste, e toma a quarta de leste e de loeste.

Item. Do Cabo Mesurado à mata de Santa Maria são duas léguas, e esta mata é muito grande e de muito grosso arvoredo. E aqui se começa o resgate da malagueta, que em latim se chama granum paradisi, e dura este comércio quarenta léguas ao longo desta costa.

Item. Da Mata de Santa Maria ao Rio de São Paulo são seis léguas. E neste rio há ouro, ainda que em pouca quantidade, e será de lei de vinte e três quilates. E ali se começam uns montes razoavelmente altos, aos quais chamamos os montes de São Paulo. E este nome lhe foi posto porque no dia do apóstolo São Paulo foram estes montes e o dito rio descobertos, os quais se estendem ao longo da costa para a banda de leste seis ou sete léguas, e se apartam da ribeira do mar até duas léguas, pouco mais ou menos.

E a conheçença do dito Rio de São Paulo é que está tanto avante como o princípio destes montes, e esta costa se corre noroeste e sueste, e por este caminho irão fora do dito rio duas léguas em mar dele.

Item. Do Rio de São Paulo ao Rio do Junco são seis léguas, e este Rio do Junco tem um ilhéu na boca, e aqui há também ouro em pouca quantidade, e pelo mesmo modo malagueta.

Item. Do Rio do Junco ao Rio dos Cestos, são doze léguas. E este nome do Rio dos Cestos lhe foi posto porque os negros desta terra vêm resgatar aos navios malaguetas, a qual aqui há muito boa e razoavel quantidade, e esta trazem em uns cestos, o que em toda a outra costa onde há a dita malagueta não costumam trazer. E para segurança do navio e gente que aqui for ter, pousem pelas oito, dez e doze braças, e surgindo neste fundo estarão em vasa tanto avante como à boca deste rio, e estarão quase uma légua da terra porque pelas vinte braças e vinte e cinco tudo é muito sujo de pedra. E a boca deste rio é muito pequena e não se pode ver, senão quem estiver de dentro de uma enseada que se ali faz. E da banda de leste tem um rosto de pedra que faz uma Restinga ao pego, a qual se chama o Cabo das Baixas. E este Rio dos Cestos se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Polo Ártico cinco graus e trinta minutos. E a gente desta terra, e dali por diante vinte e cinco léguas ou mais, se chama zeguebos. E abaixo da boca deste rio meia légua, onde está o Cabo das Baixas de que atrás falámos, está uma mata de arvoredo assaz grossa. E quem este rio quiser conhecer, olhe estes sinais que aqui são escritos e a ladeza que se apartam da equinocial, e por isto conhecerá. E neste próprio paralelo e ladeza está o castelo de São Jorge da Mina, em cinco graus e trinta minutos, e este Rio dos Cestos se corre com o Rio do Junco noroeste e sueste, e toma a quarta de leste e oeste, e tem as ditas doze léguas na rota.

Capítulo 3

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis

Porque convém levarmos ordem e declaração no proceder dos sinais e caminho desta costa, escreveremos pelo miúdo assim os lugares como vão, e qualquer outra coisa que acerca disto nos bem parecer.

Item. Do Rio dos Cestos de que acima falámos, três léguas diante, está uma ilha pequena, um quarto de légua da terra, que se chama a Ilha da Palma. E este nome lhe foi posto por causa desta palma que agora em nossos dias tem. E por entre esta ilha e a terra não costumamos navegar por não ser lugar para isso. Porém, quem aqui quiser pousar com navio pequeno, pouse pelas dez braças e estará de terra quase uma légua em fundo limpo e ali resgatará e comprará escravos a que também chamam guey e por outro nome nhunho. Agora está este comércio danado, porque quando estava como devia, se comprava um alqueire de malagueta por uma manilha de latão, que teria em peso meio arrátel, e um escravo por duas bacias assim como as dos barbeiros, e agora vai um alqueire de malagueta cinco e seis manilhas, e um escravo quatro e cinco bacias. Os negros desta costa não são circuncisos. E andam nus, são idólatras, e é gente sem doutrina nem bondade. São grandes pescadores, e vão a pescar duas e três léguas no mar em umas almadias que parecem lançadeiras de tecer lã.

Item. Da Ilha da Palma aos Ilhéus são duas léguas. E estes ilhéus são dois, e são todos calvos, que nenhuma terra nem árvore têm, e assim são muito brancos de esterco das aves do mar que dormem ali. E de arredor destes ilhéus há muitos baixos de pedra, muito perigosos e maus, e deles parecem sobre água, e outras não. E

quem nesta costa houver de andar com navio grande, de oitenta ou cem tonéis, pouse pelas trinta e cinco braças, e estará uma grande légua e meia da terra. E se for navio pequeno pousará nas oito braças abaixo destes ilhéus, em fundo limpo de areia, e estará meia légua de terra, porque tanto estão os ditos ilhéus. E quem aqui for guarde-se de surgir pelas vinte e vinte cinco braças, porque tudo é sujo e perderá as âncoras. E todo o homem avisado não deve cometer resgate nesta costa como entrar o mês de Maio, até fim do mês de Setembro; porque esta terra é muito tormentosa e de grandes trovoadas, e aqui se acha razoavelmente adamente malagueta e alguns escravos, o que tudo se resgata pelas mercadorias, como nos outros capítulos atrás é dito.

Item. Dos ditos ilhéus ao Cabo Formoso são cinco léguas, e este cabo não sai muito ao mar. E assim ele, como toda a outra costa, é coberta de muito arvoredado e má de conhecer a quem vem de mar em fora.

Item. Do Cabo Formoso ao Resgate do Genovês há três léguas, e este nome lhe foi posto porque quando El-Rei Dom Afonso o quinto mandou descobrir esta costa ia um genovês, marinheiro, em um navio, e este foi o primeiro que aqui saiu em terra, e resgatou malagueta. E por isso lhe puseram o nome o Resgate do Genovês, o qual tem por conhecida uma mata de arvoredado miúda, razoavelmente alto, feito ao modo de uma sobranceira, a saber: alta no meio, aguda nas pontas. E aqui está um rio muito pequeno, que não parece a boca dele, se não estando homem muito perto de terra. E aqui há malagueta e escravos pelo modo que acima é dito. E quem neste lugar houver de surgir seja nas quinze braças e estará pouco mais de meia légua de terra em fundo limpo.

Item. Do Resgate do Genovês ao Rio de São Vicente, há três léguas, e entre este Resgate e o dito Rio de São Vicente, se faz uma ponta aguda que sai ao mar, a qual tem muita pedra e pouco

arvoredo. E da banda de leste desta ponta está o dito Rio Pequeno, e de má entrada porque o mais do tempo aqui corre o mar, e já por vezes neste rio entraram batéis dos nossos navios a tomar água e lenha, e se perderam. E este rio jaz noroeste e sueste como o Rio dos Cestos, e toma a quarta de leste e oeste, e tem quinze léguas na rota, e aqui há malagueta.

Item. Adiante do Rio de São Vicente, quatro léguas pela costa, está a Praia dos Escravos. E esta praia durará em longo duas léguas ou mais, o qual nome lhe foi posto porque aqui se resgataram certos escravos no tempo que se esta terra descobriu. E agora pouco resgate se faz aqui, porque pela costa atrás ficam, e assim alguma parte da que adiante vai se acha mais malagueta e escravos que na dita praia. E no ano de nosso senhor Jesus Cristo de 1475 anos se armou em Flandres um navio de flamengos, com um piloto castelhano e algumas mercadorias, os quais se atreveram ir resgatar á Mina, primeiro sete ou oito anos que o castelo de São Jorge fosse feito. E como quer que lá resgatassem cinco ou seis mil dobras, e não temendo as graves excomunhões dos Santos Padres sobre este caso outorgadas aos Reis de Portugal, que outra nenhuma geração lá não fosse senão os portugueses por licença dos ditos reis, assim como os ditos flamengos não temeram as defesas do pastor da Santa Madre Igreja, assim lhe deu Deus mau fim; porque da torna viagem da dita Mina vieram ter tanto avante com esta Praia dos Escravos, e como o vento então fosse calma e loeste, surgiram pelas vinte e cinco braças, e como quer que em toda esta costa este fundo é sujo, a pedra lhe cortou de noite amarra, e ventando o vento do mar deu com este navio na dita praia a costa, onde se perdeu e ali comeram os negros trinta e cinco flamengos, que no dito navio iam. E isto soubemos depois pelos ditos negros, e por Pedro Gonçalves Neto, que o outro ano ali foi por capitão de um navio, que quase todo o ouro que os ditos flamengos traziam resgatou, com alguma parte dos vestidos deles.

Item. Da Praia dos Escravos a Lagea são sete léguas, e toda esta costa do Rio de São Vicente até a Lagea se corre de les-sueste e oes-noroeste. E esta Lagea é uma pedra muito grande, que terá mais de um tiro de besta de comprido, e meio tiro de largo, e está da terra pouco mais de um quarto de légua. E neste lugar há mais malagueta de toda esta costa. E para se conhecer esta Lagea, os sinais são ela mesma. E à terra dela parece um arvoredado grande e alto. E o navio que aqui for para fazer comércio ou resgate deve surgir pelas dez ou doze braças, e pousará em vasa, e guarde-se que não pouse pelas vinte nem vinte e cinco braças, porque tudo é pedra, e perderá as âncoras. E os negros de toda esta terra trazem a malagueta a resgatar aos navios nas almadias em que vão a pescar ao mar; andam nus e não são circuncisos, e são idólatras porque são gentios.

Item. Da Lagea ao cabo de São Clemente são cinco léguas. E esta costa se corre les-sueste, e oés-noroeste. E este cabo é coberto de arvoredado, e não entra muito no mar e aqui há pouca malagueta; todos os negros desta costa são idólatras e não são circuncisos. É gente viciosa e de pouca paz.

Item. Do Cabo de São Clemente ao Cabo das Palmas são doze léguas, e jaz a rota leste e oeste. Porém, quem partir deste Cabo de São Clemente de junto com terra para o das Palmas, fará o caminho de leste e da quarta do sueste, e irá seguro. E este Cabo das Palmas faz de si uma ponta delgada que sai ao mar razoavelmente, o qual tem uma carreira de palmas. E ao pego dele, espaço de uma légua pouco mais ou menos, estão duas baixas de pedra em que quebra o mar, e são assaz perigosas. E este cabo se aparta da linha equinocial em ladeza contra o Polo Ártico quatro graus e dez minutos, e a costa dali por diante evolui em les-nordeste, e estes são os sinais por onde se pode conhecer, e principalmente pela ladeza em que se da equinocial aparta. E em terra na ponta deste cabo está

uma fonte de boa água doce onde, às vezes, quando a necessidade nos afadiga, tomamos água em uma angra de uma areia que se ali faz de dentro do dito cabo para a banda de leste. E não tema quem aqui for de se meter por entre as ditas duas baixas e a terra, porque tudo é limpo e alto, doze e treze braças. E do mês de Setembro até fim de Março, e ainda alguns meses adiante, correm as águas deste cabo para dentro, em leste e em lés-nordeste tão fortemente que os navios que da Mina para Portugal vêm o não podem dobrar salvo se vem um teso de bom vento largo a popa ou a quartel. E então costumamos a fazer o caminho de loes-sudueste, caminho destes Reinos por nos arredarmos da Costa da Malagueta, a qual faz fim no dito Cabo das Palmas. E adiante deste cabo duas léguas faz a terra uma ponta grossa que tem uns rostos de pedra cobertos de arvoredos, que são ao mar tanto ou mais como o dito Cabo das Palmas. E aqui está uma aldeia a que pusemos nome Aldeia de Portugal, e a gente deste Cabo das Palmas se chama egorebo.

Capítulo 4

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis, das rotas e conhecenças do Cabo das Palmas até o castelo de São Jorge da Mina.

Convém que digamos a diferença que há no correr da costa do Cabo das Palmas em diante, porque do dito Cabo para diante se corre de uma maneira e para trás para a Costa da Malagueta de outra e isto deve obrar qualquer piloto que nestas partes for e assim os graus da equinocial que se este cabo aparta em ladeza contra o polo ártico e isto entendido não poderá errar posto que

não conheça a terra pela maneira que a nós agora conhecemos pela prática que de muitos anos acerca disto temos.

Item. Passado o Cabo das Palmas adiante oito léguas está um rio que há nome o Rio de São Pedro e corre-se com o dito Cabo és-nordeste e oés-sudoeste e este rio tem a boca assaz pequena e por não termos dele prática o não costumamos navegar de sua boca para dentro por isso deixaremos de escrever o que a nos é incógnito posto que o litoral ou costa do mar por muitos anos e tempos a tenhamos bem sabida.

Item. Do Rio de São Pedro ao Rio de Santo André são vinte e cinco léguas e neste meio está um cabo delgado que se chama o Cabo da Praia o qual da banda da oeste tem uns pardos que chamam os arrozais e adiante faz a terra uma enseada a qual na entrada tem uma terra grossa e uma pedra branca maneira de ilhéu metida ao mar e toda esta costa é povoada e adiante um pouco desta enseada ao longo do mar estão seis ou sete montes dos quais ao Rio de Santo André são oito léguas e jaz esta costa leste e oeste e toma a quarta do nordeste e sudoeste e este Rio de Santo André tem uma boca grande e como homem é tanto avante como ela parece por cima da dita boca umas árvores no sertão que parecem pinheiros, e indo para dentro meia légua acharão uma ilha no meio, e dos arrozais até este Rio de Santo André quem pousar pelas vinte braças estará em vasa e também há lugares de areia e haverá dali a terra meia légua e quem estiver de terra em mar uma légua assomará em cinquenta braças e porquanto até agora não temos prática nem comércio deste Rio de Santo André não curo dele mais escrever somente temos sabido que é terra de muita povoação e assim este rio como todos os outros de Guiné são muito doentios de febres.

Item. Passando o Rio de Santo André três léguas adiante são achadas umas barreiras vermelhas altas ao longo da costa as quais

duram quatro ou cinco léguas e jaz o dito rio com estas barreiras leste e oeste e elas são de um barro muito vermelho, e por elas se pode conhecer o dito Rio de Santo André.

Item. Das barreiras vermelhas ao Rio da Lagoa são oito léguas e jaz a costa leste e oeste e toma a quarta de nordeste e sudoeste e este Rio da Lagoa tem estes sinais, a saber, por cima da boca do dito rio no sertão parece um arvoredado feito como pinhal e este rio vai ao longo da costa do mar até chegar a uma aldeia que aí está perto da qual agora em nossos dias tem por sinal quatro palmas cada uma sobre si apartadas umas das outras e de dentro desta aldeia está uma lagoa grande a qual não parece se não subindo um homem na gávea da nau e toda esta costa é limpa e de bom fundo até o Cabo das Três Pontas e até agora não temos sabido que aqui haja comércio de nenhuma coisa.

Item. Do Rio da Lagoa adiante sete léguas são achadas sete aldeias ao longo da costa do mar as quais são de grande povoação e durarão estas aldeias do princípio até ao fim delas sete ou oito léguas e esta costa se corre leste e oeste e tudo é praia que tem uma areia ruiva e a terra de muito arvoredado, e ao longo desta terra tudo é alto trinta e quarenta braças e a duas léguas no pego é mais baixo e os negros desta costa são grandes pescadores e têm umas almadias com uns castelos de avante e eles trazem umas carapuças com gualteiras e andam nus e são idólatras, e a estes chamamos beíçudos e aqui não há comércio e são má gente.

Item. Das sete aldeias ao Rio de Maio há doze léguas e este rio não tem a boca grande e a terra de arredor dele é muito baixa e apaulada e de muito arvoredado e aqui não temos sabido o comércio que nesta terra pode haver somente sabido temos da muita habitação de gente que aqui há.

Item. Do Rio de Maio ao Rio de Soeiro há dez léguas e este nome do Rio de Soeiro lhe foi posto porque descobriu Soeiro da

Costa por mandado de El-Rei Dom Afonso o quinto, e das sete aldeias se homem partir de junto com terra até este Rio de Soeiro fazendo caminho de leste irá muito chegado à costa do mar e para segurança se deve de fazer o caminho de leste e da quarta de sudeste e por esta via não errará.

Item. Do Rio de Soeiro à serra de Santa Apolónia são doze léguas e jaz a costa és-sudeste e oés-noroeste e passando adiante esta serra com leis léguas verão uma fortaleza sobre a costa do mar que El-Rei Dom Manuel nosso senhor mandou fazer onde se resgata em cada um ano trinta e quarenta mil dobras de bom ouro e a terra onde está esta fortaleza se chama Axém, e é assaz doentia de febres e as mercadorias porque aqui se faz o resgate do ouro são manilhas de latão e bacias do mesmo metal e pano vermelho e azul e lenço não muito grosso nem delgado e lambéis, ou seja, uma roupa feita como mantas do Alentejo que tem uma banda vermelha e outra verde e outra azul e outra branca, as quais bandas são de largura de dois e três dedos e esta roupa se faz na cidade de Ouram e em Tenez do Reino de Trimici, e em Bona e Estora do Reino de Bugia, e assim em Tunes e em outras partes da Berbéria e esta é a principal mercadoria por que se em Axém resgata o dito ouro além de outros de menos valia que também praticamos; mas tornando ao nosso propósito da Serra de Santa Apolónia ela não é tão alta como alguns que não sabem puderam cuidar somente são oito ou dez montes de comunal altura que estão sobre a costa do mar cobertos de arvoredos e em respeito de como a outra terra é muito baixa parece esta Serra de Santa Apolónia algum tanto alta; porém quem partir do Cabo das Palmas e houver de ir para o castelo de São Jorge da Mina faça o caminho de leste e da quarta de nordeste e haverá esta Serra de Santa Apolónia até cento e trinta léguas em travessa e irá por fora da enseada e não perderá caminho.

Item. Jaz a Serra de Santa Apolónia e do Cabo das Três Pontas noroeste e sudeste e toma a quarta de leste e de oeste e tem na rota quinze léguas e quem pousar tanto avante como esta serra nas vinte braças achará fundo de vasa e estará uma légua de terra e doze léguas adiante da dita serra está um ilhéu perto da terra o qual é muito espinhoso e branco de esterco das aves e além deste ilhéu pouco mais de meia légua é achada uma ilha cerrada com a terra que tem uma árvore no meio e da parte donde o mar bate nesta ilha é assaz ruiva dali ao Cabo das Três Pontas são três léguas e não sei porque razão puseram nome a este promontório o Cabo das Três Pontas porque são seis ou sete pontas nas quais todas bate o mar e estas pontas todas são de pedra bem fragosas e quem dobra a do meio dobra todas e dois sinais tem este Cabo das Três Pontas por onde se pode bem conhecer o primeiro é que dali por diante o litoral ou costa do mar volve ao nordeste, o segundo que este promontório das Três Pontas se aparta da linha equinocial em ladeza contra o polo ártico quatro graus e meio e qualquer capitão ou piloto que nesta terra for e a não conhecer olhe primeiro como se corre esta costa e achará duas rotas, a saber, partindo das Três Pontas para a Serra de Santa Apolónia jaz a costa noroeste e sudeste e toma a quarta de leste e oeste e para diante vai ao nordeste e mais altura do polo.

Item. Do Cabo das Três Pontas aos ilhéus de Anda são quatro léguas e jaz a costa nordeste e sudoeste e estes ilhéus estão muito junto com terra, e na mesma terra estão umas barreiras vermelhas, e Anda é uma comarca de terra que durará de longo sete ou oito léguas e aqui há uma mina de ouro posto que é em pouca quantidade mas sempre aqui se apanharam vinte mil dobras ou mais as quais vão resgatar ao castelo de São Jorge da Mina e a fortaleza de Axém de que atrás falámos; os negros desta terra se mantêm de milho e de pescado e inhames e de algumas carnes ainda que são

poucas, andam nus da cinta para cima e não são circuncisos e são gentios e prazera a nosso senhor que cedo os fará cristãos.

Item. Jaz o ilhéu de Anda com o Rio de São João nordeste e sudoeste e tem oito léguas na rota, e este rio é muito pequeno e estreito, e não tem na boca senão braça e meia de preamar a qual boca não parece senão sendo homem muito perto dela e aqui está um lugar que se chama Samaa que será de quinhentos vizinhos o qual lugar foi o primeiro que nesta terra se fez o resgate do ouro e aqui neste tempo se chamava a Mina; e este resgate ou comércio foi descoberto por mandado de El-Rei Dom Afonso o quinto por João de Santarém e Pêro Escobar seus cavaleiros e criados em um dos dias do mês de Janeiro do ano de nosso senhor Jesus Cristo de mil e quatrocentos e setenta e um anos, e estes dois capitães levavam por pilotos um Álvaro Esteves morador na vila de Lagos e um Martim Esteves morador em Lisboa o qual Álvaro Esteves foi o mais avantajado homem do seu ofício que na Espanha então houve; e este Rio de São João e lugar de Samaa tem por conhecida uma muito grande baía ou enseada que tem mais de duas léguas em roda, e de ponta a ponta uma grande légua e quase no meio desta enseada está a boca do dito rio e esta baía é muito aparcada e todo o navio que aqui houver de surgir deve pousar pelas dez ou doze braças e não se chegue mais para a terra e aqui estará a uma légua da mesma terra em fundo limpo de areia.

Item. Desta baía de Samaa à aldeia do Torto são três léguas e jaz a rota és-nordeste e oés-sudoeste e este nome do Torto lhe foi posto porque o senhor desta aldeia era torto a qual tem uma grande restinga de pedra em que quebra muito o mar e saem mais de meia légua ao pego, e portanto cumpre ir de largo e dali ao castelo de São Jorge da Mina são três léguas.

Capítulo 5

Do Esmeraldo de situ orbis, e do Castelo de São Jorge da Mina e do que nele há e o tempo em que foi edificado.

Pois já temos dito no penúltimo Item que atrás fica neste segundo livro como o excelente príncipe rei Dom Afonso o quinto de Portugal mandou descobrir a Mina e os capitães e pilotos que a isto enviados foram; agora convém que digamos como o sereníssimo príncipe rei Dom João de Portugal seu filho depois da morte de seu padre mandou fazer do primeiro fundamento o castelo de São Jorge da Mina; o qual por mandado deste magnânimo príncipe o edificou Diogo de Azambuja cavaleiro de sua casa e comendador de Alter poderoso da ordem de São Bento no primeiro dia do mês de Janeiro de nosso senhor Jesus Cristo de 1482 anos levando em sua companhia nove caravelas com outros tantos capitães homens muito honrados de que o dito Diogo de Azambuja era capitão mor e assim levou duas urcas naus de quatrocentos tonéis cada uma com muita cal e pedraria lavrada e assaz outra artilharia para se esta obra fazer ; e posto que entre os negros desta terra e a nossa gente houve muita diferença sobre o fazer desta fortaleza por a não quererem consentir enfim a seu pesar se fez onde com muito serviço e diligência se acabou o que então foi necessário para recolhimento e defesa de nós todos e depois segundo sucederam os tempos o mesmo rei Dom João o segundo satisfez a necessidade do que convinha fazer-se muita mais obra e temos sabido que em toda a Etiópia de Guiné depois de ser dada criação ao mundo este foi o primeiro edificio que se naquela região fez na qual casa nosso senhor acrescentou tão grandemente o comércio que em cada um ano se tira dali por resgate que vem para estes Reinos

de Portugal cento e setenta mil dobras de bom ouro fino e muito mais e alguns anos se resgatam e compra aos negros que de longas terras este ouro ali trazem, os quais são mercadores de diversas nações, a saber, bremus, atis, hacanis, boroës, mandingas, cacres, andeses ou souzos e outros muitos que deixo de escrever por não fazer longo sermão e estes levam desta casa muitas mercadorias assim como lambéis que é a principal delas de que já no noveno Item do quarto capítulo deste segundo livro falámos, e pano vermelho e azul e manilhas de latão e lenços e corais e umas conchas vermelhas que entre eles são muito estimadas assim como nós cá estimamos pedras preciosas isso mesmo vale aqui muito o vinho branco e umas contas azuis a que eles chamam coris e outras muitas coisas de desvairados modos; esta gente até agora foram gentios e já alguns deles são feitos cristãos isto digo pelos moradores da terra do mesmo lugar onde está o castelo porque os mercadores são de longe e não têm tanta conversação com nós outros como estes que são vizinhos e por isso vivem no engano da idolatria que sempre tiveram neste tracto que aqui é dito se ganha cinco por um e mais, mas esta terra é muito doentia de febres e razoadamente morrem aqui os homens brancos; este castelo se aparta do círculo da equinocial em ladeza contra o polo ártico cinco graus e meio e quando faz noite clara se vê ali o norte nos mesmos graus de altura e porque se melhor possa entender o pusemos aqui pintado pelo natural segundo agora em nossos dias é feito, este lugar é de muita pescaria que os negros que aqui tomam e de pouca criação de gados porém na terra há muitas alimárias bravas assim como onças e elefantes e búfalos e gazelas e outras de desvairados modos e muitas aves de diversas feições e delas muito formosas; os negros moradores desta terra andam nus salvo quanto cobrem as partes inferiores com algum pano de algodão ou pedaço de lambel que eles hão por muito honrado vertido; seu mantimento é milho e vinho de palma ainda que com o nosso fazem maior festa;

com pescado e alguma pouca carne que se mata; em cada um ano arma El-Rei nosso senhor por ordenança doze navios pequenos que vão carregados de mercadoria; os quais a este Reino trazem o ouro que o feitor de sua alteza lá resgata; e isto além de três e quatro naus que também lá manda carregadas de mantimentosinhos e mercadorias que lá são necessários; os mercadores de que atrás falámos que a este castelo trazem o ouro não trazem asnos nem outras bestas para levarem as mercadorias que compram em maior preço a terça parte e mais do que valem nestes reinos e estes escravos são comprados pela nossa gente que o sereníssimo rei em seus navios manda duzentas léguas além deste castelo em uns rios onde está uma muito grande cidade a que chamam o Benim e dali os trazem, nem convém que disto mais digamos pois que o que é dito abasta para entendermos o que cumpre somente que este comércio El-Rei nosso senhor.

Capítulo 6

Do caminho e rotas e conhecenças do castelo de São Jorge da Mina em diante.

Lícito é a nós dizer as coisas desta Etiópia pois as vimos, as quais primeiro que as praticássemos pelo que se lia delas em alguns escritores nos eram graves de crer; pois, até aqui trazemos a parte marítima escrita por ordem, e assim alguma parte do sertão portanto seguiremos nosso caminho notando qualquer leitor como do castelo de São Jorge três léguas adiante no fim da enseada que se ali faz para um promontório, a que nós chamamos o Cabo do Corço, o qual faz de si um rosto redondo que tem uma só árvore

sobre si e esta se não vê senão estando perto da terra a qual demonstração parece na pintura do dito castelo que atrás fica.

Item. Adiante vinte léguas do dito Cabo Corço esta um promontório que se chama Cabo das Redes, e este nome lhe puseram por causa das muitas redes que aqui foram achadas quando se esta terra descobriu e este é o derradeiro lugar desta costa em que sabemos que na terra há aí ouro o qual é muito mais fino em lei que o que os mercadores vão resgatar na mina, e em cada um ano os moradores deste Cabo das Redes resgam em São Jorge dez e doze mil dobras das quais as cinco e seis mil delas é de vinte e três quilates em fineza um quilate mais fino que o outro ouro que se ali costuma fazer; e jaz o dito Cabo Corço com este Cabo das Redes nordeste e sudoeste, e toma a quarta de leste e oeste, e tem as ditas vinte léguas; e toda a terra que vai do Cabo Corço para o Cabo das Redes é razoadamente alta e montanhosa. E neste meio estão três lugares povoados de pescadores a saber Fante o Grande, e Fante Pequeno, e Sabuu o Pequeno. E no fim desta terra grossa e alta, está o dito Cabo das Redes. E os negros desta terra falam a linguagem dos da Mina os quais em sua língua chamam ao ouro viqua.

Item. Tanto que homem passa a terra alta em que o Cabo das Redes está dali em diante se faz uma terra muito baixa e tudo praia ao longo do mar e no sertão cinco léguas na terra chã parece um monte alto só ao qual chamamos o Pão de Nau e por este monte se conhece o Cabo das Redes e deste monte adiante vinte léguas está um rio que se chama o Castelo de São Jorge da Mina o qual é razoadamente grande e jaz o Cabo das Redes com este rio leste e oeste e esta costa é de muito arvoredos o qual na terra chã é ralo e delgado feito em montes e esta província se chama do Mumu e os negros desta terra são má gente e comem os homens e até agora não temos com eles nenhuma conversação.

Capítulo 7

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis do Castelo de São Jorge da Mina em diante.

Item. Do Castelo de São Jorge da Mina de que atrás falámos ao Cabo de São Paulo são dez léguas e jaz este rio com o dito cabo noroeste e sueste e toma a quarta de leste e oeste e a terra deste cabo é muito baixa e faz uma grande ponta de areia que sai muito ao mar; e quem partir da Mina para esta parte ponha-se três ou quatro léguas em mar do Cabo de Corço e faça o caminho de lés-nordeste e irá ter na boca do Castelo de São Jorge da Mina e são quarenta e cinco léguas na rota.

Item. Jaz o Cabo de São Paulo e o Rio do Lago lés-nordeste e oés-sudoeste e tem sessenta e cinco léguas na rota e toda a terra deste cabo até o Rio do Lago é muito baixa e tem um arvoredado feito em moitas e tudo é praia ao longo do mar e algumas aldeias árvores e sinais há nesta costa de que alguns livros de marinharia fazem menção mas a conhecida de tais sinais e lugares é difícil de conhecer e por isto o não escrevo somente deve ser avisado o piloto que partir da Mina em busca do Rio do Lago que vá demandar o Cabo de São Paulo e dali faça seu caminho ao longo da costa em lés-nordeste e irá ter na boca deste rio o qual tem uma boca muito pequena e no canal haverá duas braças de água de preamar e tem a entrada muito perigosa de baixos da areia onde o mais do tempo do ano quebra o mar que quase não parece o canal e aqui não podem entrar senão navios pequenos de trinta até trinta e cinco tonéis e como homem é da boca para dentro logo se faz uma muito grande alagoa que tem mais de duas léguas em largo e outras tantas em longo e doze ou treze léguas por este rio

acima é achada uma grande cidade que se chama Hogeebu a qual é cercada de uma muito grande cava e o rio desta terra agora em nossos dias se chama Agusale e comércio que aqui pode haver são escravos que se vendem por manilhas de latão a doze e quinze manilhas a peça e alguns dentes de elefantes e este rio se aparta em ladeza do círculo da equinocial contra o polo ártico sete graus quarenta e cinco minutos.

Item. Jaz o Rio do Lago e o Rio Primeiro leste e oeste e toma a quarta de noroeste e sudeste e tem na rota vinte e cinco léguas e este Rio Primeiro tem razoadamente a boca grande uma meia légua de largo e da parte do sudeste tem um arvoredo grosso e quatro léguas aquém deste rio estão três esteiros e a costa destes esteiros até o Rio Primeiro ao longo do mar tudo é vasa sem nenhuma areia; nesta terra não há comércio nem coisa de que se possa fazer proveito e toda a terra deste rio até o Rio do Lago que atrás fica até este Rio Primeiro e dali por diante com mais de cem léguas toda é cortada por dentro de outros muitos rios em maneira que toda se faz em muitas ilhas e é muito doentia e quase todo o ano é muito quente porque assaz chegada à esfera do sol e no mês de agosto e setembro é aqui o moor inverno e chove muita água; os negros desta terra são idolatras e são circuncisos sem saberem nem terem lei nem a causa da sua circuncisão e porque isto são coisas que não fazem muito à matéria é escusado de se escrever.

Item. Adiante do Rio Primeiro está o Rio Feroso e jazem ambos noroeste e sudeste e tem cinco léguas na rota em outro rio pequeno que se neste meio faz não curo de falar porque não é necessário; e este Rio Feroso tem a boca muito grande que há de ponta a ponta em sua largura mais de uma grande légua e a terra que sai dele para a parte do sudeste tem um arvoredo tão igual que parece que uma árvore não sai mais em altura que outra, e de dentro da sua boca à parte da mão direita está uma

árvore muito alta e ramuda que com muita parte passa por cima das outras e adiante desta árvore estão outras duas árvores altas da mesma maneira e a boca deste rio toda é baixa e parcelada que não tem mais altura que duas braças e dois palmos de fundo e tudo é vasa solta que pode ir um navio arrastando pela vasa meia braça e não recebera dano. Este parcel dura para fora em mar quase duas léguas e a entrada e canal vai ao longo da terra da mão esquerda e tanto que homem é dentro das pontas onde ele é mais estreito além donde está uma praia de areia da parte da mão direita dentro da ponta podem pousar tanto avante como a boca de um esteiro grande que se ali faz em oito braças e junto com este esteiro contra o mar está uma aldeia a que chamam Hoteebuu e da outra parte assim tem outras aldeias e indo por este rio acima da parte da mão esquerda espaço de uma lagoa estão dois braços que da mãe deste rio sai e indo pelo segundo braço acima espaço de doze léguas é achada uma vila que se chama Huguatoo que será lugar de dois mil vizinhos e este é o porto da grande cidade de Benin que está no sertão nove léguas de bom caminho; e até Huguatoo podem ir navios pequenos de grandura de cinquenta tonéis; esta cidade terá uma légua de comprimento de porta a porta e não tem muro somente é cercada de uma grande cava muito larga e funda a qual abasta para sua defesa e eu fui nela quatro vezes e tem as casas de taipa cobertas de palma; o Reino de Benin será de oitenta léguas de comprimento e quarenta de largura e o mais do tempo faz guerra aos vizinhos onde toma muitos cativos que nós compramos a doze e quinze manilhas de latão ou de cobre que eles mais estimam e dali são trazidos à fortaleza de São Jorge da Mina onde se vendem por ouro; muitas abuzões há no modo de viver desta gente e feitiços e idolatrias que deixo de escrever por não fazer prolixidade.

Item. Ao levante deste Reino de Benim cem léguas de caminho no sertão é sabida uma terra que em nossos dias tem um rei que se chama Licosagou e dizem que é senhor de muita gente e grande

poder e logo junto com este está outro grande senhor que tem de nome Hooguanee e este é entre os negros assim como o Papa entre nós; nestas terras há pimenta negra e é muito mais forte que a da Índia e o grão quase todo de uma grandura somente que a da Índia é enverrugada e esta é lisa na superfície; nesta terra há uns homens selvagens que habitam nos montes e arvoredos desta região aos quais chamam os negros do Benim oosaa, são muito fortes e são cobertos de sedas como porcos todo têm de criatura humana se não que em lugar de falar gritam e eu ouvi já de noite os gritos deles e tenho uma pele de um destes selvagens; nesta terra há muitos elefantes dos quais os dentes a que chamamos marfim muitas vezes compramos e assim há muitas onças e outras alimárias de diversas espécies e assim aves de tão desvairados modos das da nossa Europa que quando no princípio do descobrimento desta terra os que esto viram e das tais coisas contavam não eram cridos até que a prática dos que depois lá foram fez dar crédito a uns e a outros; e indo cem léguas por a madre deste Rio Fermoso acima é achada uma terra de negros a que chamam Opuu; e aqui há muita pimenta e marfim e alguns escravos e este Rio Fermoso se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo ártico sete graus e têm a maré de noroeste e sueste contrária às da nossa Espanha; e a gente do Benim e suas comarcas são serrados de uns riscos nas sobrançelhas que por este modo e em tal lugar nem uns outros negros isto têm; e por este sinal se podem bem conhecer.

Capítulo 8

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis.

Ainda que dois agravos tenhamos recebidos na descrição desta Etiópia dos quais o primeiro é o tempo que gastamos na prática destas províncias e terras que tantas enfermidades e trabalhos mal pagos nos tem custado nem por isso deixaremos de dizer o segundo agravo que cabe no compor desta obra acerca do que nestas terras vimos que sem muita fadiga se não pode deixar de fazer; por tanto convém que sigamos a ordem desta costa e das coisas que dentro nos rios vão testemunhando o que vimos e o nosso testemunho é verdadeiro.

Item. Adiante do Rio Feroso de que atrás falámos cinco léguas está um rio que tem a boca assaz grande a que nós chamamos o Rio dos Escravos o qual nome lhe foi posto quando o descobriram por causa de dois escravos que se então ali resgataram este rio tem uns baixos ou parcel de areia dura que sai ao mar quase uma légua sobre o qual há duas braças e meia e no mais alto três braças de água este lugar é muito perigoso e qualquer homem sisudo se deve daqui guardar porque neste Rio dos Escravos não há comércio nem outra coisa digna de memória não convém que gastemos tempo de nele mais falar.

Item. Cinco léguas além do Rio dos Escravos está outro rio que se chama o Rio dos Forcados este nome lhe puseram porque no tempo que o descobriram acharam ali umas aves grandes que tem os rabos forcados feitos à maneira dos rabos de andorinha e daqui tomou este nome; este rio tem a boca grande e da banda do noroeste tem um parcel de areia sobre o qual há duas braças de água pouco mais ou menos e da parte do sueste tem uma restinga de baixos em que quebra o mar e neste meio vai o canal o qual tem

de altura três braças e meia e de preamar quatro braças e tudo é vasa e quem por aqui houver de entrar achegue-se mais aos baixos do sueste que a parte do noroeste e fazendo o caminho de leste irá seguramente para dentro e a maré deste rio é de noroeste e sueste e toma a quarta de leste e oeste e ele se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo ártico cinco graus e dez minutos e da banda do sueste tem um arvoredado grosso e duas árvores por conhecida que são mais altas que as outras; e tanto que homem entra por este rio faz dois braços um vai à mão direita e o outro à mão esquerda e por este da parte esquerda indo por ele acima cinco léguas se faz o resgate o qual principalmente é de escravos e de panos de algodão e algumas peles de onças e azeite de palma e umas contas azuis com uns riscos vermelhos as quais chamam coris isto com outras coisas costumamos aqui comprar por manilhas de latão e de cobre e tudo isto tem valia no castelo de São Jorge da Mina e o feitor do nosso príncipe vende isto por ouro aos mercadores negros; a gente deste rio se chama huela e mais dentro no sertão está outra terra que se chama o Subou e é grandemente povoada e aqui há razoadamente pimenta daquela qualidade que atrás no sétimo capítulo falámos quase no fim do quarto Item e adiante destes há outros negros que têm de nome jos e possuem grande terra e são gente belicosa e comem os homens; o principal comércio desta terra são escravos e algum marfim todas estas terras são muito quentes porque estão achegadas à linha equinocial; todos estes rios são muito doentios de febre que a nós outros homens brancos faz gravemente mal e principalmente no inverno desta terra que começa no mês de maio e dura até fim de setembro no qual tempo chove muita e muito grossa água principalmente em agosto em que faz mais forte inverno em toda esta Etiópia no tempo acima dito e assim em algum dos outros meses do ano vêm grandes trovoadas que trazem muita força de vento e o piloto que algum navio mandar tanto que isto vir compre amainar sua vela

por as fúrias que as tais trovoadas consigo trazem porque se amainar não quiser ou o meterá no fundo ou lhe quebrará o mastro e a verga e perderá as velas; a quem houver de ir da Mina para este Rio dos Forcados fará o caminho de leste e da quarta do noroeste e haverá o Rio Fermoso que está dez léguas aquém deste Rio dos Forcados e dali irá ao longo da costa correndo a ribeira porque esta terra é muito má de conhecer e este é o seu direito caminho da Mina para esta parte por fora da enseada e tem cento e setenta léguas na rota.

Item. Além deste Rio dos Forcados cinco léguas está outro rio que se chama o Rio dos Ramos e este tem a boca tão grande e maior como o Rio dos Forcados mas é toda baixa que não há nela duas braças de água e quebra aqui muito o mar em toda esta baía e já se aqui perderam alguns navios que iam em busca do Rio dos Forcados e passando por ele sem o conhecer quiseram entrar neste Rio dos Ramos cuidando que era o outro e perderam-se na barra; a gente desta terra são chamados jos e comem carne humana como no capítulo de cima dissemos aqui não há comércio nem até agora nem sabemos se o pode haver; toda esta terra é de muita povoação e grandes arvoredos e toda é cortada por dentro de outros rios e assim este rio e terra dele como o Rio dos Forcados e todos os outros são feitos ilhas onde vivem e se servem por almadias de um só pão.

Item. Jaz o Rio dos Ramos e o Cabo Fermoso nor-noroeste e su-sueste e tem doze léguas na rota e toda a terra que vai deste rio até o cabo é muito baixa e ao longo do mar pouco povoada e este Cabo Fermoso faz um rosto muito baixo e corre a terra dele em redondo grandes cinco léguas e no tempo de julho e de agosto correm aqui as águas muito fortemente em maneira que o navio que se aqui topar nos ditos meses cumpre que se arrede muito da terra e se meta no mar se houver de ir para Mina porque se

quiser ir ao longo da terra não o poderá fazer por causa das grandes correntes que correm ao sudeste; dois sinais tem este cabo por onde se pode bem conhecer o primeiro é que dele em diante se corre a costa leste e oeste grandes cinquenta léguas, o outro que se aparta da linha equinocial contra o polo ártico em ladeza cinco graus e cinquenta minutos.

Capítulo 9

Das rotas, conhecenças e graus do Cabo Feroso adiante.

Pois tomamos tão pesada carga em escrevermos quanto beneficio os príncipes passados têm feito aos Reinos de Portugal no descobrimento desta Etiópia que dantes a nós era de todo incógnita; esta mesma razão nos obriga darmos fim à obra começada ainda que os murmuradores mordedores e maldizentes não cessem seguir seus danados costumes os quais são prasmadores do bem feito e nenhuma coisa boa sabem fazer, mas nós seguiremos nossa obra e eles de sua inveja ficarão quebrantados.

Item. Já cima temos dito como a costa que vai adiante do Cabo Feroso cinquenta léguas se corre leste e oeste e quem por aqui for fazendo o caminho de leste indo uma légua e meia de terra não achará mais de oito até dez braças de altura e o fundo vasa e além do dito cabo seis ou sete léguas está um rio que não tem a boca muito grande ao qual chamam o Rio de São Bento e adiante deste rio é achado outro rio que tem de nome o de Santo Ildefonso cinco léguas está outro rio que chamam de Santa Bárbara e além deste seis léguas acharão outro rio que há nome Rio Pequeno e todos

estes quatro rios são assaz pequenos e até agora não praticamos neles nenhum comércio somente sabemos que são habitados daqueles povos a que chamam jos, comedores das carnes humanas e esta costa jaz no mesmo paralelo do Cabo Feroso, a saber, leste e oeste.

Item. Além do dito Rio Pequeno oito léguas para a parte de leste é achado um muito grande rio que se chama o Rio Real, o qual tem nas primeiras pontas de sua boca cinco léguas de ponta a ponta e nas duas pontas mais de dentro légua e meia; este rio tem duas pontas mais de dentro légua e meia; este rio tem duas entradas agora em nossos dias uma delas é pelo meio de sua boca ante duas cabeças de areia e esta se corre norte e sul e terá de largura um tiro de bombarda e tem três braças e meia de água de preamar no mais alto e dali para dentro até uma aldeia que está da parte dalém para a banda do sueste acharam sete e oito braças.

Item. Há outra entrada adiante e corre-se noroeste e sueste e esta tem em largura uma grande légua onde pode qualquer navio barlaventear e andar por cinco ou seis braças de água até um banco de areia que está quase no meio da baía sobre o qual há três braças de água e aqui é o mais baixo e como passar deste banco para dentro hão-de ir demandar uma ponta de areia que está da parte da mão direita e de dentro desta ponta podem pousar tanto avante como a boca de um esteiro que se ali faz em doze braças e estarão um quarto de légua de terra e este rio se aparta da linha equinocial em ladeza contra o polo ártico cinco graus e meio e o Castelo de São Jorge da Mina e este rio jazem ambos em um paralelo e ladeza, a saber, leste oeste.

Item. A gente deste rio são chamados jos estes e os de que atrás falámos todos são uns e todos comem carne humana, e na boca deste Rio Real dentro do esteiro de que acima falámos está uma muito grande aldeia em que haverá dois mil vizinhos e aqui se faz

muito sal e nesta terra há as maiores almadias todas feitas de um pau que se sabem em toda a Etiópia de Guiné e algumas delas há tamanhas que levaram oitenta homens, e estas vêm de cima deste rio de cem léguas e mais e trazem muitos inhames que aqui há muito bons que é assaz de bom mantimento e assim trazem muitos escravos e vacas e cabras e carneiros e ao carneiro chamam bozy e tudo isto vendem por sal aos negros da dita aldeia, e a gente dos nossos navios compram estas coisas por manilhas de cobre que aqui são muito estimadas mais que as de latão e por oito e dez manilhas se pode aqui haver um bom escravo; os negros desta terra todos andam nus e trazem uns colares de cobre ao pescoço tão grossos como um dedo; e assim trazem umas agomias da feição das que costumam trazer os mouros brancos de Berbéria; são homens guerreiros que poucas vezes têm paz.

Item. Adiante do Rio Real três léguas está um rio pequeno que se chama o Rio de São Domingo e além deste quatro léguas é achado outro rio muito pequeno que há nome de Pêro de Sintra e mais adiante três léguas estão dois rios muito pequenos que por não haver neles comércio dou silêncio à obra.

Capítulo 10

Do Segundo livro do Esmeraldo de situ orbis da terra de Fernão do Pó.

Três são as coisas principais que se devem olhar na descrição da terra primeiramente os sinais e feição da costa para se haver de conhecer e não se conhecendo pela primeira pela segunda parte se tirarão de dúvida, a saber, veja como se corre a costa e lugar

em cuja busca for se norte e sul, se leste e oeste, ou nordeste e sudoeste porque se tal for o rumo da terra em que então se topa como o daquela que vai buscar toda deve ser uma terra, e quando por isto não for conhecida veja se os graus da ladeza em que se topar quer sejam além da equinocial quer aquém se são conformes assim do lugar em que estiver como de aquele em cuja busca for sendo o grau todo um e os sinais da terra em algum modo queira parecer que é aquela então saberá certo o lugar em que está e por quanto esta terra e ilha está adiante do derradeiro rio dos quatro de que atrás falámos cinco léguas de caminho e é tal que em toda a Guiné não há aí outra de tal feição por isso pusemos aqui sua pintura natural e do Cabo Feroso de que é escrito no primeiro Item dos nove capítulos deste segundo livro temos dito que esta se corre leste e oeste na qual serra e ilha foi descoberta por Fernão do Pó cavaleiro criado del rei Dom Afonso o quinto e ela tomou o nome do descobridor, e esta se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo ártico quatro graus; esta terra é muito alta e quando faz tempo claro parece a vinte e cinco e trinta léguas e a ilha que está na boca desta enseada é muito povoada e nela há muitas canas-de-açúcar e dali a terra firme são cinco léguas e o navio que aqui for surgir junto com a dita terra em quinze braças estará quase meia légua dela; pode ali resgatar escravos a oito e a dez manilhas de cobre à peça; nesta terra há muitos e grandes elefantes dos quais os dentes que marfim chamamos costumamos comprar e por uma manilha de cobre se acha aqui um grande dente de elefante e assim há nesta terra razoável quantidade de malagueta fina e boa; coisas de muito proveito há nesta Etiópia que se costuma trazer a estes reinos; e a gente desta serra lhe chamam em sua linguagem caaboo e no dentro do sertão cinquenta léguas da costa do mar está uma língua que há nome bota.

aqui mapa

Item. Toda a costa do mar que vai desta serra de Fernão do Pó até o cabo de Lopo Gonçalves que são oitenta léguas é muito povoada e de muito arvoredo e muito basto e o fundo muito alto que a meia légua de terra acharam trinta e quarenta braças e neste mar há muito grandes baleias e outros muitos peixes e esta terra é muito vizinha do círculo da equinocial da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por experiência achamos o contrário.

Item. Adiante desta serra de Fernão do Pó duas léguas ao nordeste está um rio que se chama dos Camarões e aqui há muita pescaria e com os negros desta terra até agora não temos nenhum comércio; esta costa é de muitas trovoadas que trazem consigo muito grande força de vento o remedio do qual é amainar as velas ao navio em que homem for.

Item. Partindo da boca do Rio dos Camarões por vinte léguas de caminho ao sul e a quarta de sueste é achada outra serra que se chama a Guerreira a qual durará pouco mais de uma légua de comprido e está meia légua da ribeira do mar e toda esta terra é de muito arvoredo e esta se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo ártico três graus e meio.

Item. Adiante desta serra Guerreira vinte e cinco léguas ao sueste está outra serra muito pequena e baixa que se chama a serra Bota, e posto que esta terra seja assaz povoada nela até agora não temos sabido nenhum comércio.

Item. Além da serra Bota está uma angra pequena toda cercada de arvoredo a qual tem na boca uma ilha muito pequena baixa a que chamam Ilha do Corisco e da dita serra a esta angra são vinte léguas e jaz esta rota norte e sul e toma a quarta do nordeste e sudoeste, a saber, esta ilha está quase pegada com a terra firme.

Item. Adiante da Ilha do Corisco dezessete léguas é achado um rio assaz grande que há nove braças na boca e canal dele há de

nome Rio do Gabão este rio entra muito pela terra e traz grande quantidade de água doce e é muito povoado mas com os negros desta terra até agora nenhum comércio temos nem sabemos dos outros que atrás ficam e jaz a dita Ilha do Corisco com este rio norte e sul e toma a quarta do nordeste e sudoeste

Capítulo 11

Do segundo livro do Esmeraldo de situ orbis das rotas e conhecenças da terra do Rio do Gabão até o Cabo de Catarina que por outro nome se chama o Cabo Primeiro

A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pela grande quentura do Sol e isto achamos falso e pelo contrário porque adiante do Rio do Gabão de que no próximo Item que atrás fica falámos é achado um promontório baixo e delgado a que em nossa língua o Cabo de Lopo Gonçalves chamamos o qual tomou o nome do capitão que o descobriu e jaz com o dito Rio do Gabão nordeste e sudoeste e toma a quarta do norte e sul e tem vinte e sete léguas na rota e este Cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do círculo da equinocial e nesta terra há muita habitação de gente os quais são negros que em nenhuma parte do mundo pode mais haver e a experiencia nos têm ensinado porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias da Guiné temos navegadas e praticadas em muitos lugares tomamos as alturas do Sol e sua declinação para se saber os graus que cada lugar se aparta em ladeza da mesma

equinocial pera cada um dos polos e achamos que este círculo vai por cima deste promontór e temos sabido que neste lugar em todo os dias do ano é igual o dia da noite e se alguma diferença tem é tão pouca que quase se não sente; muitos antigos disseram que se alguma terra estivesse oriente e ocidente com outra terra que ambas teriam o grau do Sol igualmente e tudo seria de uma qualidade; e quanto a igualeza do Sol é verdadeira; mas como quer que a majestade da grande natureza usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das coisas achamos por experiênciã que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros e as outras gentes que jazem além do mar oceano ao ocidente que tem o grau do Sol por igual como os negros da dita Guiné são pardos quase brancos e estas são as gentes que habitam na terra do Brasil de que já no segundo capítulo do primeiro livro fizemos menção e que algum queira dizer que estes são guardados da quentura do Sol por nesta região haver muitos arvoredos que lhe fazem sombra e que por isso são quase alvos digo que se muitas árvores nesta terra há que tantas e mais tão espessas há nesta parte oriental daquém do oceano de Guiné e se disserem que estes daquém são negros por que andam nós e os outros são brancos porque andam vestidos tanto privilégio deu a natureza a uns como aos outros por que todos andam segundo nasceram assim que podemos dizer que o Sol não faz mais impressão a uns que a outros e agora é para saber se todos são da geração de Adão.

Item. Ao mar do Cabo de Lopo Gonçalves sessenta léguas de caminho ao oés-noroeste deste cabo está uma ilha que se chama de São Tomé a qual mandou descobrir o sereníssimo rei Dom João o segundo de Portugal e a povoou e esta ilha será de longo quinze léguas em comprido e oito em largo a qual se aparta da equinocial em ladeza contra o polo ártico um grau e tem uma grande angra da parte do norte na qual podem surgir navios de qualquer grandura que quiserem estar nesta terra há o mais formoso arvoredo

nem mais alto e grosso que se sabe em toda a Etiópia de Guiné e assim tem muitas e boas fontes e ribeiras de água; nesta ilha se criam as canas-de-açúcar em tanta vantagem das outras partes que não pode mais ser e assim há aqui muitas e muito boas laranjas e limões e cidras e outras árvores se dão aqui muito bem; aqui há muitos e grandes lagartos que andam nas ribeiras de água doce e assim no mar que comem os homens; também há aqui umas víboras negras pelas costas e brancas pela barriga da grossura da perna de um homem maravilhosamente peçonhentas e a sua longura é conveniente a sua grossura; meu parecer é que se nesta ilha quiserem plantar amoreiras e criar bichos de seda que se darão por excelência das outras terras.

Item. Ao nor-nordeste desta Ilha de São Tomé está outra ilha mais pequena que se chama a Ilha de Santo António que por outro nome a do Príncipe chamamos e há de uma ilha a outra vinte e cinco léguas em travessa e esta se aparta da linha equinocial em ladeza contra o polo ártico três graus e também o dito rei Dom João descobriu esta ilha e a povoou e quase é de qualidade da Ilha de São Tomé mas não tem aquelas serpentes.

Item. Além do cabo de Lopo Gonçalves vinte e três léguas está um rio pequeno que se chama o Rio das Barreiras o qual jaz com o dito cabo noroeste e sueste e toma a quarta do norte e sul e este se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo antártico um grau e doze minutos e por este rio ser muito pequeno e baixo e na entrada não entram aqui navios e por isso não sabemos se pode aqui haver algum proveito; os negros desta terra são todos gentios e idolatras e gente pouco dada ao comércio mantence de carne e milho e canas-de-açúcar.

Item. Passando adiante este Rio das Barreiras vinte léguas é achado um promontório baixo e pequeno que se chama o Cabo de Catarina o qual nome lhe pôs Rui de Sequeira cavaleiro criado

d'El-Rei Dom Afonso o quinto que o descobriu em dia de Santa Catarina que vem a vinte e cinco de novembro e este cabo se corre com o rio sobredito noroeste e sueste e toma a quarta de norte e sul esta terra é baixa e de muito arvoredo e tanto que homem passa este cabo faz uma enseada que torna a costa quase em lés-sueste e dura esta angra cinco léguas e este promontório se aparta em ladeza da linha equinocial contra o polo antártico quatro graus e trinta minutos, e até aqui descobriu o excelente príncipe El-Rei Dom Afonso o quinto e aqui faz fim o seu segundo livro e adiante logo começará o terceiro livro do sereníssimo príncipe El-Rei Dom João o segundo de Portugal seu filho.

Princípio do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom João o segundo de Portugal. Segue se primeiramente o prólogo.

Porque as coisas dignas de memória não devem ficar em esquecimento sem muita culpa dos escritores por quanto convém que façamos lembrança daquele senhor que por seus altos merecimentos por glória sempre deve viver; porque entre os nascidos das mulheres singularmente enviados por divina virtude em seu tempo se não levantou tão excelente varão como o sereníssimo príncipe El-Rei Dom João o segundo de Portugal que Deus tem; e como quer que o fim da bem-aventurança está nas virtudes de que ele sempre tem inteira parte estas têm dada gloriosa imortalidade a sua excelente fama e pois temos dado fim ao segundo livro de El-Rei Dom Afonso o quinto que atrás fica agora convém que neste prólogo façamos o princípio do terceiro livro do que descobriu o sereníssimo rei Dom João; cuja obra a nós é grave de fazer pela grandeza do príncipe de que nela esperamos tratar mas não convinha serem escritas suas famosas coisas sabidas e derramadas por tantas partes da redondeza se não pelos antigos padres da eloquência e doutrina de que até agora todos aprenderam; mas pois ousadia me esforçou para isto fazer não devo ser repreendido dos que sabem e muito menos dos mordedores maldizentes murmuradores os quais por seus danados costumes sempre fizeram livros contra livros mordendo murmurando das coisas bem-feitas que eles nunca souberam fazer; que posso dizer deste senhor senão que foi católico se-

gundo divino mandamento e assim procedeu em caridade do mais alto estado dos homens até o mais baixo e o seu coração sempre foi com Deus e nele se cumpriu o que disse o sapientíssimo Rei Salomão que o começo da sabedoria é temer ao senhor; o seu entender e singular engenho em nossos dias se não viu outro que quisesse parecer igual a ele; foi uma raiz e fundamento da verdade que sua palavra criamos por evangelho; e assim como foi fermoso no corpo e parecer assim foi fermoso nas virtudes da alma; o seu saber e concelho pareceu ser divino com que grandes feitos acabou e assim soube ser liberal ordenado guardando-se dos vícios da avareza e prodigalidade; foi todo grande em suas obras e a fortaleza de seu coração digna é de grande louvor sendo edificada sobre um honesto repouso de grande autoridade; era estimado de todo os príncipes cristãos por excelente em todos seus feitos; e os mouros por tal o conheciam; sendo em idade de dezasseis anos foi feito cavaleiro na tomada da vila de Arzila que El-Rei seu padre por força de armas aos mouros tomou ; todo o louvor que lhe for dado é baixo e menos digno em respeito de sua grande excelência; guardou sempre justiça a sua república de que foi doce pastor e o seu jugo foi suave; tomou por divisa um pelicano que aqui pusemos pintado no modo que fere seu peito por dar o sangue a seus filhos o seu moto foi pela lei e pela grei; e em tudo igualmente conforme; mas por me não culparem de prolixo quero dar silêncio à obra ainda que não faz vício a prolixidade se traz bom modo de satisfazer.

Pela lei e pela grei.

Capítulo 1

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do que descobriu o sereníssimo rei Dom João o segundo de Portugal.

Grande festa fizeram os antigos escritores da navegação que se diz que fez Menelau de Cádiz até o Sino Árábico e assim Eudoxo do mesmo lugar até Cádiz e Hanão cartaginense da Espanha até o Golfo da Arábia o que tudo isto é uma região; também diz Plínio no seu segundo livro da Natural História capítulo sessenta e nove no qual alega Célio e Antípatro e assim Cornelio Nepote diz que estes viram quem da Espanha navegou em Etiópia ou Guiné por fazer mercadorias; havendo isto por coisa muito de notar; mas eu digo que com quanto eles souberam daquelas partes que a melhor parte do saber de tantas regiões e províncias ficou para nós e nós lhe levamos a virgindade; por que em todo o universal da Etiópia de Guiné e Índia muito particularmente soubemos e sabemos quase todas as suas coisas; e o litoral e costa do mar e sua navegação singularmente o navegamos e o comércio e modo de viver dos negros desta região e suas idolatrias por muitos anos foi de nos praticado; e nestas coisas a nossa nação dos portugueses precedeu todos os antigos e modernos em tanta quantidade que sem repressão podemos dizer que eles em nosso respeito não souberam nada; e isto causou o grande engenho dos nossos príncipes de que neste livro fazemos menção e a grandeza de seus corações que tiveram para no descobrimento destas terras despenderem seus tesouros somente por ganharem gloriosa imortalidade; donde se seguiu tanto bem que aqueles que dantes não conheciam a fé de nosso Senhor Jesus Cristo e eram perdidos do corpo e da alma agora por nossa conversação a conhecem e estão em auto para se salvarem como

de feito muitos destes etiópios que são trazidos a estes reinos são feitos cristãos recebendo água do Santo Baptismo por a qual sua salvação deve ser certa; mas o mor agravo que recebi nesta obra que por nos é composta assim é que quis a ventura que no quinhão que coube ao sereníssimo rei Dom João de seu descobrimento a maior parte da terra que descobriu do Cabo de Catarina em diante muita parte dela é deserta e alguma que é habitada pouco comércio ou nada nela se acha; por que se fora de rico trato como a que atrás fica receberia muito contentamento em escrever o proveito que daquela região podíamos receber.

Item. Adiante do Cabo de Catarina do qual já atrás no final Item do segundo livro falámos são achadas umas barreiras vermelhas sobre a costa do mar as quais duram uma légua pouco mais ou menos ao longo da ribeira e são razoadamente altas e jazem com o dito Cabo de Catarina noroeste e sueste e toma a quarta de leste e oeste e há vinte léguas na rota e estas se apartam em ladeza da linha equinocial contra o pólo antártico cinco graus e esta terra é de muito arvoredo e povoação; e assim há nela muitos elefantes e outras muitas alimárias de desvairadas maneiras.

Item. Doze léguas além das ditas barreiras vermelhas são achadas duas grandes moutas sobre a costa do mar que é mais alto o seu arvoredo que todo o outro e ao longo da ribeira tudo é praia e costa brava e esta terra não é alta nem muito menos é baixa senão em um meio razoado e jazem as ditas barreiras vermelhas com estas moutas nor-noroeste e su-sueste e tem as ditas doze léguas na rota como dito é.

Item. Partindo das ditas duas moutas com vinte e cinco léguas de caminho ao su-sudoeste é achado um grande rio a que nós agora chamamos o Rio do Padrão o qual mandou descobrir o sereníssimo rei Dom João o segundo por Diogo Cão cavaleiro de sua

casa no ano de nosso senhor de 1484 anos e este rio se aparta da linha equinocial contra o pólo antártico sete graus em ladeza; e no inverno desta terra que é do mês de abril até o fim de setembro traz este rio tão grande corrente de água doce que a trinta léguas em mar se sente a força dela e porque quando o descobriram puseram na terra da boca da parte de além do sueste um longo padrão de pedra com três letreiros, a saber, um em língua latina, o outro em português, e o outro em língua arábica por esta causa lhe puseram nome do Rio do Padrão o qual tem no canal de sua boca oito e dez braças de água de altura e aqui é o reino do Congo do qual no capítulo seguinte falaremos e os ditos letreiros falam do rei que o mandou descobrir e em que tempo.

Capítulo 2

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do Reino do Congo e da terra dos anzicos onde comem os homens.

Por este Rio do Padrão acima do qual atrás no último Item deste terceiro livro é escrito está o Reino do Congo. Em sua língua chamam a este rio Emzaze, o qual nasce em umas serras cinquenta léguas no sertão apartadas das ribeiras do mar pela dita distância; outros muitos rios entram em Emzaze que o fazem ser tão grande como ele é. Nele há muitas e grandes almadias com que se servem os negros desta terra. É muito doentio de febres, e assim é de muita pescaria. Esta gente chamam por senhor many, por isso dizem em sua linguagem Manicongo que quer dizer “Senhor de Congo”. Tanto que o sereníssimo Rei Dom João descobriu esta

terra, logo trabalhou de fazer Manicongo e sua gente cristã. A isso mandou lá frades e clérigos para lhes ensinarem as coisas da fé, os quais levaram ricos ornamentos de igreja, órgãos e outras coisas necessárias. Vendo Manicongo, fidalgos e outra gente a missa e todo o outro ofício divino foram todos muito contentes. E logo ele com seus fidalgos e outros homens principais se baptizaram e fizeram cristãos, e não quis que outrem o fosse dizendo que tão santa coisa e tão boa não devia ser dada a nenhum vilão, somente lhe foi grave deixar de ter muitas mulheres como sempre tiveram. Disto os não puderam mudar, mas pela pouca participação que com esta gente temos, a doutrina entre eles se vai perdendo quanto pode.

Item. Nesta terra de Manicongo não há ouro, nem sabem que é mas nela há razoavelmente cobre muito fino, e aqui há muitos elefantes. Ao elefante chamam zaão, os dentes dos quais resgatamos. E assim o cobre por lenço ao qual os negros desta terra chamam molele; neste Reino do Congo se fazem uns panos de palma de pelo como veludo. E deles com labores como cetim veludado tão fermosos que a obra deles se não faz melhor feita em Itália; e em toda a outra Guiné não há terra em que saibam fazer estes panos senão neste Reino de Congo. Nesta terra se resgatam alguns escravos em pouca quantidade, e até agora não sabemos que aqui haja outra mercadoria.

Item. Adiante desta terra de Congo a parte do nordeste, é sabida outra província a que chamam Anzica, e o senhor há o nome agora em nossos dias Emcuquanzico. Estes são negros como os de Congo e são cerrados na testa ou fonte em roda maneira de caracol; e as mais das vezes têm guerra com Manicongo. E qualquer homem que morre na guerra, ora seja dos seus, ora dos alheios, logo o comem. E assim comem qualquer outro que é doente em tal extremo que lhe parece que pode morrer; e esta terra é metida

muito no sertão e alongada da ribeira do mar. Se nela há alguma coisa de proveito até agora o não sabemos.

Item. Além deste Rio do Padrão, de que atrás falámos, com trinta e cinco léguas de caminho pouco mais ou menos é achado um rio pequeno que se chama o Rio de Mondego e ali faz a terra uma enseada que será pouco mais de uma légua em roda, na boca da qual estão duas ilhas pequenas baixas e rasas de pouco arvoredo que chamam as Ilhas das Cabras. E estas estão muito perto da terra e são povoadas dos negros do senhorio de Manicongo e ainda vai adiante a terra de Congo. E nestas ilhas apanham os ditos negros uns búzios pequenos que não são maiores que pinhões com sua casca a que eles chamam zimbos, os quais em terra de Manicongo correm por moeda e cinquenta deles dão por uma galinha, e trezentos valem uma cabra. E assim as outras coisas segundo são. E quando Manicongo quer fazer mercê a alguns seus fidalgos ou pagar algum serviço que lhe fazem, manda-lhe dar certo número destes zimbos, pelo modo que os nossos príncipes fazem mercê, da moeda destes reinos a quem lha merece e muitas vezes a quem lha não merece; e na terra do Benim, de que já é escrito no quarto Item do sétimo capítulo do segundo livro, usam uns búzios por moeda um pouco maiores que estes zimbos de Manicongo, aos quais búzios no Benim chamam iguou, e todas as coisas por eles compram, e quem mais deles tem mais rico é. E do Rio do Padrão até o Rio de Mondego e Ilhas das Cabras a terra ao longo do mar é baixa e de muito arvoredo. E esta costa do dito Rio do Padrão até as ditas ilhas jaz norte sul e tem trinta e cinco léguas na rota, como em cima faz menção. E estas Ilhas das Cabras se apartam em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico nove graus e por isto se podem bem conhecer; e ao mar destas ilhas nas trinta braças há muita infinda pescaria.

Item. Passando vinte léguas além da Ilha das Cabras está uma ponta que chama a Ponta das Camboas. E este nome lhe puseram porque quando Diogo Cão, cavaleiro criado de El-Rei Dom João que Deus tem, esta terra descobriu achou ali umas camboas em que os negros pescavam, por isso lhe pôs o dito nome. E esta ponta é muito aparcelada, e além dela acharam um rio muito pequeno maneira de esteiro. E aqui não há comércio nem coisa digna de ser escrita. Somente que esta ponta jaz com a dita Ilha das Cabras nor-noroeste e su-sueste. E tem as ditas vinte léguas na rota e se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico dez graus e meio.

Item. Jaz a Ponta das Camboas e a Ponta de São Lourenço norte e sul e têm vinte léguas na rota. E esta terra toda é muito baixa e não é de tanto arvoredos como a que atrás fica.

Capítulo 3

Das rotas, léguas e graus da ponta de São Lourenço em diante.

Muitas mortes de homens e grandes despesas têm custado o descobrimento destas Etiópias ao Infante Dom Henrique, primeiro inventor destas coisas. De tal qualidade que devíamos notar. Nem por isso deixaremos de escrever toda esta terra com seus portos, angras, rotas e graus por não sairmos da ordem desta matéria, e por se saber a costa e ribeira do mar, em qualquer tempo que for necessário a nossos sucessores quando lhes cumprir.

Item. Além da ponta de São Lourenço da qual, atrás no derredouro Item do segundo capítulo deste terceiro livro é escrito, e começa uma Angra de Santa Maria e assim vai a costa dali por diante direita. E em dezoito léguas de caminho, contando da Angra de São Lourenço em diante, faz a terra uma ponta, que há nome a Ponta Preta, por quanto se faz ali uma manilha negra. E a esta ponta lhe puseram este nome, e jaz a Ponta de São Lourenço com a ponta negra norte e sul e tem as ditas dezoito léguas na rota. E esta terra não é de tanto arvoredo, como a que atrás fica. E esta ponta preta se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico treze graus e dois terços.

Item. Jaz a Ponta Preta e Montenegro norte e sul e tem vinte e cinco léguas na rota. E este monte está sobre o mar e não é muito alto. E porque a terra derredor é de muita areia, e ele tem um mato baixo raso, que faz uma mostra mais preta que toda a outra terra, por isso lhe puseram nome Montenegro. E esta costa é quase deserta e de muito pouca povoação, o qual monte se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico quinze graus e vinte minutos.

Item. Oito léguas adiante do Montenegro se faz uma grande angra que entra uma légua e meia pela terra dentro, que se chama Angra das Aldeias. Este nome lhe puseram porque no tempo que Diogo Cão descobriu esta costa, por mandado de El-Rei Dom João que Deus tem, achou nesta angra duas grandes aldeias. E por isso lhe pôs o dito nome. Os negros desta terra são gente pobre que se não mantêm, nem vivem, senão de pescaria que aqui há muita. São idólatras e nesta terra não há proveito. E de Montenegro até aqui se corre a costa nordeste e sudoeste. E tem as ditas oito léguas na rota e toda esta terra ao longo do mar é baixa.

Item. Além da Angra das Aldeias é achada uma enseada, que terá duas léguas em largura na boca, que se chama a Manga das Areias.

E esta se estende por dentro pela terra cinco ou seis léguas, e na mesma boca e dali por dentro, tem doze e quinze braças de fundo. E esta terra é deserta e nenhum arvoredo tem porque tudo é areia. Dentro nesta manga há muita pescaria. E em certos tempos do ano vêm aqui do sertão alguns negros a pescar, os quais fazem casas com costas de baleias cobertas com seba do mar e em cima lançam areia, e ali passam sua triste vida. E esta manga das areias se corre com Angra das Aldeias nordeste e sudoeste e tem quinze léguas na rota. A qual manga se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Polo Antártico dezasseis graus e meio.

Item. Seis léguas adiante da margem das areias, faz a terra uma ponta baixa toda coberta de areia, que se chama a Ponta das Pedras. E este nome lhe puseram porque, quase no rosto desta ponta e assim além dela, estão muitos e grandes penedos. E até aqui se corre esta costa nordeste e sudoeste e toma a quarta de leste e oeste, têm as ditas seis léguas na rota. E esta terra é muito baixa e má de conhecer, mas quem quiser haver conhecimento dela, veja como se aparta da linha equinocial dezasseis graus e dois terços contra o Pólo Antártico. E esta é a melhor conhecida que tem.

Item. Jaz a Ponta das Pedras e o Cabo Negro norte e sul e tem doze léguas na rota. E este cabo é muito baixo e a terra derredor dele é toda areia, senão quanto sobe a ponta deste cabo está uma malha negra. E por isso lhe puseram este nome de Cabo Negro, o qual não parece cabo senão quando homem está uma légua em mar dele e sendo três ou quatro léguas em mar parece tudo costa direita. Esta terra é trabalhosa de navegar e o seu inverno é do mês de abril até fim de setembro. As naus que vão para a Índia, sempre se metem em mar e se arredam desta costa duzentas e cinquenta léguas e mais, em maneira que não chegam a ela.

Capítulo 4

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis.

Muitas opiniões houve nestes reinos de Portugal, nos tempos passados, entre alguns letrados acerca do descobrimento das Etiópias de Guiné e das Índias; porque uns diziam que não curassem de descobrir ao longo da costa do mar, e que melhor seria irem pelo pego atravessando o golfo até topar em alguma terra da Índia ou vizinha dela, e que por esta via se encurtaria o caminho. Outros disseram que melhor seria descobrir ao longo da terra, sabendo pouco e pouco o que nela ia, e assim suas rotas e conhecenças e cada província de que gente era, para verdadeiramente saberem o lugar onde estavam, por onde podiam ser certos da terra que iam buscar, porque de outra guisa, não podiam saber a região em que estavam. E a mim me parece que a segunda opinião foi mais certo e assim se fez, porque se este descobrimento se seguiu ao longo da costa do mar, por isso levaríamos nosso caminho do Cabo Negro em diante, pelo modo que atrás vem escrita a dita terra.

Item. Adiante do Cabo Negro dezassete léguas, são achados uns médãos de areia ao longo do mar em que haverá seis ou sete montes da dita areia, e estes são algum tanto mais altos que a outra terra. E esta costa toda é deserta e sem gente. E do Cabo Negro até os médãos, se corre norte e sul, e tem as ditas dezassete léguas na rota, os quais médãos se apartam em ladeza do círculo da equinocial contra o Polo Antártico dezanove graus.

Item. Jazem os médãos e Angra de Rui Pires norte e sul, de meio caminho em diante, toma a quarta do noroeste e sueste, e tem vinte léguas na rota. E esta terra toda é muito baixa, árida

e deserta. E nesta angra caberão seis ou sete navios pequenos e a um tiro de bombardada da terra, podem pousar em fundo de oito braças tudo limpo, a qual Angra se aparta em ladeza contra o Pólo Antártico vinte graus.

Item. Além da Angra de Rui Pires vinte e cinco léguas, é achada outra angra pequena que se chama de Santo Amaro, a qual é muito pequena. E toda esta terra é deserta por ser toda coberta de areia. E jaz angra de Rui Pires e esta de Santo Amaro nor-noroeste e su-sueste e têm as ditas vinte e cinco léguas na rota. E esta Angra de Santo Amaro se aparta em ladeza da equinocial contra o Pólo Antártico vinte um graus e meio.

Item. Jaz Angra de Santo Amaro e os areais norte e sul. E tem doze léguas na rota. E esta costa é deserta por ser toda areia, e por isso lhe puseram nome os Areais, os quais se apartam da linha equinocial em ladeza contra o Pólo Antártico vinte e dois graus e vinte minutos; e dez léguas adiante dos Areais parece uma ponta que se chama o Cabo do Padrão; o qual tem um padrão de pedra com três letreiros a saber um em língua latina, o outro em arábico e o outro em nossa língua portuguesa. Todos três de um teor nos quais diz que em tantos anos da criação do mundo e em tantos da era de Nosso Senhor Jesus Cristo El-Rei Dom João, o segundo de Portugal, mandou descobrir aquela costa por Diogo Cão, cavaleiro da sua casa e capitão de seus navios; o qual cabo se corre com os areais norte e sul e tem as ditas dez léguas na rota, como dito é. E este se aparta da linha equinocial em ladeza contra o Pólo Antártico vinte e dois graus e quarenta e cinco minutos. E esta terra é baixa e má de conhecer e o melhor conhecimento que tem ali são as alturas do Pólo Antártico e graus em que se aparta em ladeza da linha equinocial.

Item. Jaz o Cabo do Padrão e a praia das pedras norte e sul e têm doze léguas na rota. E esta praia será de cinco ou seis léguas em longo e a maior parte dela é toda cheia de penedos e no cabo dela há uma angra muito pequena. E esta jaz debaixo do Trópico de Capricórnio pontualmente e por isso se aparta em ladeza do círculo da equinocial contra o Pólo Antártico vinte e três graus e trinta e três minutos. Toda esta costa é deserta e toda a terra são areias e costa de muita infinda pescaria e para diante trabalhosa de navegar. E no mês de junho, julho, agosto, se acontece acudirerem aqui os ventos nortes e noroestes com que para o Cabo da Boa Esperança à poupa fazem caminho.

Capítulo 5

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis do Trópico de Capricórnio em diante

Grande glória têm adquirida assim o virtuoso Infante Dom Henrique, primeiro inventor desta navegação e descobrimentos, e El-Rei Dom Afonso, o quinto, e El-Rei Dom João, o segundo, seu filho, e sobre todos o sereníssimo Príncipe El-Rei Dom Manuel, nosso senhor, no descobrir destas Etiópias de Guiné, por ser terra incógnita, a qual todos os antigos houveram por impossível poder se navegar. O nosso César Manuel, magnânimo varão, a melhor parte desta gloriosa matéria é dada a ele por descobrir quase toda a Etiópia sob Egipto e os muitos alongados reinos da Índia, nas quais regiões por seu mandado são feitas grandes conquistas e havidas muitas vitórias por singulares feitos de armas que se lá fizeram. Como no seu quarto livro adiante diremos, mas por dar-

mos fim a este terceiro livro, convém que sigamos nossa ordem e se escreva esta costa do mar, para que ordenadamente sigamos nosso propósito.

Item. Jaz a Praia das Pedras com Angra da Conceição norte e sul, e de meio caminho toma a quarta de noroeste e sueste e tem vinte e cinco léguas na rota. E toda esta costa, ao longo da ribeira a meia légua em mar, é suja de grandes arrecifes de pedra e a terra do sertão é baixa e coberta de areia e má de conhecer. E esta angra se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico vinte e cinco graus e trinta minutos.

Item. Além da Angra da Conceição quinze léguas, é achada outra angra pequena que se chama da Baleia, a qual rota jaz norte e sul. E do meio caminho toma a quarta do noroeste e sueste. E todo o fundo desta costa é limpo e nas trinta braças estará, quem ali for, uma légua de terra onde pode tomar muito pescado. E esta Angra da Baleia se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico vinte e seis graus e meio.

Item. Jaz Angra da Baleia e a Terra das Baixas norte e sul. E toma a quarta de noroeste e sueste e tem vinte léguas na rota, e esta terra tem umas baixas de pedra ao longo do mar, que ao mais que podem sair ao pego, assim é um quarto de légua. E durarão de longo, uma légua pouco mais ou menos. E esta Terra das Baixas se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico vinte e sete graus e trinta minutos. E adiante da dita Terra das Baixas dez léguas, se faz uma pequena enseada em cuja boca está um ilhéu, e sobre a ribeira do mar parece uma terra um pouco alta que faz de si maneira de serra. E da Terra das Baixas até esta serra se corre a costa norte e sul. E toma de meio caminho a quarta de nordeste e sudueste e tem as ditas dez léguas na rota.

Item. Além da dita serra quinze léguas, é achada a formosa Angra das Voltas, a qual tem uma grande boca à parte do noroeste. E

corre se esta costa norte e sul, mas quem partir da serra e fizer o caminho do Sul, irá muito em terra, e se for de noite, deve fazer o caminho da quarta de sudoeste. Esta Angra das Voltas entra por dentro pela terra, uma grande légua e meia, onde podem ancorar cem navios nas dez e doze braças seguras de todo o tempo. E esta angra terá em largura uma légua ou mais e assim tem dentro alguns ilhéus de pedra e aqui há muita pescaria, a qual angra descobriu Bartolomeu Dias, por mandado de El-Rei Dom João que Deus tem. E esta se aparta do círculo equinocial contra o Pólo Antártico em ladeza vinte e nove graus e vinte minutos. E esta terra é calva e sem arvoredo nenhum.

Item. Vinte léguas adiante da Angra das Voltas, é achada a Serra da Pena. E esta serra é razoavelmente alta e sem arvoredo. Somente é cheia de penedia e toda esta terra ao longo do mar é deserta. E quem for em busca desta serra partindo de Angra das Voltas, compre que se ponha quatro léguas dela em mar. E fazendo o caminho do su-sueste, haverá a dita Serra da Pena e tem as ditas vinte léguas na rota como dito é. A qual serra se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico trinta graus e vinte minutos. E tanto que homem passa esta serra, a terra faz uma enseada que tem um ilhéu. E dali por diante sai uma lombada alta ao longo do mar, da qual lombada o fim dela se corre com a dita serra noroeste e sueste. E tem dez léguas na rota.

Capítulo 6

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis da Serra da Pena e sua lombada, rotas, conhecenças da terra até o Cabo da Boa Esperança.

Tanto favor temos recebido do senhor de que todo o bem procede, que nos deu tempo e saber para podermos acabar esta obra, por nós começada, e não com pouco trabalho, até aqui escrevemos este tão trabalhoso caminho, que mais grave do que parece foi de descobrir. Os anos e dias de vida dos nossos príncipes, que isto mandaram fazer e seus tesouros não despenderam em vão, pois alcançaram o fim desejado; e porque em todo o tempo se possa particularmente saber a navegação desta Etiópia e sua costa, é razão que não deixemos nosso propósito, para cumprirmos com nossa promessa.

Item. Jaz o pico que adiante da lombada da serra está a vinte e cinco léguas nor-noroeste e su-sueste e este pico é razoavelmente alto e fragoso. E esta costa no seu Inverno, que começa no mês de Abril até fim de Setembro, é tormentosa e fria. E o principal conhecimento desta terra é a diferença de seus graus, o qual pico se aparta em ladeza do círculo da equinocial contra o Pólo Antártico trinta e dois graus e meio.

Item. Doze léguas além do pico, é achada uma angra que se chama de Santa Helena, a qual é razoavelmente grande. E assim é suja de muitos arrecifes de pedra. E jaz o dito pico com esta angra norte e sul e tem as doze léguas na rota. E toda esta costa é suja, ao longo da ribeira, de muita pedra. E esta angra faz uma ponta da banda do Sul, em que estão uns baixos, e aqui não há mais se não guardar se homem do que vir, a qual angra se aparta em ladeza

da linha equinocial contra o Pólo Antártico trinta e dois graus e trinta minutos.

Item. Quem houver de partir de Angra de Santa Helena para diante, cumpre se ponha três léguas em mar dela, por causa de uns arrecifes de pedra que ali estão e esta costa toda é praia de areia. E adiante da dita Angra de Santa Helena doze léguas, se faz uma ponta que se chama a Ponta da Praia e esta se corre com a dita angra, que atrás fica, noroeste e sueste e tem as ditas doze léguas na rota. E a Ponta da Praia se aparta em ladeza da equinocial contra o Pólo Antártico trinta e quatro graus e dez minutos.

E adiante oito léguas da Ponta da Praia, é achado um formoso promontório a que nós chamamos o Cabo da Boa Esperança, o qual jaz com a Ponta da Praia nor-noroeste e su-sueste e tem as ditas oito léguas na rota como dito é. E este cabo se aparta em ladeza do círculo equinocial contra o Pólo Antártico trinta e quatro graus e trinta minutos. E adiante nesta outra folha se achará sua feição pintada do natural e no capítulo seguinte diremos deste cabo mais largamente o que sabemos.

Capítulo 7

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis e como se descobriu o Cabo da Boa Esperança onde África faz fim.

Não sem muita razão se pôs nome a este promontório Cabo da Boa Esperança, porque Bartolomeu Dias que o descobriu, por mandado de El-Rei Dom João que Deus tem, no ano de nosso Senhor de mil quatrocentos e oitenta e oito anos, vendo que esta costa e

ribeira do mar voltava dali em diante ao norte e ao nordeste, cuja rota fazia caminho da Etiópia sob Egipto e dali para o Sino Árábico, onde se mostrava e se esperava haver-se de descobrir a Índia. Por esta causa lhe pôs nome Cabo da Boa Esperança, o qual se aparta em ladeza do círculo da equinocial contra o Pólo Antártico trinta e quatro graus e trinta minutos, que fazem um meio grau segundo é já dito no Item que acima fica. E esta terra é muito alta e da feição que parece nesta pintura, e no seu Inverno, que é no mês de Abril até o fim de Setembro é muito fria e assaz tormentosa. E os negros desta região são gentios e é gente bestial e estes andam vestidos de peles e calçados de umas haparcas de couro cru; e não são tão negros como os de Jalofó e Mandinga e outras partes de Guiné. Aqui não há nenhum comércio, somente muito gado vacaril e grandes cabras e ovelhas e muita pescaria; nesta terra há uns gatos meimões a que chamam babuínos, quase tão grandes como homens, os quais têm tão grandes barbas que o não podem crer se não quem os vir. Alguns dizem que este cabo é o Plaso promontório de que Ptolomeu fala, mas a mim não me parece assim: mas antes digo que devem ser os Montes da Lua onde Ptolomeu diz que nasce o rio Nilo. Porque no próprio sítio que Ptolomeu põe os ditos montes em trinta e quatro graus e meio de ladeza da dita equinocial contra o Pólo Antártico, ali está este Promontório da Boa Esperança. Assim que pela distância que os ditos graus se apartam da equinocial serem conformes os dos Montes da Lua a estes outros e pela feição da terra ser tal a que Ptolomeu escreve dos ditos montes como a deste promontório tudo parece uma coisa. E por todas estas causas esta terra é boa de conhecer e assim também se conhecerá pelo curso do Sol, porque quem aqui for em todo o tempo do ano, sempre lhe o Sol andarà pela parte do Setentrião, que se por outro nome chama Norte, e sua sombra irá contra o Pólo Antártico que dos marinheiros Sul é chamado; o qual curso em todo é contrário ao de sítio da nossa habitação,

porque sempre o Sol nos anda pela parte do Sul e faz sombra ao Norte. Neste promontório faz África fim da parte do mar oceano. E porque aqui se divide de Ásia e de este lugar correndo por cima da terra directamente ao norte segundo o que o Nilo corre por meio dos etiópios trogloditas até vir ter em Damiata no mar do Egipto. E dali volvendo perto da Líbia e costa de Cartago até cerrar na grande cidade de Ceuta, da qual rodeando toda a Tingitânia e a ribeira do Atlântico Mar e a Etiópia de Guiné, correndo sua costa, pelo modo que atrás neste livro vem escrito, até outra vez vir cerrar neste Cabo da Boa Esperança, como já é dito no meio do quinto capítulo do primeiro livro. Esta é a circunstância de toda África segundo se poderá ver na pintura do mapa mundi e tábua geral que adiante do capítulo está. A qual África terá em roda três mil e oitocentas e cinquenta léguas e em longo, começando do rio Sanagá correndo directamente a Oriente até dar no rio Nilo, são oitocentas e quarenta léguas. E sua largura é de Trípoli de Berberia indo directamente ao meio dia atravessando toda a terra até dar no mar de Guiné no Rio dos Escravos, têm África em largura quinhentas léguas e esta é sua circunferência, longura e ladeza, como acima é dito, e estas são as suas ribeiras e costa do mar, a qual nenhum golfo por ela entra assim como por Europa e Ásia, o que tudo isto temos muito particularmente sabido. E neste Promontório da Boa Esperança se acharam as ervas como neste reino de Portugal, porque nele há muita hortelã, macela e mestrassos e outras muitas ervas das da qualidade desta pátria. E assim há azambujos e carvalhos e urzes que dão camarinhas e outras árvores assim como as de cá. E isto causa o movimento de Sol que a todas as coisas dá ser porque pouco menos graus se aparta da linha equinocial contra o Pólo Antártico, quantos da dita linha Lisboa está para o Pólo Ártico. Por onde esta terra com Portugal ficam quase de uma mesma qualidade acerca das árvores, ervas e frutos, salvo quanto os temporais são opostos ou contrários uns aos outros, a

saber: quando aqui é natural Inverno, então é lá próprio Verão. E quando aqui Verão, é lá Inverno. Mas como quer que o ascenso e rescenso do Sol faz quase muitos graus da dita equinocial, a um cabo como o outro, por sua virtude gerará as ervas e os frutos e as árvores de uma mesma qualidade ainda que seja em desvairados meses, dos quais a prática nos tem mostrado a verdade.

aqui mapa

Capítulo 8

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis das rotas, conhecenças e graus até o Ilhéu da Cruz, onde o sereníssimo Rei Dom João o segundo acabou seu descobrimento.

Pois já escrevemos as coisas de África, de sua Etiópia e circunferência, longura e ladeza, agora convém que os termos da Ásia não fiquem por dizer. Ainda que ela em si é tão grande, que assim aos antigos como a nós outros modernos que dela grande parte sabemos, a maior parte nos foi sempre incógnita. Porém, o que toca ao sítio da navegação deste sereníssimo El-Rei nosso senhor, que a Etiópia sob Egipto descobriu e assim muita parte do Sino Arábico e do Sino Pérsico, como toda a costa da Pérsia e grande quantidade da Índia; isto escreveremos começando no Promontório da Boa Esperança, onde Ásia se divide com África, do qual promontório escreveremos a costa do mar até o Ilhéu da Cruz, onde este terceiro livro do que descobriu o excelente Rei Dom João, o segundo, faz fim. E dali em diante se começará o quarto livro. E este acabado o quinto do que descobriu o nosso César Manuel, como

atrás quase no fim do primeiro prólogo temos prometido; e desta costa escreveremos suas rotas, conhecenças da terra e graus que se aparta cada lugar, portos e rios, da linha equinocial contra o Pólo Antártico, segundo cada coisa está em seu próprio assento.

Item. Já na demonstração e pintura do Cabo da Boa Esperança que aqui é posta, se mostra manifestamente como aquela furna ou enseada que se faz do dito cabo para dentro torna a loeste; porém, partindo do rosto deste cabo e fazendo o caminho de leste, quinze léguas adiante é achada uma ponta que se chama de São Brandão. E esta jaz no paralelo do mesmo cabo. E toda a terra que vai ao longo da ribeira do mar é costa direita até à dita ponta, e terra quase chã e logo mais dentro são muito altas serras, e muito fragosas e assim vão e correm grande quantidade de caminho.

Item. Adiante da Ponta de São Brandão se faz outra ponta, que se chama do Infante, e aquém desta ponta está um ilhéu um quarto de légua de terra. E toda esta costa é de muita pescaria e jaz a Ponta de São Brandão e esta do Infante lés-nordeste e oés-sudueste e tem dezassete léguas na rota. E porque nesta terra cremos que não há nenhum comércio ou resgate, deixo de nela falar mais particularmente.

Item. Além da Ponta do Infante vinte léguas parece um cabo que se chama o Cabo das Vacas. E este nome lhe puseram por o muito gado vacaril que ali viram. E este jaz com a dita ponta do Infante leste e oeste e tem as ditas vinte léguas na rota.

Item. Três léguas adiante do Cabo das Vacas se faz uma grande enseada que terá quatro ou cinco léguas em roda que se chama Angra de São Brás, a qual se corre com o Cabo da Boa Esperança até meio caminho lés-nordeste e oés-sudueste. E dali até à dita angra jaz a costa nordeste e sudoeste e toma a quarta de leste e oeste. E tem em toda esta rota cinquenta léguas. E esta Angra de São Brás se aparta em ladeza do círculo da equinocial contra

o Pólo Antártico trinta e cinco graus e vinte minutos. E dentro desta enseada está um ilhéu, junto com a terra, no qual há muitos lobos marinhos e muito grandes que têm as espáduas e pescoço com grande felpa assim como tem os leões. E neste ilhéu há umas aves marinhas maiores que patos, cobertas de pluma sem nenhuma pena nas asas com que possam voar, e quem ouvir a voz de cada uma destas aves cuidará que é asno que azurra. Esta angra é abrigada de todos os ventos salvo do lés-nordeste até o sueste, os quais são ali travessão e mete grande ola de mar quando ventam forçosamente; e da parte de loeste tem esta angra uma ponta de terra com uns penedos, os quais quando homem vem de mar, em fora, parecem ilhéus e um dos ditos penedos parece castelo pequeno e torrejado; a qual mostra faz primeiro que cheguem à dita angra e esta ponta terá em longo pouco mais de um tiro de besta. E da dita ponta saem para o mar uma restinga de pedra na qual, quando o mar anda bravo, quebra nela um quarto de légua de longo que quase vai serrando toda a boca da baía. E sobre esta ponta da terra baixa vem ter uma serra até cerrar com a ribeira do mar.

Item. Dentro desta Angra de São Brás vem ter um rio pequeno que corre de cima da terra até ao mar, no qual estão muitas canas, e hortelã, e juncal, e azambujeiros e outras ervas e árvores tais como as deste reino; aqui pode tomar a gente das nossas naus água, e lenha, e vacas, e carneiros e cabras que lhe os negros venderão por bacias de latão, e campainhas e pano vermelho; mas quem neste lugar for, cumpre se guarde dos negros desta terra porque são muito má gente. E já por vezes cometeram matar da companhia das naus que aqui foram e quem aqui sair fora cumpre ir a bom recado. E quem aqui entrar nesta angra, surgirá da restinga para dentro nas quatro braças e meia e estará de terra pouco mais de um quatro de légua em fundo limpo de areia. E tanto que homem sair em mar fora desta angra quatro ou cinco léguas, acharam vinte

e cinco e trinta braças e o fundo a lugares é de vaza misturada com areia e muita pescaria.

Capítulo 9

Do terceiro livro do Esmeraldo de situ orbis da Angra de São Brás até o Ilhéu da Cruz e daí até o Rio do Infante, das rotas e alturas dos graus

Por bem gastado havemos o tempo e trabalho que pusemos em fazer esta obra, pois a ventura nos deu favor que escrevêssemos o que o glorioso príncipe Rei Dom João, que Deus tem, em seu tempo descobriu. E aposto que na costa por seu mandado sabida não houvesse nenhuma utilidade como de feito não há, nem por isso o devemos culpar, porque a culpa é desta terra ser quase deserta e nela não há coisa sobre que se homem pudesse alegrar. E tanto maior louvor lhe devemos dar quanto menos proveito em tamanha região por ele descoberta se soube; porque se muita riqueza destas províncias ele adquirira não faleceram murmuradores e maldizentes que disseram que por seu próprio interesse seguira a intenção do seu descobrimento. E pois temos sabido que disto se não tirou outro bem, salvo muita despesa, e ficar um largo caminho aberto para se descobrir a Índia. Portanto somos desenganados que o que este sereníssimo príncipe fez foi por sua glória e magnificência e por saber terra nova incógnita a todas as gerações e não por outros respetos. E com esta declaração iremos dando fim a nosso processo.

Item. Quinze léguas além da Aguada de São Brás é achada uma angra pequena que se chama Angra da Lagoa, o qual nome lhe

puseram porque tem um lago dentro em um paul. E toda a terra que vem da Aguada de São Brás até esta angra ao longo do mar é terra chão. E pelo sertão é serra muito alta. E jaz Angra de São Brás e esta Angra da Lagoa leste e oeste e tem as ditas quinze léguas na rota. E esta angra pequena tem dentro um ilhéu, em que andam muitos lobos marinhos e cria muitas aves, e toda esta terra é de pouco arvoredo e comunalmente povoada sem nenhum comércio.

Item. Jaz Angra da Lagoa com outra angra maior que tem duas lagoas lés-nordeste e su-sueste e tem doze léguas na rota. E esta Angra das Lagoas é dentro muito baixa que não pode ali estar senão navios pequenos a qual se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico trinta e quatro graus e dois terços. E porque esta terra é sem nenhum proveito não quis gastar tempo de nela mais coisas declarar.

Item. Da Angra das Lagoas à Angra do Rico são quinze léguas e jaz uma com a outra leste e oeste e toma a quarta do nordeste e sudueste. Mas, quem este caminho fizer, guardese de duas baixas de pedra muito perigosas que quase no meio do dito caminho estão, nas quais quebra o mar e estão da costa ao pego quase uma légua. E esta Angra do Rico é quase tamanha como Angra de São Brás que atrás fica; a qual tem por conhecida, da sua boca para dentro, três ilhéus e em alguns lugares tem o fundo sujo e cumpre que o navio que ali surgir que pouso ao sem do prumo.

Item. Cinco léguas adiante da Angra do Rico, está um ilhéu pouco mais de meia légua de terra, que se chama o Penedo das Fontes, o qual nome lhe pôs Bartolomeu Dias que esta terra descobriu por mandado de El-Rei Dom João, que Deus tem, porque achou ali duas fontes de muito boa água doce. E por outro nome se chama este penedo o Ilhéu da Cruz porque o mesmo Bartolomeu Dias pôs ali um padrão de pedra pouco mais alto que um homem

com uma cruz em cima e este padrão tem três letreiros, a saber, um em latim e outro em arábico e outro em nossa língua portuguesa. E todos três dizem uma coisa, a saber, como El-Rei Dom João, no ano de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e oitenta e oito anos e em tantos anos da criação do mundo mandou descobrir esta costa por Bartolomeu Dias, capitão de seus navios. E este padrão parece do mar quando homem está perto deste ilhéu e de redor dele na terra firme tudo são médões de areia. E a terra de junto com a ribeira, além dos médões, é toda muito verde e assim é baixa e com arvoredos e a lugares tem várzeas e adiante desta terra ao longo da costa tudo são médões de areia deles grandes, deles pequenos. E este Ilhéu da Cruz estará em mar quase meia légua e esta costa de Angra do Rico até que se corre nordeste e sudoeste e toma a quarta de leste e oeste e tem as ditas cinco léguas na rota. E o dito Penedo das Fontes se apartam em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico trinta e três graus e quarenta e cinco minutos.

Item. Passando vinte e cinco léguas adiante deste Ilhéu da Cruz é achado um rio pequeno que se chama o Rio do Infante, o qual nome lhe puseram porque em companhia de Bartolomeu Dias, que o descobriu, ia um João Infante que foi o primeiro que ali saiu em terra, donde este rio tomou o dito nome. E oito até dez léguas do Ilhéu da Cruz, estão dois ilhéus a que chamam os Ilhéus Chãos; os quais ilhéus estarão da terra firme em mar duas léguas e meia e os sinais que a dita terra tem para se conhecer são estes, a saber: assim como a terra vai do Ilhéu da Cruz duas léguas adiante, tudo são médões de areia junto com a ribeira do mar; e quando estes Ilhéus Chãos demoram ao nordeste parece na terra firme uma malha preta, a qual tem da parte do norte um grande médão de areia com uma língua de terra preta ao longo da ribeira; e estes ilhéus são muito rasos com o mar e a terra do sertão é muito alta. E daqui até o Rio do Infante são quinze léguas. E neste meio estão

três bocas de rios pequenos; neste rio do Infante acabou El-Rei Dom João, que Deus tem, seu descobrimento e navegação, o qual jaz com o Ilhéu da Cruz, que atrás fica, nordeste e sudoeste. E toma a quarta de leste e oeste e tem as ditas vinte e cinco léguas na rota e também se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Antártico trinta e dois graus e quarenta minutos. E este sereníssimo príncipe faleceu da vida deste mundo no ano de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e noventa e cinco anos, no Algarve, na vila de Alvor, aos vinte e cinco dias do mês de outubro. E os anos de sua vida foram quarenta anos, cinco meses e vinte e cinco dias, dos quais somente reinou catorze anos, um mês e vinte e oito dias. E jaz sepultado no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, que por outro nome se chama da Batalha, com El-Rei Dom Afonso, o quinto, seu pai, na capela do Cabido.

Princípio do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis do que descobriu o sereníssimo príncipe El-Rei Dom Manuel Nosso Senhor o primeiro deste nome que reinou em Portugal. Segue-se primeiro o prólogo.

Ainda que a ordem da matéria nos dê licença para darmos fim à obra começada e o espírito para isto tenhamos pronto, o nosso saber fica tão baixo que por inteiro se não atreve dizer à excelência de nosso César Manuel; porque assim como a agricultura promete mantimento à geração humana assim os seus grandes feitos têm prometida eterna imortalidade a sua clara fama; e as singulares condições de que o a natureza dotou universalmente são sabidas porque a justiça com temperança lhe deu por rica vestidura e abastança do saber para administração dela por coroa muito louvada lhe outorgou. Sendo benévolo a seus súbditos e naturais com doce conversação e mansidão coberta de uma maravilhosa fortaleza que do princípio da sua vida lhe tem dada; que grandes feitos acabou com viril ânimo de magnífica liberalidade; católico com limpeza de honesta vida porque a sagrada religião do matrimónio e conjugal castidade grandemente tem guardada. E por isso lhe deu Nosso Senhor precioso fruto de bênção; e ele foi o primeiro Rei de Portugal que suplicou ao Santo Padre, o Papa Alexandre Sexto, que dispensasse com os cavaleiros comendadores da ordem e cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo e São Bento destes reinos, que dali em diante os que novamente fossem recebidos nestas ordens e hábitos, pudessem casar e assim se fez; porque dan-

tes eram frades professos, por solene voto sem poderem contrair matrimónio. E quanto serviço fez a Deus este sereníssimo Príncipe, em este requerer em todo tempo se deve louvar por se evitar tanta luxúria e pecado quanto se seguia destes professos incapazes do matrimónio terem mancebas como dantes tinham, o que agora por serem casados podem escusar. Nosso é este bem e nós o possuímos e por tanto se deve Portugal chamar bem-aventurado; porque é certo que este nosso Príncipe por divina virtude nos foi dado para descanso e justo viver de nossa patria. E esta graça recebeu da mão do sumo criador, que o enviou de entre as suas aras e altares sagrados; e porque a grandeza de sua excelência é tanta que a nós não convém tomar tão pesada carga por a fraqueza do nosso engenho haver de dizer suas louvadas obras. Portanto convém que deixemos a força delas, para quem sua crónica houver de fazer. E pois já temos escrito os três livros dos outros príncipes que esta navegação, e conquista e indiano caminho começaram e a tentaram fazer sem haver fim. Portanto nós passaremos a escrever o quarto livro e quinto livro, onde começa o princípio da sua conquista e descobrimento de novas terras dentro nas estranhas províncias da Ásia e Indianas ribeiras; o peso do qual os antigos príncipes seus antecessores e outros muitos mais antigos príncipes de outras nações com suas riquezas, saber e fortaleza que se teve na primeira armada quando mandou descobrir a incógnita Etiópia sob Egipto e os muito alongados reinos de Índia, das quais regiões e terras as coisas são mais doces de ouvir que de navegar. E bem se mostrou a esfera que tomou por divisa, que aqui pusemos, ser uma profecia do que vimos por onde parece que sua alteza alcançou o fim desejado, a glória do qual Deus acrescenta.

aqui esfera

Capítulo 1

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis do que disseram alguns escritores antigos como a linha equinocial e a terra que jaz debaixo dela era inabitável.

Nunca os nossos antigos antecessores, nem outros muito mais antigos de outras estranhas gerações, puderam crer que podia vir tempo que o nosso Ocidente fora do Oriente conhecido e da Índia pelo modo que agora é; porque os escritores que daquelas partes falaram, escreveram delas tantas fábulas, por onde a todas pareceu impossível que os indianos mares e terras do nosso Ocidente se pudessem navegar.

Ptolomeu escreve na pintura de suas antigas tábuas da cosmografia o Mar Índico ser assim como uma lagoa, apartado por muito espaço do nosso mar oceano ocidental que pela Etiópia meridional passa; e que, entre estes dois mares ia uma orelha de terra por impedimento da qual para dentro para aquele Golfo Índico por nenhum modo nenhuma nau podia passar. Outros disseram que este caminho era de tamanha quantidade que por sua longura se não podia navegar. E que nele havia muitas sereias e outros grandes peixes e animais nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer.

Pompónio Mela, no princípio do seu segundo livro e assim no meio do terceiro De situ orbis; e mestre João de Sacrobosco inglês, excelente autor na arte de astronomia, no fim do terceiro capítulo de seu Tratado da esfera, cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pela muita grande quentura do Sol; donde parece que segundo sua tenção aquela tórrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que

a fortaleza do Sol impedia não haver aí habitação de gente. O que tudo isto é falso certamente temos muita razão de nos espantar de tão excelentes homens, como estes foram, e assim Plínio e outros autores, que isto mesmo afirmaram, caírem em tamanho erro como neste caso disseram. Porque eles todos confessam a Índia ser verdadeiramente oriental e povoada de gente sem número. E como assim seja que o verdadeiro Oriente é o círculo da equinocial que por Guiné e pela Índia passa e com a maior parte tem vizinhança, claramente se mostra ser falso o que escreveram. Pois debaixo da mesma equinocial há tanta habitação de gente quanta temos sabida e praticada. E como quer que a experiência é mãe das coisas, por ela soubemos radicalmente a verdade, porque o nosso César Manuel, inventivo e excelente varão, mandou Vasco da Gama, comendador da Ordem de Santiago e cortesão de sua corte, por capitão de suas naus e gente a descobrir e saber aqueles mares e terras, com que nos os antigos punham tão grande medo e espanto. E indo com muito trabalho achou o contrário do que a maior parte do que os antigos escritores disseram. E passando do Rio do Infante em diante, no qual lugar o sereníssimo Rei Dom João acabou seu descobrimento e navegação como atrás é dito, e correndo Vasco da Gama com suas quatro naus para aquela encosta da incógnita Etiópia sob Egipto, achou a etiópica vila de Melinde, onde soube as novas da Índia que ia buscar. E dali atravessando aquele grande golfo de setecentas léguas que naquele meio jaz, descobriu e novamente soube alguma parte da desejada Índia inferior.

Capítulo 2

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis, das quatro naus que El-Rei nosso senhor mandou descobrir a Índia

Não convinha que para este descobrimento e viagem se excedesse o modo da grandura das naus e quantidade delas. E por isso mandou El-Rei nosso senhor que se fizessem quatro navios pequenos que o maior não passasse de cem tonéis para cima. Porque para terra não sabida e tão incógnita, como aquela então era, não era necessário serem maiores; e isto se fez assim porque mais ligeiramente pudessem entrar e sair em todo lugar, o que sendo grandes não podiam fazer. E estes se fizeram por singulares mestres e oficiais e assaz fortes de madeira e pregadura. E com três equipagens de velas cada nau, e assim amarras e outros aparelhos e cordoalha três e quatro vezes dobrada além do que costumam fazer. A lousa dos tonéis, pipas, barris, assim de vinho como de água, vinagre e azeite, toda foi arqueada com muitos arcos de ferro que cada peça levava por segurar o que dentro tinha. Os mantimentos de pão, vinho, farinhas, carnes, legumes e coisas de botica e assim armaria e bombardaria, tudo isto foi dado em tanta abundância quanta a necessidade do caso convinha e muito mais. E assim foram mandados nesta viagem os principais pilotos e mareantes e mais sabedores na arte de marinharia que se nesta pátria acharam, aos quais foram ordenados tão grandes soldos com outras mercês e tão bem pagos que procederam todos os outros salários que toda a outra gente do mar pelas outras províncias costumam haver. Nesta viagem se fizeram tantas e tão grossas despesas com tão poucas naus que por não parecerem graves de ouvir e crer o deixo de dizer. Pelo miúdo das quais o nosso Príncipe por então não houve mais utilidade que somente ser descoberta e novamente sabida alguma parte daquela

Etiópia sob Egipto e o princípio da Índia inferior. E assim partiu Vasco da Gama com esta santa empresa por capitão-mor destas quatro naus na virtude da sacra majestade deste sereníssimo Príncipe que o mandou da excelente cidade de Lisboa, sábado, oito dias do mês de Junho do ano de nosso senhor Jesus Cristo de 1497 anos. E andou nesta viagem até tornar adonde partiu dois anos, um mês e um dia e da sua vinda não tardaram os grandes galardões e mercês que lhe foram dados, com tanta honra e liberalidade quanto na excelência de nosso César Manuel que o enviou cabe. Porque sua alteza lhe deu título de Dom Vasco da Gama que antes não tinha e assim lhe deu armas para ser conhecida a honra de sua fidalguia e o fez Almirante do mar Índico com sua jurisdição e mais lhe deu de renda de juro três mil cruzados de ouro e isto ouve Dom Vasco além de outras muitas mercês, soldos, honras e liberdades de que o este sereníssimo Príncipe dotou. Assim que se olhou ao serviço que lhe Dom Vasco tinha feito isso mesmo conseguiu a grandeza de sua excelência condição, não desviando do que devia como aquele que nasceu com perfeita bondade.

Capítulo 3

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis, das armadas que El-Rei nosso senhor cada ano manda fazer para a Índia depois que foi descoberta.

Os grandes feitos se não podem esconder porque manifestamente são vistos de todos e o louvor que neles cabe por obrigação se deve dizer porque não fiquem no esquecimento. E a gravidade de tamanhas obras como as deste sereníssimo Príncipe com justa

causa devem ser sabidas. Sua alteza manda fazer para elas grandes armadas de vinte e cinco e trinta naus grossas, e às vezes mais e menos segundo a ordem do tempo e necessidade dele o requer, as quais são enviadas com muita gente e também aparelhadas como as primeiras. E muito melhor com que conquistou e cada dia conquista os índicos mares e asiáticas ribeiras, matando, destruindo e queimando os mouros do Cairo, e de Arábia, e de Meca e outros moradores na mesma Índia. E sua frota que o trato da pedraria preciosa, pérolas e especiaria com sua navegação por longa antiguidade de oitocentos anos e mais possuíam; e não tão somente tem isto feito, mas ainda por novo edificação mandou lá fundar cinco fortalezas, com suas sagradas casas de oração, onde se cada dia celebra o santo sacramento do corpo de nosso senhor Jesus Cristo. E assim são por esta causa tornados a sua santa fé católica e feitos cristãos muitos índios que dantes a não conheciam e a suja seita de Maomé cada vez vai mais em abatimento e destruição minguando. E em tal maneira são os mouros destruídos e sua frota que onde de suas mãos os venezianos haviam a especiaria e outras coisas com que abasteciam Europa, África e parte da Ásia, agora nenhuma coisa têm nem podem haver, salvo este bem aventurado Príncipe que além de muita honra, perpétua fama que com muitas vitórias na conquista de tantas províncias têm adquirida. As suas naus e frota lhe trazem cada ano a estes reinos trinta e quarenta mil quintais de especiaria e drogaria e muitas pérolas e pedras preciosas com outras coisas de grande riqueza com que o orbe é abastado. E por isso podemos dizer que Deus todo poderoso por singular privilégio o escolheu entre todos os outros príncipes cristãos para naquelas partes acrescentar sua católica fé por seu serviço. Porque é certo que a santa, divinal e antiga doutrina que o apóstolo São Tomé ali derramou é já de todo perdida. E devemos notar nós e todos nossos sucessores e vindouros e assim das outras gerações este caso tão admirável e milagroso que de quatro mil léguas de tão

perigosa navegação, como há de Portugal à Índia, este sereníssimo príncipe a manda conquistar e subjugar, acrescentando sempre a nossa católica fé. Certamente bem se mostra isto vir por nosso senhor que lhe deu forte ânimo e grande saber para tudo acabar porque nunca de coração encolhido, fraco e avarento tão grandes feitos saíram senão de ânimo abastado de fortaleza e magnânimo varão. E quem bem considerar tamanhas coisas como estas já muita parte dos famosos feitos de Alexandre Magno e dos romanos ficam muito abaixo em respeito desta santa e grande conquista.

Capítulo 4

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis, do caminho e navegação que as naus que houverem de ir para a Índia devem fazer.

Três são os meses principais do ano em cada um dos quais as naus que houverem de ir para a Índia devem de ser de todo prestes para partir, a saber: Janeiro, Fevereiro, e Março. E destes três é o melhor Fevereiro ainda que muitas vezes se acontece partirem as naus em Abril e acharem tempos de próspera navegação. Mas nem por isto se devem errar os meses que digo, porque em alguma maneira irão tarde e poderão ter fadiga neste longo caminho. E a armada que para a Índia houver de ir cumpre levar toda sua lousa de tonéis, pipas, barris e outras vasilhas arqueadas de arcos de ferro e até oito arcos em cada peça podem bem abastar e dos arcos de pau se não deve fazer fundamento por sua pouca dura. Nos mantimentos não falo porque para viagem de dezoito e vinte meses

que se nesta navegação costuma porque já sabem o que lhe pode abastar. E já temos escrito nos vinte e três capítulos do primeiro livro que partindo a frota da excelente cidade de Lisboa, donde nós Duarte Pacheco autor somos natural, e onde se costumam fazer as armadas para se navegar a indiana região, devem fazer o caminho de su-sudueste duzentas léguas em fim das quais serão em vinte e oito graus de ladeza do círculo da equinocial contra o Pólo Ártico, onde são achadas as sete ilhas das Canárias. E irá ter na ponta donde a da Ilha de Forte Ventura junto com a qual com uma légua de terra e muito menos podem seguramente passar e dali devem ir ao sul e a quarta do sueste e com quarenta e cinco léguas de caminho acharão Angra dos Ruivos, na terra de além os sinais da qual temos já escrito nos vinte e três capítulos do primeiro livro. E esta angra tem em cima por conhecida três montes de areia e também se aparta em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Ártico vinte e cinco graus. E a três léguas desta angra em mar acharão cinquenta braças fundo de areia e ali podem fazer grande pescaria para mantimento da gente das naus e deste lugar correrão a costa em busca do Cabo Verde, como se adiante dirá.

Item. Partindo da Angra dos Ruivos três léguas em mar pelo Sudueste e a quarta do Sul noventa léguas correrão toda a costa sem tocar em terra. E por este caminho indo as ditas noventa léguas serão tanto avante como o Cabo Branco, de que já falámos no fim do derradeiro Item dos vinte e três capítulos do primeiro livro. E quem por esta via for será em mar do dito Cabo Branco dezassete até dezoito léguas e sendo verdadeiramente neste lugar lhe demorará o dito cabo em leste e estarão em vinte graus e vinte minutos em ladeza da linha equinocial contra o Pólo Ártico sem errarem coisa alguma; porque estes são os próprios graus e minutos que se este Cabo Branco da dita equinocial aparta na dita ladeza. E qualquer piloto que a tal nau mandar deve muito fazer

que esta altura e graus tome certo porque por eles saberá a verdade e escusará de cair em erro.

Item. Qualquer nau que for tanto avante como o Cabo Branco no lugar e rota que dito é, dali deve fazer o caminho ao sul e a quarta do sueste cento e vinte léguas. E irão dar na ponta do Cabo Verde, o qual está em quatorze graus e vinte minutos em ladeza da mesma equinocial contra o Pólo Ártico. E além de se conhecer já esta ladeza e graus se conhecerá pela pintura e sinais, que são escritos nos vinte e oito capítulos do primeiro livro, e poderão surgir e tomar água e lenha na angra de Bezeguiche, segundo nos ditos capítulos e pintura faz menção.

Capítulo 5

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis, como se deve fazer o caminho de Cabo Verde para a Índia pelo golfo.

Para se esta nossa obra melhor entender convém que declaremos como nosso fundamento foi escrevermos primeiro toda a costa da Etiópia de Guiné ao longo da ribeira do mar, assim como foi descoberta pelos príncipes, de que se neste livro faz menção, para se saber em todo o tempo como por seu mandado estas regiões se navegaram e hoje em dia navegam. E porque além do caminho que ao longo da terra escrevemos até ao Rio do Infante onde o sereníssimo Príncipe El-Rei Dom João, que Deus tem, acabou seu descobrimento e navegação, costumamos fazer outra via para a Índia partindo do Cabo Verde pelo golfo por onde se encurta mais a viagem e nos fica em maior proveito. Portanto, é necessário

que tudo se diga porque alguma coisa do que cumpre a este caso não fique por dizer. E como formos tanto avante como o Rio do Infante se escreverá a costa que dali por diante contra a Índia El-Rei nosso senhor descobriu.

Item. Todo o navio que estiver no Cabo Verde e houver de ir para a Índia, se lho vento servir a seu prazer, deve fazer o caminho do sul seiscentas léguas, no fim das quais se verdadeiramente as tiver andadas será em dezanove graus de ladeza do círculo equinocial contra o Pólo Antártico. E haverá de tal nau ao Cabo da Boa Esperança oitocentas e cinquenta léguas do qual lugar onde a tal nau estiver se deve fazer o caminho de lés-sueste e por esta via irão fora do dito cabo quarenta léguas em mar dele em termo das quais estará em trinta e sete graus de ladeza da mesma equinocial contra o Pólo Antártico. E então lhe demorará o Cabo da Boa Esperança ao nordeste e a quarta de norte pelo qual rumo se deve ir buscar e o piloto que a tal nau mandar não deve fazer este caminho de nordeste e da quarta do norte menos de ser nos ditos trinta e sete graus como dito é. Porque se em menos graus estiver e fizer o dito caminho tornará atrás para a costa de Guiné, salvo sendo em trinta e cinco graus da dita ladeza contra o Pólo Antártico, e também lhe demorará o dito Cabo da Boa Esperança em leste e será tanto avante como ele. Mas como for no lugar acima dito cumpre que faça o caminho do nordeste e da quarta de norte. E havendo vista do dito cabo, correrá a costa de longo caminho do Rio do Infante, o qual caminho vai já declarado no sétimo capítulo do terceiro livro e em todos os itens subjacentes ao dito capítulo até o fim deles. E se quiserem alargar da terra quinze ou vinte léguas em mar, bem o podem fazer, mas todo o que dito é se diz com cautela servindo o vento a prazer dos mareantes. E quando for contrário a razão, o siso e a prática lhe ensinará o que se deve fazer. E na travessa deste golfo de Cabo Verde por diante se deve ter grande aviso e vigia de dia e de noite, porque nele há muito grandes trovoadas que

trazem consigo maravilhosa força de vento. E cumpre que na hora em que virem algum relâmpago ou fuzil ou vulcão negro amainem suas velas até passar a força do tal vento porque se isto não fizerem coisa é que pode acontecer à nau em que topar se perder, como já por mau recado se perderam outras.

Capítulo 6

Do quarto livro do Esmeraldo de situ orbis, do que descobriram El-Rei nosso senhor do Rio Infante em diante.

Novo trabalho se nos oferece haveremos de escrever o que novamente mandou descobrir o sereníssimo Príncipe El-Rei Dom Manuel, nosso senhor, do rio do Infante em diante toda a Etiópia sob Egipto e a feliz Arábia com a Pérsia e a multidão das coisas dos opulentíssimos reinos da Índia com as vitórias neles havidas. E assim seguiremos nosso propósito nesta tão trabalhosa jornada da qual a experiência nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos.

Item. Jaz o Rio do Infante ...

Bibliography

Manuscripts

- Biblioteca Pública de Évora, Códice CVX/1-3. (<https://purl.pt/27102>)
- Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 888. (<https://purl.pt/21999>)

Text editions, and translations of the *Esmeraldo*

- Basto, Raphael Eduardo de Azevedo (1892). *Esmeraldo de Situ Orbis* por Duarte Pacheco Pereira. Lisbon, Imprensa Nacional.
- Dias, Augusto Epiphanio da Silva (1905). *Esmeraldo de situ orbis*. Lisbon: Sociedade de Geographia. Facsimile edition in 1975.
- Kimble, George H.T. (1937). *Esmeraldo de situ orbis, by Duarte Pacheco Pereira*. London, The Hakluyt Society.
- Academia Portuguêsa da História (1954). *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira, com Introdução e Anotações Históricas pelo Acadêmico de Número Damião Peres*, Lisbon, Academia Portuguêsa da História.
- Carvalho, Joaquim Barradas de (1991). *ESMERALDO de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira. Edition Critique et Commentée*. Lisbon, Fundação Calouste Gulbenkian.

Other works

- Amaral, Ilídio do (1983). “O Esmeraldo de Situ Orbis, de Duarte Pacheco Pereira, segundo Joaquim Barradas de Carvalho.” *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia* 18, no. 36: 393-401.
- Ávila Granda, Edgar and Marcos Borges Silveira (2000). “A viagem de Duarte Pacheco Pereira.” *Biblos* 12: 65-73
- Carvalho, Joaquim Barradas de (1964). “A decifração de um enigma: o título Esmeraldo de Situ Orbis” <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1964.122684>. *Revista de História* 28, no. 58: 339–348. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1964.122684
- ————— (1964). “As edições e as traduções do «Esmeraldo de Situ Orbis»” <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/122752>. *Revista de História* 29, no. 59: 67–80. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1964.122752.
- ————— (1964). “O *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira na História da Cultura”, *Revista de História* [Universidade de São Paulo], 29: 291–307.
- ————— (1967). “As fontes de Duarte Pacheco Pereira no *Esmeraldo de Situ Orbis*”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ————— (1974). “La traduction espagnole du “De situ orbis” de Pomponius Mela par maître Joan Fars et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira.” Lisbon: Junta de Investigações do Ultramar.
- ————— (1983). “À la recherche de la spécificité portugaise: L’*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes. Contribution à l’étude des origines de la pensée moderne.” Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais.

- Carvalho, Andreia Martins and Pedro Pinto (2012). “Da Caça de Mondragon à Guarda do estreito de Gibraltar (1508-1513): os guardiões da memória de Duarte Pacheco Pereira e a Economia da Mercê nos sécs. XVI-XVII.” *Anais da História de Além-Mar* 13: 221-332.
- Fage, J.D. (1980). “<https://doi.org/10.2307/3171656>”. *History in Africa* 7: 47-80. doi:10.2307/3171656
- Kimble, George H. T. (1937). “The *Esmeraldo de Situ Orbis*: An Early Portuguese Textbook on Cosmography and Navigation”. *Osiris* 3: 88-102. DOI: 10.1086/368471
- Laguarda Trías, Rolando A. (1991). “Fuentes de la lista de latitudes del *Esmeraldo de Situ Orbis*”. Off-print, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVI: 205-226.
- ————— (1970). “A Commentary on Duarte Pacheco Pereira’s Account of the Lower Guinea Coastlands in his *Esmeraldo De Situ Orbis*, and on Some Other Early Accounts” <https://books.google.pt/books?id=DDK19lfsWy-EC&pg=PA5#v=onepage&q&f=false>. Off-print, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXIV: 205-226.
- Ricard, R. (1927). “La côte atlantique du Maroc au début du XVIe siècle d’après des instructions nautiques portugaises”, *Hesperis* VII: 229-258.
- Thomaz, Luís Filipe, and João Paulo Oliveira e Costa. “A Bíblia e a expansão portuguesa” <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1990-.925>. *Didaskalia* 20, no. 1 (1 January 1990): 223-40.

Charts consulted

See MEDEA Chart Database <https://www.mede-chart.org/about>

- Anonymous. 1488-1492. "Columbus Chart." Last updated December 2021. <<https://medea.fc.ul.pt/view/chart/495>> (date accessed April 23, 2022)
- Vesconte Maggiolo. 1519. "Chart of Africa." Last updated March 2022. <<https://medea.fc.ul.pt/view/chart/1404>> (date accessed April 23, 2022)
- Vesconte Maggiolo. 1511. "Azimutal map of the Atlantic Ocean." Last updated May 2021. <<https://medea.fc.ul.pt/view/chart/350>> (date accessed April 23, 2022)
- [Vesconte Maggiolo]. [after c. 1507]. "Chart of the Gulf of Guinea & West Coast of Africa." Last updated December 2021. <<https://medea.fc.ul.pt/view/chart/640>> (date accessed April 23, 2022)
- [Vesconte Maggiolo]. [after c. 1507]. "Chart of the Mid-Atlantic Ocean". Last updated December 2020. <<https://medea.fc.ul.pt/view/chart/639>> (date accessed April 23, 2022). See also Kimble p.148.

